

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**EU, VELHO?**  
**Velhices e imagens corporais**

**Simone Mendonça Lage Welling**

**Belo Horizonte**  
**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Simone Mendonça Lage Welling**

**EU, VELHO?**  
**Velhices e imagens corporais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Márcia Stengel**

**Belo Horizonte**

**2009**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

W452e Welling, Simone Mendonça Lage  
Eu, velho? : velhices e imagens corporais / Simone Mendonça Lage Welling. - Belo Horizonte, 2009.  
148 f. : il.

Minas Orientador: Márcia Stengel  
Dissertação (Mestrado): Pontifícia Universidade Católica de  
Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
Bibliografia.

1. Envelhecimento – Aspectos psicológicos. 2. Corpo. 3. Imagem corporal. 4. Velhice. I. Stengel, Márcia. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.922.63

Bibliotecária: Rosana Matos da Silva Trivelato – CRB 1889

Simone Mendonça Lage Welling

## **EU, VELHO?**

### **Velhices e imagens corporais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

---

Márcia Stengel (orientadora) – PUC Minas

---

José Alfredo Oliveira Debortoli – UFMG

---

José Newton Garcia de Araújo – PUC Minas

Belo Horizonte, 16 de setembro de 2009.

*Para Bernardus, por envelhecermos juntos.*

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é o fruto de um extenso processo de reflexão e elaboração sobre as questões da imagem corporal na velhice, alcançado através do diálogo com muitas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais a cada etapa de realização deste trabalho.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC - Minas, pelos aportes teóricos e acesso a bibliografias que ampliaram os meus conhecimentos e colaboraram para uma melhor compreensão do meu tema de pesquisa, e à Marília e ao Celso pela disponibilidade em solucionarem as minhas questões administrativas.

De coração, agradeço às pessoas que participaram como entrevistados da pesquisa, recebendo-me carinhosamente em suas casas para contar-me suas histórias e desejos, sendo receptivos ao meu retorno, caso fosse necessário.

Muito obrigada à coordenação, professores e colegas do curso de psicologia do UNILESTE-MG, pelo apoio e interesse pelo tema de minha pesquisa, como também, pela dedicação no ensino das psicologias.

Quero agradecer especialmente:

☆ À Professora Doutora Márcia Stengel, minha orientadora, pela sua constante dedicação e inestimáveis colaborações à minha pesquisa, estimulando-me a manter o fôlego na escrita. E, ao seu peculiar carinho e respeito ao meu tempo e jeito de elaborar.

☆ Aos Professores Doutores José Alfredo e José Newton pelas preciosas contribuições no projeto, possibilitando-me buscar novos olhares para a pesquisa.

☆ À Professora Doutora Márcia Rosa pela sua generosidade em me acolher, discutir o início do meu projeto de pesquisa e permanecer presente, estimulando-me à escrita.

☆ Ao Bernardus, meu amor, companheiro e incentivador que não mediu esforços para eu realizar este mestrado. E, a nossa filha Thiciane, pela sua preciosa ajuda na escrita e leitura dos meus textos. Uma doce presença.

Finalmente, quero agradecer à minha família que me possibilitou crescer em meio aos livros, músicas e muitas brincadeiras, e às minhas sobrinhas e aos sobrinhos que já sabiam que a tia não comparecia porque escrevia. Às minhas amigas, por compreenderem a minha distância. E, à minha análise, pelo espaço de elaboração dos meus desejos.

A todos vocês, uma merecida velhice!

*“Se o que pensamos a respeito do corpo é que sua condição está muito mais relacionada com nossa imagem interior do que com o tempo, então, não devemos nos impacientar por sermos demasiadamente jovens nem nos assustar por sermos demasiadamente velhos.”*

Richard Bach (in De Fugindo do Ninho)



## RESUMO

A pesquisa discute como o velho percebe a própria imagem corporal, a partir de um *corpus* teórico realizado para o estudo da velhice, imagem corporal e o corpo no mundo atual; e uma pesquisa de campo. A velhice foi pluralizada para velhices devido à variedade de possibilidades de sentidos encontrados para o termo: velhice orgânica, social e psíquica, e, também, ao considerar que cada entrevistado constrói a sua própria velhice. A imagem corporal também ficou pluralizada, pois, semelhante à noção de velhice, a imagem corporal é discutida teoricamente a partir de diferentes autores e cada entrevistado tem possibilidades variadas e particularizadas de perceber a própria imagem corporal em relação aos muitos outros semelhantes, circunstâncias e objetos. Tanto no estudo das velhices como das imagens corporais ficou evidente a dificuldade dos autores em conceituá-las, de modo que o termo velhice pode significar ou não envelhecimento, e o termo imagem corporal pode ser sinônimo ou não de esquema corporal. Discutiu-se a noção de percepção no estudo das imagens corporais a partir do conceito de corporalidade proposta por Merleau-Ponty (1999) e o de envelhescência sugerida por Berlinck (2000). Apresenta-se o estatuto do corpo prevalente na cultura da imagem e juventude contraposta à experiência de velhices. A pesquisa de campo foi realizada na abordagem qualitativa, utilizando a entrevista semiestruturada. Foram entrevistados sete sujeitos de ambos os sexos, com idades a partir de 65 anos, participantes e não participantes de programas direcionados à terceira idade e moradores do município de Timóteo-MG. Os dados obtidos foram tratados pela análise de discurso por possibilitar a compreensão dos sentidos produzidos pelos entrevistados para a percepção de suas imagens corporais. Em síntese, o resultado das análises demonstra que, ao perceber as suas imagens corporais, os sujeitos da pesquisa declaram o corpo atravessado pelas circunstâncias do mundo e suas próprias experiências de vida. Imagens essas com as quais os entrevistados se identificam ou não, denotando certo descompasso entre o modo que o sujeito se percebe e o reflexo nos espelhos. Os entrevistados não se dizem velhos, mesmo que tenham muitos anos de vida, percebam as transformações do corpo, as perdas físicas e sociais, e aceitem dizer que vive a fase da velhice.

Palavras-chaves: corpo, envelhescência, imagem corporal, velhice.

## ABSTRACT

The research discusses the way elderly people perceive their own corporeal image from a theoretical *corpus* on the study of old age, corporeal image and body in current world as well as a field research. Old age was pluralized to “old ages” because of the variety of meanings found for the term: organic, social, psychic old age and also because each person we interview build their own old age. Corporeal image was also pluralized as, similarly to the notion of old age, corporeal image is theoretically discussed according to different authors and every person interviewed has different and particular possibilities to perceive their own corporeal image with regard to their fellow creatures, circumstances and objects. Both in the study of old age and corporeal images it became evident the difficulty of authors to classify them, therefore the term old age may mean get older or not and the term corporeal image may be synonymous with corporeal scheme or not. The notion of perception regarding the study of corporeal images was discussed according to Merleau-Ponty’s proposal for the concept of corporality (1999) and Berlinck’s aging concept (2000). Body statute is prevalent in the culture of image and youth opposed to the aging experience. The field research was carried out with a qualitative approach, using a semi-structured interview. Seven subjects aging 65 up of both sexes were interviewed, participating or not in programmes directed to the third age, living in the municipality of Timóteo, MG. The data obtained were treated through discuss analysis because it makes it possible to understand the meanings produced by the people interviewed regarding the perception of their corporeal images. To sum up, the result of the analyses shows that when they perceive their corporeal image the subjects in the research declare having their bodies crossed by world’s circumstances and their own life experiences. With such images the people interviewed identify themselves or not, denoting a certain gap between the way the subject perceives itself and its reflections in the mirror. The people interviewed do not consider themselves old people even though they are actually old, notice the changes in their bodies, the physical and social losses and accept to say they are living the old age.

Key words: body, aging, corporeal image, old age.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	11
2. VELHICES .....	15
2.1 Velhice ou envelhecimento? .....	15
2.2 Velhice como fato orgânico .....	18
2.3 Velhice como fato naturalizado .....	20
2.4 Velhice como categoria socialmente produzida .....	21
2.4.1 <i>Terceira Idade: a arte do bem envelhecer</i> .....	28
2.5 Velhice e o psiquismo .....	31
2.5.1 <i>Velhice e o sentimento de perdas</i> .....	32
2.5.2 <i>Velhice e a percepção de proximidade com a morte</i> .....	35
2.5.3 <i>Velhice e o sentimento de desamparo e solidão</i> .....	37
3. O CORPO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO .....	39
3.1 O corpo como construção sócio-histórica .....	40
3.2 O corpo como parceiro .....	43
3.3 O corpo é o limite .....	46
4. IMAGENS CORPORAIS .....	51
4.1 A imagem corporal no estádio do espelho segundo Jacques Lacan .....	52
4.2 A imagem inconsciente corporal segundo Françoise Dolto .....	55
4.3 Considerações sobre as imagens corporais de Jacques Lacan e Françoise Dolto .....	58
4.4 Corporalidade: a percepção do próprio corpo conforme Merleau-Ponty .....	59
4.5 Envelhescência: desencontro no espelho com a própria imagem corporal .....	61
5. METODOLOGIA .....	64
5.1 Participantes da pesquisa .....	65
5.2 Apresentação dos participantes .....	66
5.3 Instrumentos de pesquisa.....	72
5.4 Procedimentos para a coleta de dados .....	72
5.5 Método para a análise e interpretação dos dados .....	74

6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	76
6.1 Trabalho e não-trabalho .....	76
6.1.1 As noções de “trabalho” e “não-trabalho” segundo os entrevistados que afirmam trabalhar .....	77
6.1.2 As noções de “trabalho” e “não-trabalho” segundo os entrevistados que não afirmam trabalhar .....	83
6.1.3 O valor financeiro da aposentadoria na vida dos entrevistados .....	86
6.2 Percepções de imagens corporais .....	88
6.2.1 “Eu sou”: imagens das identificações .....	89
6.2.2 “Você”: imagens para dizer de si mesmo .....	90
6.2.3 Imagens percebidas do corpo .....	91
6.2.3.1 O corpo percebido como organismo envelhecido .....	91
6.2.3.2 O corpo percebido como objeto de cuidado .....	93
6.2.3.3 O corpo percebido como renovável .....	96
6.2.4 Imagens corporais percebidas no reflexo dos espelhos .....	97
6.3 Velhice .....	102
6.4 Idade .....	108
6.5 Perspectivas de futuro .....	115
6.6 Parceria amorosa .....	119
6.7 Finitude e morte .....	125
7. CONCLUSÃO .....	131
REFERÊNCIAS .....	137
APÊNDICE: Roteiro de entrevista realizada com os sujeitos de pesquisa .....	148

## 1. INTRODUÇÃO

O tema da minha pesquisa é a percepção que o velho tem da própria imagem corporal a partir da sua experiência de velhice e das significações dadas ao corpo no contexto do mundo contemporâneo. Esse tema de pesquisa, que considero instigante, surgiu a partir da minha inquietação diante da experiência profissional em programas designados para a terceira idade, nos quais tive a oportunidade de constatar que algumas questões sobre a velhice, mesmo que não verbalizadas diretamente, se apresentavam diariamente nas conversas que os alunos e eu mantínhamos entre os horários das aulas. Para efeito de exemplo, era recorrente os participantes pedirem para eu adivinhar a idade deles e/ou dizer qual entre eles aparentava menor idade cronológica. E eu percebi que essa era uma questão complexa, porque o que aquelas perguntas aludiam como resposta não era simplesmente a idade cronológica e sim o sentido que essa teria caso eu a considerasse menor ou maior do que a idade atual da pessoa em questão. Eu notei que a expectativa das pessoas era de aparentar ter sempre menor idade em relação à própria idade ou à do colega da mesma idade.

De certa forma, essa minha vivência no Programa para a terceira idade exemplifica as dificuldades que algumas pessoas velhas têm para dizer que estão velhas ou falar da própria velhice. Diante das significações dadas à velhice e a articulação à idade cronológica, algumas pessoas, provavelmente, não se percebem como velhos. Nesse caso, há uma população que se recusa a designação de velha e participa de programas da terceira idade – nota-se que é um programa de não velho – o que possibilita pensar na premissa de envelhecer sim, ficar velho não.

Velho é um dos possíveis adjetivos que denota, na linguagem popular, um sentido pejorativo à imagem de quem está envelhecido. Se retornarmos na história da humanidade, pode-se verificar que o termo velhice ficou, na maioria dos tempos, vinculado ao significado da imagem de decrépito e decadente devido às naturais perdas corporais decorrentes do processo de envelhecimento. Porém, o termo pode estar articulado à ideia de vitalidade, longevidade, sabedoria, autoridade, respeito e à idade cronológica avançada (BEAUVOIR, 1990).

Conforme Weineck (1991), a Organização Mundial de Saúde (OMS) propõe uma classificação cronológica das faixas etárias conforme o processo de desenvolvimento e envelhecimento do homem. A primeira classificação abrange dos 15 aos 30 anos e é denominada de “idade adulta jovem ou juvenil”. Dos 31 aos 45 anos é a “idade madura”.

Quem tem entre 46 e 60 anos está na “idade de mudança ou média”. A faixa etária do “homem mais velho” compreende as idades entre os 61 e 75 anos. Na faixa etária do “homem velho”, as idades são entre 76 e 90 anos, e a faixa etária do “homem muito velho” é a última, que compreende as idades acima de 90 anos. O período entre 46 e 60 anos é também designado como “período do homem em envelhecimento” ou “início da idade da involução”, fase na qual ocorrem alterações determinantes do subsequente envelhecimento humano (WEINECK, 1991, p.329).

Sabe-se que o envelhecimento demográfico é uma realidade que contrasta com a valorização desmesurada da imagem jovem no contexto sócio-histórico contemporâneo (IBGE, 2000). Há uma previsão de que teremos no ano de 2025 mais idosos do que crianças no planeta e o Brasil ficará classificado como o sexto país do mundo com o maior número de pessoas na velhice. Estima-se que a expectativa de vida da população idosa no Brasil será de 92,5 anos para as mulheres e de 87,5 anos para os homens (IBGE, 2000).

Desta forma, para além da importância da compreensão dos significados de velhice e quem ou quando se fica velho culturalmente, o meu objetivo nesta pesquisa é analisar como o velho percebe a própria imagem corporal a partir da sua experiência de velhice e das significações dadas ao corpo no contexto do mundo contemporâneo.

Para isso, a pesquisa comporta o estudo de um *corpus* teórico e a realização de uma investigação de campo a partir da questão: como o velho percebe a própria imagem corporal? O *corpus* teórico contempla autores das disciplinas de geriatria, gerontologia, psicologia, psicanálise, sociologia, educação e antropologia como aportes para as análises dos dados coletados na pesquisa de campo.

A pesquisa de campo realizada inscreve-se na metodologia de entrevista semiestruturada com sete pessoas de idades a partir de 65 anos, de ambos os sexos, sendo dois participantes de programas destinados aos idosos e/ou terceira idade, e cinco não-participantes. Todos são moradores do município de Timóteo - MG.

A cidade de Timóteo localiza-se na região leste de Minas e pertence à Região Metropolitana do Vale do Aço, aproximadamente, há 216 km de distância de Belo Horizonte. Sua população está estimada em 76.092 habitantes, sendo 1.558 os residentes no município na faixa etária entre 65-69 anos, 1.073 residentes entre 70-74 anos, 588 residentes entre 75-79 anos e 428 residentes com 80 e mais anos (IBGE, 2004).

Uma peculiaridade do município é abrigar dois programas destinados aos idosos, mesmo que, ultimamente, o critério da idade foi modificado para favorecer os adultos não idosos em processo de envelhecimento. O “Programa Humanizar” é promovido pela

Secretaria Municipal de Saúde, Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Timóteo e tem 10, aproximadamente, núcleos distribuídos nos bairros do município, atendendo cerca de 1.600 participantes.

A empresa siderúrgica ArcelorMittal Inox Brasil, antiga ACESITA, é mantenedora da Fundação ArcelorMittal Acesita, na qual se encontra o “Programa Andanças: Em busca de novos caminhos”, direcionado para o público de aposentados(as) e esposas(os), pensionistas e pessoas acima de 40 anos. No ano de 2008, participaram 833 pessoas de 49 atividades oferecidas pelo Programa. A principal premissa que norteia as ações do Programa Andanças é a crença de que “cada ser humano é sujeito de sua própria transformação social, desde que lhe seja dada a oportunidade para buscá-la” (ARCELORMITTAL, 2009).

A estrutura da dissertação está dividida em capítulos, sendo assim distribuídos: o segundo capítulo é dedicado à compreensão da velhice nos seus aspectos biológico, social e psíquico.

O terceiro capítulo está destinado ao estudo da imagem corporal para fundamentar o fato de que a velhice marca suas trilhas silenciosamente em nossa imagem, mesmo que só a percebamos no outro (MUCIDA, 2006). Comumente, muitos velhos não se dão conta de que estão tão envelhecidos ou de que, pelo menos, não aparentam mais certa idade aos olhares do outro que, num mal dito, os revela numa imagem de velho. Há uma evidente dificuldade com a imagem envelhecida, de tal modo que o velho é sempre o outro no qual não nos reconhecemos.

O quarto capítulo propõe discutir o corpo na contemporaneidade e suas implicações na construção da imagem corporal do velho. A pessoa velha está perpassada e implicada pelo pensamento do mundo contemporâneo que é caracterizado pela lógica capitalista do consumo, pelas novas e crescentes tecnologias e avanços da biologia, valorização da imagem corporal e prevalência do imperativo: fique jovem!

O capítulo cinco esclarece a abordagem qualitativa utilizada na metodologia da pesquisa, que teve como instrumento a entrevista semiestruturada, seguida a partir de um roteiro de pesquisa contendo tópicos temáticos que direcionam a entrevista, ao mesmo tempo em que o sujeito pode se expressar livremente.

O capítulo seis apresenta a análise de discurso das entrevistas a partir dos sentidos produzidos pelos sujeitos e reunidos metodologicamente como velhices, trabalhos e não-trabalhos, imagens corporais, finitude e mortes, parcerias amorosas e perspectivas de futuro. Por último, as conclusões e considerações finais da dissertação.

Sabe-se que a velhice sempre causou enigmas ao ser humano, apesar de haver poucas produções científicas fundamentadas em teorias empíricas e com clareza de definição sobre o que se pretende pesquisar (NERI, 2006). Posto isto, deve-se considerar a relevância desta pesquisa na produção de informações a partir da própria percepção da pessoa na velhice e, em consequência, sobre a relação do velho com o próprio corpo. Ressalto que há escassez de material científico sobre o tema proposto, de forma que se descortina um campo vasto à pesquisa para o estudo e a qualificação dos profissionais das ciências de saúde, humanas e sociais que trabalham com os velhos. Acredito que este tema, cada vez mais presente na nossa realidade devido ao aumento da longevidade populacional, desperta interesses aos acadêmicos de variadas áreas de estudo ao suscitar-lhes novas questões sobre a velhice e modos de se tratar o idoso, causando favoráveis consequências nas comunidades, famílias e ao próprio idoso. Considero importante que esta pesquisa seja acessível também à população em geral para se informar sobre questões pertinentes do processo irreversível de envelhecimento e, assim, ajudá-las a considerar melhor a própria velhice.



## 2. VELHICES

Neste capítulo, a velhice é apresentada pluralizada devido às possibilidades de compreendê-la como uma etapa de vida autônoma, processo de alterações orgânicas inerentes ao corpo vivo, o estado psíquico que qualifica uma pessoa, geralmente, de modo pejorativo, e as significações particularizadas de cada sujeito. Essa variabilidade de noções é decorrente da constatação de que há dificuldades teóricas em conceituar e descrever a velhice universalmente para uma diversidade de disciplinas acadêmicas, sujeitos e contextos sócio-históricos, conforme descrito no texto a seguir.

### 2.1 Velhices ou envelhecimento?

Na literatura especializada encontra-se, declaradas ou não, as dificuldades dos especialistas em delimitarem, definirem e estabelecerem uma teorização mais consensual sobre os fenômenos de envelhecimento e velhice. Várias perspectivas conceituais sobre estes fenômenos foram elaboradas segundo abordagens teóricas diferentes ou numa mesma abordagem. Há casos em que o mesmo autor utiliza, num único texto, os termos envelhecimento e velhice ora como sinônimos e ora com significados distintos.

No clássico livro *A Velhice*, Beauvoir (1990) faz uma evidente distinção entre o que seja o processo de envelhecimento e o envelhecimento. O processo de envelhecimento corresponderia às mudanças orgânicas que ocorrem em cada momento do desenvolvimento do corpo biológico, e o envelhecimento seria o momento específico de constatação de declínio desse corpo.

Portanto, nota-se que a autora não faz uma distinção precisa entre o que sejam o envelhecimento e a velhice, equivalendo os termos ao mesmo sentido e utilizando-os indistintamente. Entretanto, há momentos em que a autora parece distingui-los, e o termo envelhecimento adquire o sentido de processo: “A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança.” (BEAUVOIR, 1990, p.17). Já a seguir, o termo velhice adquire o significado de uma realidade biológica revestida conforme o contexto social: “a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade;

ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural”. (BEAUVOIR, 1990, p.20).

Na perspectiva da velhice marcada pelo corpo biológico e pelos efeitos da cultura, pode-se citar a antropóloga Debert (1994), quando propõe a distinção de um fato universal e natural de um fato social ou histórico. A autora caracteriza a velhice como uma categoria socialmente produzida quando adquire significados particularizados nos diversos contextos sociais e culturais de uma mesma época ou em diferentes tempos históricos. Essa perspectiva é possível porque o envelhecimento é considerado um fato universal e natural, que constitui o ciclo biológico do ser humano desde o nascimento à morte, e no qual é possível conceber e viver a velhice numa variabilidade de formas (DEBERT, 1994). Isto torna factível a afirmativa de Britto da Motta (2006) quando propõe a existência de velhices e não da velhice no singular.

Conforme Britto da Motta (2006), a visão preconceituosa sobre o velho tornou-se naturalizada e reúne, geralmente, as características de alguém com bastante idade, de aparência asquerosa e enrugada, com ideias do passado, inativo, pouco ágil e de alguém que se espera comedimento na participação social. E o envelhecimento tornou-se um mecanismo para a classificação e o estabelecimento de parâmetros no desenvolvimento das pessoas.

Papaléo Netto (2006) organiza a noção de envelhecimento perpassada por fatores que ultrapassam a dimensão genética ou biológica. Para o autor, a gerontologia pressupõe o envelhecimento na existência de uma base genética na qual atuam com intensidades variadas os fatores extrínsecos (estilo de vida), psicossociais (culturais, sociais, psíquicos e econômicos) e ambientais (relacionados com o meio ambiente, como o mau estado da água, a poluição nos meios urbanos e a existência de transmissores de doenças). Esses três fatores determinam o envelhecimento orgânico que, por sua vez, causa alterações funcionais, celulares e moleculares, que diminuem a capacidade de homeostasia, predispondo o corpo ao adoecimento.

Entretanto, há publicado o seguinte trecho: “O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto, cujos componentes estão intimamente relacionados”. (PAPALÉO NETTO, 2006, p.9). Nessa frase, o autor iguala os termos velho e idoso, e os significam como o “resultado final” do processo de envelhecimento e/ou da velhice. Portanto, a morte também pode ser compreendida como o resultado final do processo de envelhecimento, que, segundo o autor, vai desde a concepção até a morte.

Na gerontologia social, Moragas (1997) elabora o envelhecimento como um processo biológico que é inerente a todo ser humano, cujo resultado é a velhice, caracterizada como uma realidade em que uma parte da população viverá. Para o autor, o envelhecimento é um fenômeno complexo, que, para além do aspecto orgânico, é interferido pelos aspectos psíquicos e sociais. E, a velhice tem uma variedade de conceitos que podem ser agrupados sob três concepções: velhice cronológica, velhice funcional e velhice enquanto etapa vital.

É interessante observar que Moragas (1997), ao conceituar a velhice funcional, parece descrevê-la de forma semelhante ao processo de envelhecimento enquanto alterações biológicas, como colocado por Papaléo Neto (2006). Na concepção da velhice cronológica, ele introduz a questão da idade como um dado de referência social para se estabelecer a velhice, mesmo que afirme não ser a idade um dado fundamental.

Na psicologia do desenvolvimento, Neri (2006) apresenta a perspectiva teórica denominada de paradigma *Life-span*, que significa ao longo de toda a vida. Nesse paradigma, o desenvolvimento e o envelhecimento são considerados processos concorrentes, porque as mudanças evolutivas e de crescimento, como as mudanças de degeneração e perdas, se fazem presentes em toda a extensão de vida do ser humano.

Messy (1999) pressupõe a velhice como um estado – estado de velhice – que ocorre em consequência de um desequilíbrio entre as noções de aquisição e perdas psíquicas no envelhecimento; algo circunstancial e independente das idades. Assim, a velhice não seria uma fase da vida, necessariamente, após a idade adulta e sim, um estado no qual o sujeito se encontra quando perde o desejo. Então, como o desejo pode ser perdido em qualquer fase da vida, provocando o desinvestimento libidinal, podemos inferir que isso pode ser considerado um “marcador” para definir a velhice.

A hipótese apresentada por Messy sobre a velhice como algo circunstancial e que implica a ruptura do desejo não é compactuada por Mucida (2006). Para a autora, a vida passa pela velhice e, por isso, há nela uma implicação com o desejo (MUCIDA, 2006). O desejo está articulado ao desejo inconsciente freudiano e ao reconhecimento do desejo do outro. Nasce da distância entre a demanda de amor que é endereçada a alguém e incide sobre um objeto, e da necessidade, que é de natureza biológica. O desejo incide sobre uma fantasia, por isso, é desejo do desejo do outro para ser reconhecido por este outro imaginário (ROUDINESCO e PLON, 1998).

Para concluir, a nomenclatura envelhecimento pode adquirir diferentes significados: momento de declínio do corpo, o período de toda uma vida (*continuum*), um momento do desenvolvimento orgânico (fase), mudanças orgânicas (processo) ou processo biológico, “ao

longo de toda a vida” (*life-span*) e fato natural. Pode-se também constatar que é possível diferenciar o processo de envelhecimento do envelhecimento, ou corresponder envelhecimento à velhice.

A velhice também adquiriu alguns significados diferentes: envelhecimento, fase da vida, fato histórico-social, tempo da idade avançada, estado de velho, etapa vital, tempo cronológico. A velhice foi pluralizada para velhices e, na psicanálise, considerada inexistente para a instância do inconsciente que é intemporal.

Deste modo, na dissertação, afirmo a velhice como uma fase da vida em processo de envelhecimento, na qual o corpo como suporte dos aspectos biológicos habita tanto a pessoa que interage no contexto sócio-histórico-cultural e é caracterizado de velho, como o sujeito do inconsciente, que não se reconhece como tal, porque velho é sempre o outro. Todos esses aspectos da vida estão, na expressão de Papaléo Netto (2006), “intimamente ligados”, constituindo a velhice de uma pessoa, que é única e particularizada num universo de muitos.

Portanto, o termo velhice comporta uma diversidade de noções biológicas, diferentes sentidos históricos e sociais, significados particularizados que justifiquem a sua pluralidade: velhices.

## **2.2 Velhice como fato orgânico**

A velhice pode significar, especificamente, as alterações orgânicas que, irremediavelmente, tornam-se evidentes no corpo vivo na fase de vida da velhice. Algumas dessas principais transformações corporais serão apresentadas e descritas no contexto a seguir.

Segundo Jacob Filho e Souza (2000), o corpo diminui na estatura, aproximadamente, um centímetro por década em decorrência do achatamento dos arcos dos pés, do aumento das curvaturas da coluna e das alterações nos discos vertebrais. Os autores afirmam que a composição corporal é modificada devido ao maior acúmulo do tecido adiposo, principalmente, na região do tronco. Outro fator é o declínio do volume de água corporal total no organismo entre 15% a 20%, uma perda que se deve, principalmente, à diminuição geral do número de células nos órgãos, ocorrendo em maior proporção nos rins e no fígado. Para Barros Filho e Napoli (2006), há também uma maior perda da massa muscular, que causa atrofia e conseqüente diminuição da força muscular.

Para Jacob Filho e Souza (2000), o volume e o peso do cérebro diminuem. O coração, ao contrário do que ocorre aos outros órgãos, aumenta de peso. Há um aumento da espessura da parede do ventrículo esquerdo, mesmo que as causas para que isso aconteça não sejam ainda conhecidas.

A fisionomia adquire a “conformação típica facial do idoso”, porque o nariz e as orelhas continuam a crescer (JACOB FILHO e SOUZA, 2000, p.32). Segundo os autores, a perda dos dentes é facilitada, porque na cavidade oral ocorre uma série de alterações, como a atrofia e perda de elasticidade dos tecidos, da mucosa, das estruturas musculares e ósseas. As papilas linguais também atrofiam, causando uma redução no paladar, que pode levar à inapetência.

Segundo Jacob Filho e Souza (2000), a pele fica visivelmente modificada: enrugada, seca, áspera, mais fina, pálida, sensível às variações de temperatura. Ela fica sujeita a infecções devido ao fato de as glândulas sudoríparas e sebáceas diminuírem o ritmo de atividade. Pode haver formação de manchas hiperpigmentadas, que são manchas marrons, lisas e achatadas, que aparecem principalmente no dorso das mãos. Ocorre também a comum queratose seborreica, que é formada por um conjunto de manchas salientes, escuras ou marrons.

Os pelos do corpo diminuem, com exceção dos das narinas, orelhas e sobrancelhas. Os autores descrevem que, na mulher, há o aumento de hormônios andrógenos e diminuição dos estrógenos, causando o crescimento dos pelos acima do lábio superior e queixo. Também há uma predominância da queda dos cabelos e da canície, o embranquecimento dos cabelos.

Os autores prosseguem afirmando que, no sistema respiratório, a maior parte das alterações é causada pela conseqüente diminuição da elasticidade pulmonar, que resulta na perda de mobilidade da caixa torácica e discreta diminuição da superfície total dos alvéolos no pulmão, o que ocasiona um processo respiratório mais lento em relação ao anterior.

Há alterações nos aparelhos reprodutores feminino e masculino. Nos homens, as alterações são menos evidentes. Há uma diminuição, sem ultrapassar os limites da normalidade, do número de espermatozoides e do hormônio testosterona. Nas mulheres, os órgãos reprodutores diminuem no peso e se atrofiam. Há a diminuição e o estreitamento da vagina, perda de peso e da elasticidade do tecido do útero. As mamas tornam-se pendentes e flácidas, e as glândulas mamárias perdem o tecido gorduroso, que é substituído por tecido fibroso.

Há ainda a deficiência auditiva e visual, a perda de equilíbrio, a diminuição da coordenação motora e tantas outras alterações corporais que configuram o processo de envelhecimento na velhice, e não o envelhecimento da velhice.

### **2.3 Velhice como fato naturalizado**

O discurso das ciências biológicas é de tal forma impactante na cultura que a maioria dos modos de elaboração e formalização das alterações orgânicas na velhice fica circunscrita como fato natural e universal.

Para Jeckel-Neto e Cunha (2006), a lógica da naturalização deve-se, certamente, à velhice ser caracterizada pelas transformações orgânicas significadas como processo de envelhecimento ou envelhecimento. A partir dessa constatação, os biogerontólogos propõem que as mudanças orgânicas características da velhice ou processo de envelhecimento devem ser intrínsecas, progressivas, universais e deletérias.

Em síntese, o processo de envelhecimento ou a velhice deve ser sempre causado por condições internas (intrínsecas), que, ao longo dos anos e gradualmente (progressivas), reduzem a capacidade funcional do organismo de todos os seres humanos vivos (universais) até levá-los à morte (deletérias).

Segundo Papaléo Netto (2006), esses quatro fatores determinantes para caracterizar a velhice ou envelhecimento são abrangentes quando pensados na particularidade de cada organismo. A velhice ou envelhecimento ocorre de forma diferenciada entre as pessoas e de forma variável para cada sistema do organismo da mesma pessoa. Isso justifica algumas das dificuldades para se estabelecer formalmente o termo envelhecimento, as teorias biológicas e a mensuração das alterações biofisiológicas.

Tais dificuldades podem ser representadas nas diversas tentativas de classificação da noção de envelhecimento como em “envelhecimento normal” e “envelhecimento patológico” (PAPALÉO NETTO e PONTE, 1996, p.4); “envelhecimento usual ou comum” e “envelhecimento bem-sucedido ou saudável” (PAPALÉO NETTO, 2006, p.10); “envelhecimento normativo”, que foi derivado em “envelhecimento normativo primário” e “envelhecimento normativo secundário” (PAPALÉO NETTO, 2006, p.10); “senescência ou senectude” e “senilidade” (PAPALÉO NETTO e PONTE, 1996, p.4); (JECKEL-NETO, 2006, p.14); (JACOB FILHO e SOUZA, 2000, p.31); e (PAPALÉO NETTO, 2006, p.14).

O interessante é que essas expressões classificatórias citadas anteriormente são tomadas de conteúdos que qualificam especificamente o envelhecimento na fase da velhice. Não é usual se dizer que o envelhecimento do adolescente está normal ou é bem-sucedido. Outro aspecto importante são as expressões que ainda são usuais para designar a qualidade do envelhecimento em senescência ou senectude e senilidade. Basicamente, para Jacob Filho e Souza (2000), a senescência ou senectude resulta das alterações naturais do processo de envelhecimento, e a senilidade resulta das afecções que podem acometer as alterações naturais do organismo vivo e humano.

Da mesma forma, pode-se observar também que há uma variedade de teorias biológicas do envelhecimento<sup>1</sup> que foram produzidas ao longo do tempo. Para efeito comparativo, a proposta é enumerá-las a partir de duas referências de Papaléo Netto, sendo uma publicação datada de 1996 e a outra de 2006.

A publicação de 1996 cita as respectivas teorias: “teoria da taxa de vida”; “teoria dos radicais livres”; “teoria baseada em alterações dos sistemas orgânicos ou teoria do marcapasso”; “teorias baseadas em alterações celulares e macromoleculares”; e “teorias das ligações cruzadas” (PAPALÉO NETTO e PONTE, 1996).

A publicação de 2006 cita: “teorias estocásticas: teoria de uso e desgaste, proteínas alteradas, mutações somáticas, erro catastrófico, desdiferenciação, dano oxidativo, lipofuscina e o acúmulo de detritos, mudanças pós-tradução em proteínas”; “teorias sistêmicas: teorias metabólicas, teorias genéticas, apoptose, fagocitose, teorias neuroendócrinas, teorias imunológicas, hormese e resistência ao estresse” (PAPALÉO NETTO, 2006).

Finalmente, conforme Papaléo Netto (2006), nenhuma das teorias explica tudo sobre a velhice ou o envelhecimento, mas nenhuma deve ser rigorosamente descartada.

## **2.4 Velhice como categoria socialmente produzida**

No discurso das ciências sociais, a velhice pode ser considerada uma “categoria socialmente produzida” (DEBERT, 1994, p.8). O termo categoria significa um “conjunto de

---

<sup>1</sup> Nesta dissertação, as teorias do envelhecimento apresentadas não serão discutidas uma a uma, apenas citadas para mostrar a variabilidade de teorias que surgem ao longo dos anos para explicar o processo de envelhecimento. Para melhores informações, conferir as referências (PAPALÉO NETTO e PONTE, 1996; PAPALÉO NETTO, 2006).

pessoas ou coisas que possuem muitas características comuns e podem ser abrangidas ou referidas por um conceito ou concepção genérica; classe, predicamento” (HOUAISS, 2002).

Para Debert (1994), a velhice é produzida quando reconhecida como o produto dos diversos modos pelos quais as alterações do organismo vivo e humano, denominado pelas ciências biológicas de processo de envelhecimento, e o curso de vida são concebidos simbolicamente e vividos dentro dos grupos sociais de diversas culturas ao longo das épocas.

Os estudos etnográficos demonstram que muitas culturas apresentam formas de sociedade que são distintas umas das outras. Essa diversidade cultural propicia o rompimento da noção de naturalização da vida social, que surge na tendência das sociedades em conceberem os próprios fatos e costumes como naturais e universais.

A cultura se inscreve nos corpos humanos de forma particular para cada sociedade, sendo os modos de simbolização da imagem do corpo uma construção cultural (FEATHERSTONE, 1994). Dessa forma, o fato de as pessoas ficarem visivelmente marcadas no corpo pelas transformações que acarreta o processo de envelhecimento na velhice produz significações particularizadas para as sociedades. Em muitas culturas ocidentais, a conformação corporal e a evidente perda das habilidades motoras, cognitivas e emocionais, e a maior probabilidade de adoecimento estigmatizaram a velhice como a fase da decadência e decrepitude que antecede a morte. Mesmo assim, na história das civilizações, o contexto social e o poder econômico são fatores determinantes e orientadores das formas de tratamento direcionadas à velhice ao longo dos tempos nas diferentes sociedades (ARIÈS, 1986).

Nas sociedades antigas de melhor poder econômico, a velhice apresentava-se tardiamente em relação às sociedades menos favorecidas. Nessas sociedades, independentemente dos recursos econômicos, a velhice tanto adquiriu significações favoráveis e que evocavam a respeitabilidade e admiração dos jovens, como adquiriu significações de desprezo, ficando as pessoas na velhice abandonadas à própria sorte. Algumas sociedades respeitavam a pessoa na fase da velhice enquanto estava lúcida e forte; do contrário, livravam-se dela.

Beauvoir (1990) afirma que, atualmente, não se pode formalizar a velhice como a idade privilegiada e/ou prestigiada de nossa época, mas, mesmo assim, percebe-se que os sentimentos em relação às pessoas nessa fase da vida foram também se modificando durante os séculos. Entre os séculos XVI e XVIII havia a noção do ancião em decrepitude, no século XIX a noção era do ancião respeitável, prudente e portador de experiências para manifestar sábios conselhos. Na segunda metade do século XIX, a velhice passa a ser objeto de discurso das ciências biológicas e adquire os locais para seu tratamento (DEBERT, 1994).



A partir desta diversidade de características adquiridas ao longo da história, Debert (1994) propõe a velhice como categoria produzida socialmente e resultante principalmente dos modos de periodização, institucionalização ou cronologização e autonomização do curso da vida.

A periodização da vida é uma sequência inscrita culturalmente de modo linear, evolutivo, natural e universal, na qual se pressupõe que todas as pessoas passem pelos mesmos estágios, idades, fases ou cursos da vida de forma semelhante e em uma mesma ordem (DEBERT, 1994). Para Debert (2004), a periodização da vida mostra como o processo biológico é investido culturalmente e elaborado simbolicamente na formação de grades de idades ou nas idades da vida conforme cada sociedade. Para Featherstone (1994), essas representações do processo da vida têm imagens culturais significativas adquiridas na Idade Média, as quais associavam a vida à ideia de ciclo enquanto um retorno a Deus, ao desenvolvimento enquanto uma jornada de peregrinação, à noção de declínio ou queda à imagem de um platô.

Nos variados modos existentes de periodização da vida, pode-se constatar o “estágio de maturidade”, “ordem de nascimento”, “idade geracional” e/ou a “idade cronológica” (FORTES *apud* DEBERT, 1994, p.15). A seguir, algumas descrições desses modos de formalizar o curso da vida relacionado à velhice.

Nas sociedades orientais, os antropólogos observaram que os rituais de passagem são formas de incorporação dos “estágios de maturidade” na estrutura social. Os rituais de passagem são formas de reconhecer a capacidade ou não para a realização de determinadas práticas sociais, como a caça, o casamento e a participação no conselho dos mais velhos (DEBERT, 1994).

Este modo de periodização da vida ficou tão popularizado entre os séculos XII a XVIII que tornaram iconografia frequente em capitéis arquitetônicos, podendo citar o afresco no qual as idades da vida relacionavam-se aos estágios de maturidade, sendo a primeira idade nomeada de “idade do brinquedo”; a segunda, a “idade da escola”; seguida pelas “idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria”; depois, as “idades da guerra e da cavalaria”; e, finalmente, as “idades sedentárias”, que eram as idades dos homens da lei e da ciência (ARIÈS, 1986).

Geralmente, nas sociedades atuais e ocidentais, os estágios de maturidade não são reguladores da estrutura social. Porém, estão presentes como etapas na vida adulta e desafiam comportamentos convencionais e considerados adequados a todas as pessoas como, por exemplo, a “idade da loba”, consagrada em 1995 por Regina Lemos no Brasil, ao designar

que as mulheres de 40 anos vivem um momento da vida privilegiado para a descoberta de novas potencialidades (DEBERT, 2004). Assim como é comum a referência da maturidade às pessoas que estão entrando na chamada meia-idade (40 a 65 anos) (PAPALIA e OLDS, 2000).

O outro modo de formalização das idades é, segundo Debert (1994), a “idade geracional”, que estabelece uma ordem de geração na estrutura familiar e de parentesco. Assim, um pai é um pai independentemente da idade cronológica ou estágio de maturação. A relação entre filho, pais e avós não fica estabelecida necessariamente pelo critério da idade cronológica. Atualmente, o referencial da idade cronológica não sustenta uma determinação para ser considerado avô ou avó, haja visto, conforme Moreira (2001), o aumento das chamadas jovens avós em consequência do aumento da gravidez na adolescência. A naturalização da condição de serem avôs ou avós associada às pessoas na velhice não é mais um fato único do contexto sócio-histórico brasileiro.

Na sequência do curso da vida periodizado, a “ordem de nascimento” reagrupa, segundo Fortes (*apud* Debert, 1994), pessoas de diferentes datas de nascimento em determinados grupos de idade, como a categoria jovem que pode, por exemplo, compreender as pessoas nascidas há mais de 10 anos. Dessa forma, pode-se pensar que a categoria velhice, proposta por Debert (1994) como uma produção social, é um modo de periodizar o curso da vida das pessoas nascidas há mais de 65 anos. A seguir, a apresentação de diversas perspectivas que seguem a lógica da ordem de nascimento para o agrupamento das pessoas.

Geralmente, os gerontologistas subdividem os adultos idosos em três grupos: 1. “velhos jovens” (65 a 74 anos), que são, geralmente, os velhos ativos, joviais e vigorosos; 2. “velhos velhos” (75 a 84 anos) são aqueles que estão frágeis ou enfermos; 3. “velhos mais velhos” (de 85 anos ou mais) são os com maior probabilidade de serem frágeis, enfermos e dependentes (PAPALIA e OLDS, 2000, p.496). Pode-se pensar que, apesar de haver uma demarcação cronológica clara, o que vigora na classificação é o estado físico do corpo. Em princípio, pode-se pensar que um velho jovem pode estar mais decrépito que o velho mais velho, denunciando que a idade cronológica não é um parâmetro adequado e fidedigno para se determinar a condição orgânica de cada pessoa.

Na psicologia do desenvolvimento, o ciclo de vida humano pode ser concebido em estágios, fases ou ciclos que relacionam a idade ao desenvolvimento, conforme as várias perspectivas teóricas. Há divisões do ciclo de vida em “estágio pré-natal (concepção até o nascimento)”, “primeira infância (nascimento até três anos)”, “segunda infância (três a seis anos)”, “terceira infância (seis a 12 anos)”, “adolescência (12 a 20 anos)”, “jovem adulto (20

a 40 anos)”, “meia-idade (40 a 65 anos)” e a “terceira idade (65 anos em diante)” (PAPALIA e OLDS, 2000, p.27).

Na biologia do esporte, o desempenho esportivo encontra-se classificado conforme a idade na ordem de nascimento. Na idade adulta, essa classificação ficou assim subdividida: “idade adulta precoce (entre os 18/20 e 30 anos)”, “idade adulta média (entre os 30 e 45/50 anos)”, “idade adulta posterior (45/50 aos 60/70 anos)” e “idade adulta tardia (a partir dos 60 ou 70 anos)” (WEINECK, 1991, p.330).

Esse autor apresenta uma classificação do processo de desenvolvimento e envelhecimento elaborado pela Organização Mundial de Saúde (OMS): “idade adulta jovem ou juvenil (15 a 30 anos)”, “idade madura (31 a 45 anos)”, “idade de mudança ou idade média ou idade da involução (46 a 60 anos)”, “faixa etária do homem mais velho (61 a 75 anos)”, “faixa etária do homem velho (76 a 90 anos)”, “faixa etária do homem muito velho (mais de 90 anos)” (WEINECK, 1991, p.329).

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu três classes de idade na fase da velhice: “pré-idosos (entre 55 a 64 anos)”, “idosos jovens (entre 65 e 79 anos ou 60 e 69 anos para os que vivem na Ásia e região do Pacífico)” e “idosos de idade avançada (com 75 ou 80 anos)” (BRASIL, 2007a).

A “idade cronológica” é uma das formas de periodização do curso da vida existente em quase todas as sociedades ocidentais atuais e que se diversifica conforme os grupos sociais e as épocas diversas (DEBERT, 1994).

Para Fortes, citado por Debert (1994), a idade cronológica não é um dado natural e constitutivo da pessoa. Não há nenhuma correlação entre a estrutura biológica ou a maturidade das pessoas e a idade na elaboração desse sistema de datação. A idade cronológica é uma categoria construída historicamente e imposta nas sociedades ocidentais em consequência das exigências das leis. Ela é flexível enquanto mecanismo simbólico meramente econômico para criar laços entre grupos heterogêneos em outras dimensões, tais como raça e religião.

A idade cronológica constitui realidades sociais específicas na função de estabelecer os direitos e deveres dos cidadãos e distribuir privilégios e poderes em uma sociedade. Ela é um mecanismo institucionalizado de regulação política e jurídica dos espaços sociais, doméstico, familiar e do trabalho, na atribuição da maioridade, entrada no mercado de trabalho e formulação de demandas sociais. Ela institucionaliza o curso da vida, ou seja, causa a cronologização da vida (FORTES *apud* DEBERT, 1994).

O domínio do Estado ocasionou transformações na vida privada das sociedades ocidentais ao reorganizar e definir o espaço doméstico familiar. Esta institucionalização está perpassada pela crescente dimensão da idade cronológica na organização social, criando cada vez mais grupos etários específicos “no mundo familiar e do trabalho, [...] organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas [...]” (DEBERT, 1994, p.19). Como a institucionalização do curso da vida pelo Estado acontece majoritariamente através da organização das idades cronológicas, pode-se também afirmar que vivemos um momento de cronologização da vida.

Segundo Debert (1994), a expressão cronologização da vida foi utilizada pelos autores Kohli e Meyer (1986) para designar a dimensão que a idade cronológica adquiriu no mundo moderno enquanto instituição social; diferente de períodos de vidas anteriores, pré-modernidade, nos quais a idade cronológica era irrelevante. Debert (2004) explica que as expressões pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade são de Moody (1993), sendo a primeira caracterizada pela irrelevância da idade cronológica quando comparada às idades determinadas na família como a geracional, maturidade e ordem de nascimento.

A segunda expressão, modernidade, está caracterizada pela lógica fordista, produtividade econômica e subordinação do indivíduo à ordem social burocrática dos ciclos de vida, especificamente, em três fases: juventude e vida escolar, mundo adulto e o trabalho, e velhice e a aposentadoria.

A terceira expressão, pós-modernidade, caracteriza uma desconstrução do curso da vida em favor de um modo unietário, no qual a velhice é transformada em responsabilidade individual e, assim, possivelmente banida do campo de preocupações e/ou problemas sociais. A pós-modernidade é um momento histórico que surge após a sociedade fordista e, basicamente, é marcada pela informatização da economia, multiplicidade de estilos de vida e economia marcada mais pelo consumo do que pela produção. Há o apagamento das fronteiras entre as fases da vida: juventude, vida adulta e velhice, e as idades tornam-se cada vez mais mecanismos poderosos para o mercado de consumo (DEBERT, 2004).

Foi nessa perspectiva de cronologização do curso da vida que, no século XX, o Estado e instituições afins, a partir de certa concepção de velhice, criaram a aposentadoria e, por consequência, inventaram outro modo de significá-la: quem aposenta entra na fase da velhice e, automaticamente, torna-se velho. Esse fato histórico produziu formas simbólicas da velhice articulada à aposentadoria e, posteriormente, à terceira idade. Para Debert e Simões (1994), a criação da aposentadoria foi uma nova forma de conceber a velhice em meio às transformações decorrentes do desenvolvimento econômico capitalista, que proporcionou a

criação de instituições específicas para substituir parcialmente a família no tratamento dos seus membros na velhice. A velhice que era considerada apenas uma questão da ordem privada ou familiar, passava ser considerada também uma questão da ordem pública.

Atualmente, pode-se localizar a institucionalização ou a cronologização na organização da sociedade brasileira quando determinadas exigências das leis que dispõem sobre os direitos e deveres dos cidadãos são reguladas pela idade cronológica. Portanto, atualmente no Brasil, tanto a inserção no mercado de trabalho como a aposentadoria são reguladas pela idade cronológica. No caso da aposentadoria, fica assegurado para o homem que contribui 35 anos para a Previdência Social ou quando completar 65 anos de idade, desde que tenha contribuído durante 15 anos. Para a mulher, são 30 anos de contribuição e 60 anos de idade, desde que tenha contribuído também durante 15 anos. E fica “reduzido em cinco anos o limite para os trabalhadores rurais de ambos os sexos e para os que exerçam suas atividades em regime de economia familiar, nesses incluídos o produtor rural, o garimpeiro e o pescador artesanal” (BRASIL, 1988, p. 84).

Além da aposentadoria, há a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso, como outros modos de o Estado determinar o início da velhice de acordo com a idade biológica. A idade cronológica transforma-se em um instrumento flexível de poder regulador das relações no âmbito familiar, político, econômico e jurídico (FORTES *apud* DEBERT, 1994).

No âmbito jurídico brasileiro, o Estatuto do Idoso, disposto na Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, em vigor desde 1º de janeiro de 2004, dispõe no TÍTULO I - das Disposições Preliminares, Art. 1º: “É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos” (BRASIL, 1988, p. 1051).

A Política Nacional do Idoso, estabelecida sob a Lei nº. 8.842/94, de 04 de janeiro de 1994, Art. 3º, inciso I, decreto 1948/96, criou normas para os direitos sociais do idoso, determinando como o início do período convencionalizado como terceira idade os 60 anos, conforme recomendações da Organização Mundial de Saúde - OMS (BRASIL, 2007c).

A Cartilha do Idoso é uma publicação dirigida ao público e oferecida pela PRODIDE – Promotoria de Justiça de Defesa do Idoso e do Portador de Deficiência, órgão integrante do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, que tem por objetivo divulgar os direitos da pessoa idosa e de ressaltar a responsabilidade do Poder Público, da família e da sociedade para o cumprimento das diretrizes da Política Nacional do Idoso (BRASIL, 2007d).

A Cartilha do Idoso documenta a forma pela qual o Estado brasileiro entra nos espaços privados para delegar e definir atitudes obrigatórias na regulação dos direitos da pessoa idosa.

Na leitura do sumário dessa cartilha pode-se verificar descrito o item “Papel do Estado, da sociedade e da família em relação ao idoso”, em que estão declarados os deveres e ações para a sociedade, família e o próprio idoso praticarem em relação ao bem-estar do idoso (BRASIL, 2007d). O não cumprimento das diretrizes implica penalidades conforme artigos do Código Civil e Código Penal brasileiros (BRASIL, 2007b).

É interessante observar que, nas propostas do Estado brasileiro, o termo utilizado para designar as pessoas na velhice é “idoso”, e o que designa a fase da vida é “terceira idade”. Conforme Gonçalves (2005), essa substituição do termo “velho” para “idoso” decorre da alteração feita nas leis em decorrência do Estatuto do Idoso, pois, antes, a legislação brasileira usava o termo “velho”. Entretanto, perante as leis brasileiras, as pessoas acima de 60 anos são consideradas “mais vulneráveis, por possuírem maior dificuldade de defesa em razão de suas condições físicas” (GONÇALVES, 2005, p.143). Dessa forma, na legislação brasileira, foi realizada a substituição do termo velho para idoso, porém mantendo a mesma noção de fragilidade e dependência sobre a pessoa. Assim, os legisladores brasileiros conceberam outro modo para a terceira idade e o idoso, talvez um modo expandido do modelo atual para abarcar a noção de velhice enquanto declínio fatal.

Dessa forma, proponho pensar que não houve uma mudança a partir da substituição do termo velho pelo termo idoso e sim outra construção simbólica para designar de idosas as pessoas que, em um determinado período da vida, aposentadas ou pensionistas, vivem a terceira idade, demarcada pela idade cronológica.

#### ***2.4.1 Terceira Idade: a arte do bem envelhecer***

A nova concepção da velhice, Terceira Idade, origina-se na França, entre 1949-1960, após a Segunda Guerra Mundial, período em que os velhos se encontravam nas ruas em situação de miséria. A França passa por uma revisão fundamental nas políticas sociais e na administração da velhice, que, até então, era pautada pela exclusão e condição asilar, passando para uma proposta de integração. Para isso, foi organizada em 1953, uma comissão de estudo dos problemas da velhice, que foi registrada no documento Relatório Laroque, propondo essa nova gestão da velhice (PEIXOTO, 2000).

No ano de 1962, acontece o segundo colóquio na França, Relatório de Laroque, que produziu efeitos significativos no sentido de promover modificações necessárias ao

tratamento da pessoa na velhice, sem produzir segregações e visando a atender a população idosa como um conjunto, independentemente da classe econômica (DEBERT e SIMÕES, 1994).

Como os velhos estavam, até então, associados à imagem de pobreza, os novos aposentados começaram a repetir as práticas sociais da classe média, reconhecida como a arte do bem envelhecer, que tinha como proposta modificar a imagem de decrepitude e decadência associada à velhice. A arte do bem envelhecer significa investir todos os rendimentos em si mesmo, na qualidade de vida e na autonomia e dinamismo, estimulando as capacidades individuais. Essa nova constituição da velhice merecia uma designação que fosse condizente com a realidade desses jovens aposentados, surgindo, então, o termo terceira idade.

Conforme Debert (2007), a expressão terceira idade originou-se na França nos anos 1970 com a implantação da universidade para a Terceira Idade, sendo, posteriormente, incorporada na Inglaterra e rapidamente difundida no Brasil. A terceira idade adquire a dimensão de uma nova etapa da vida localizada entre a aposentadoria e a velhice. A terceira idade fica caracterizada como momento de atividade, independência e autonomia, propício à prática de novas experiências dinâmicas na vida (PEIXOTO, 2000). A expressão é utilizada para designar as pessoas de idade avançada e que preservam as habilidades e capacidades físicas, cognitivas e psíquicas apropriadas, mas distintas daquelas que denotam a velhice como depreciativa. Assim, a terceira idade não está relacionada a uma idade cronológica específica; ela é uma nova categoria social produzida pelo processo de gestão da velhice, que passou do âmbito privado e familiar para a ordem pública, cercada por orientações e intervenções definidas pelo Estado e organizações privadas.

Outros signos para a velhice foram criados: “nova juventude”, “idade do lazer”, “melhor idade”, “maioridade”, e novas categorias surgiram em oposição às já existentes: “terceira idade x velhice, aposentadoria ativa x aposentadoria passiva, centro residencial x asilo, gerontologia x ajuda social, animador x assistente social, individual x coletivo” (LÉNOIR *apud* DEBERT e SIMÕES, 1994, p.38).

A invenção da terceira idade não se reduz somente aos interesses de categorias profissionais especializadas, mas também aos interesses e demandas das gerações por novas formas de gestão da velhice, surgindo novos modos de reprodução social das relações entre as gerações no interior das famílias, que afetaram os idosos, conforme a classe social.

Debert e Simões (1994) anunciam que o autor Peter Laslett (1977) considera a terceira idade como uma experiência inusitada de envelhecimento, para além da compreensão do quesito longevidade, nas sociedades contemporâneas. Segundo o autor citado, para a

realização da terceira idade tem que haver uma “comunidade de aposentados” contendo características de vitalidade, disponibilidade, autonomia, recursos financeiros e outros meios apropriados às realizações e satisfações pessoais nessa etapa da vida, e para servirem de exemplo aos jovens de como conduzirem a vida para o futuro. Essas teorizações de Laslett, segundo Debert e Simões (1994), refletem o interesse dos especialistas em torná-las consensuais na gestão da velhice. Porém, elas apontam para transformações que ocorrem nas expectativas quanto à velhice e nas relações entre as gerações.

Na França, essas transformações fizeram com que a experiência da velhice fosse vivida de formas diferentes a partir do início do século XX até os dias atuais. Para a geração nascida na segunda metade do século XIX, a velhice significava uma mudança no estilo de vida até a morte. Nesse período, os velhos interrompiam suas atividades, comportavam-se e vestiam-se de tal forma que qualquer mulher entre a faixa etária de 40 aos 50 anos e os homens entre 50 e 60 anos não eram diferenciados. Os filhos dessa geração, nascidos nas últimas décadas do século XIX, percebiam a velhice de forma oposta, não se comportavam uniformemente e continuavam a exercer as atividades e a ocupar os cargos e posições conquistadas ao longo da vida e não pensavam em se aposentar.

A geração seguinte, nascida entre os anos 1910 e 1920, considera com satisfação a aposentadoria e aproveita a terceira idade quando se aposenta, aproximadamente, após as décadas de 1970. Conforme Ariès, citado por Debert e Simões (1994), foi neste momento, pós-décadas anos 1960, que surgiu o mercado específico e direcionado ao consumo dos idosos, as universidades da terceira idade na França e o incremento de especialistas geriatras e gerontólogos da terceira idade.

Neste cenário da velhice como terceira idade, a aposentadoria, segundo Debert e Simões (1994), deixa de ser concebida como o momento de descanso e recolhimento para tornar-se o período de realizações pessoais, lazer e prazer. As políticas da aposentadoria são ampliadas, pois não se trata apenas das questões econômicas do idoso, mas de lhe proporcionar oportunidades sociais e culturais para integrá-lo socialmente; afinal, não se trata mais de uma população considerada marginalizada.

Segundo Debert (2007), a concepção da terceira idade produziu outra experiência de velhice e percepção da vida adulta que possibilitou a discussão sobre a organização do mercado de consumo e a elaboração de demandas políticas. A terceira idade, entendida como o resultado da institucionalização crescente da velhice pelo Estado e organizações privadas, corresponde ao processo denominado de “reprivatização da velhice” (DEBERT, 2007, p.2). O termo reprivatização indica que a velhice é novamente privatizada. Ou seja, retornam com



aquela noção de que a responsabilidade sobre o idoso recaía sobre a sociedade, família e o próprio idoso, semelhante ao período até, aproximadamente, o início do século XIX, em que a pessoa na velhice podia ficar, conforme a tradição social, lançada à própria sorte ou aos cuidados da família.

Para Debert (2007), o processo de reprivatização da velhice resulta da interlocução entre os discursos do gerontólogo, dos participantes dos programas para a terceira idade, dos movimentos sociais e da mídia, que, articulados, transformaram a velhice na terceira idade, cujo discurso primeiro refere-se à responsabilidade individual em adquirir qualidade de vida e manutenção da saúde.

Os programas para a terceira idade produziram um discurso empenhado em combater os estereótipos pejorativos da velhice. Possibilitaram a vivência coletiva bem-sucedida da velhice, na qual a valorização das experiências de vida e os saberes acumulados são significados como vantagens que ampliam a socialização, a realização de novos projetos e a retomada daqueles abandonados.

A partir de uma demanda social, a mídia foi ocupada pelas tecnologias de rejuvenescimento conforme a imagem do velho foi sendo modificada na construção da terceira idade. Em consequência, essas tecnologias desestabilizaram os indicadores imagéticos dos especialistas já existentes quanto à velhice. Mas, ao mesmo tempo, essa nova imagem da pessoa na velhice possibilitou o surgimento de novos campos para a articulação de demandas políticas, como também para constituir oportunidades no mercado de consumo.

## **2.5 Velhice e o psiquismo**

A constatação da velhice como um conjunto de alterações orgânicas ao longo do tempo e discurso produzido de diferentes modos em diversas épocas do contexto histórico é uma vertente que me convoca à reflexão sobre como cada pessoa se percebe e reage ao deparar-se velho e/ou na velhice. Algumas pessoas podem vivenciar a própria fase da velhice sem muitos estranhamentos, outras podem defrontá-la como uma situação que permeia a normalidade ou o patológico, e, ainda, com dificuldades ou não perante a velhice do outro.

Para Freud (1940[1938]/2006) as percepções, ideias e lembranças, e os sentimentos e atos volitivos fazem parte constitutiva do que é psíquico. O autor enfatiza que os fenômenos psíquicos são dependentes das influências somáticas; por outro lado, o psíquico tem muitos

efeitos sobre o somático. Outro aspecto a ser considerado é que o psiquismo tem o atributo de ser consciente, pré-consciente e inconsciente, características possíveis de serem relacionadas, respectivamente, ao tempo constituído ou cronológico, ao tempo destinado para o material inconsciente capaz de tornar-se consciente, e ao intemporal (FREUD, 1915/2006).

Freud (1915/2006) formula que no psiquismo humano o sistema consciente é regido pelo tempo cronológico e o inconsciente é intemporal. Estes dois tempos em um corpo podem causar particularidades para cada pessoa na velhice. Um corpo mortal marcado no psiquismo pelo tempo cronológico e, ao mesmo tempo, pela intemporalidade do inconsciente, que não reconhece a velhice, o passado e nem o futuro.

Segundo Soares (2005), a não temporalidade no inconsciente impõe uma diferenciação entre a história linear e desenvolvimentista descrita no tempo cronológico e a história intemporal que reitera o repetitivo do sujeito infantil na psicanálise. Para a autora, a intemporalidade do inconsciente não significa a ausência de tempo e sim a repetição das representações dos impulsos recalçados a todo instante.

Assim, a velhice resulta da condição do corpo orgânico estruturado e datado no tempo cronológico e de possibilidades de significados conscientes elaborados, mesmo sendo considerado inexistente de sentido para o inconsciente intemporal da psicanálise (BIANCHI, 1993; MESSY, 1999; MUCIDA, 2006; BRITTO DA MOTTA, 2006). Freud (1915/2006) afirma que somente conhecemos o inconsciente depois de traduzido para a consciência pela via do trabalho psicanalítico. Assim, proponho apresentar algumas reflexões e situações que possam explicitar como a noção de velhice pode apresentar-se às pessoas.

### ***2.5.1 Velhice e o sentimento de perdas***

A velhice como uma vivência particularizada para cada sujeito causa uma diversidade de sentidos que permeiam, na expressão de Luft (1999), a percepção de perdas e de ganhos. Para Luft (2005), essa percepção é dependente das perspectivas e das possibilidades de quem tece a própria história, conforme a poesia “Canção na plenitude”:

Não tenho mais os olhos de menina nem corpo adolescente, e a pele translúcida há muito se manchou. Há rugas onde havia sedas, sou uma estrutura agrandada pelos anos e o peso dos fardos bons ou ruins. (Carreguei muitos com gosto e alguns com rebeldia). O que te posso dar é mais que tudo o que perdi: dou-te os meus ganhos. A maturidade que consegue rir quando em outros tempos choraria, busca a te agradar

quando antigamente queria apenas ser amada. Posso te dar-te muito mais do que beleza e juventude agora: esse dourados anos me ensinou a amar melhor, com mais paciência e não menos ardor, a entender-te se precisas, a aguardar-te quando vais, a dar-te regaço de amante e colo de amiga, e, sobretudo a força - que vem do aprendizado. Isso te posso dar: um amor antigo e confiável cujas marés - mesmo se fogem - retornam; cujas correntes ocultas não levam destroços, mas o sonho interminável das sereias. (LUFT, 1999, p.151).

Na psicanálise, a percepção de perda pode ser interpretada no complexo formulado e denominado por Freud (1924/2006) de castração. A maioria das pessoas depara-se com o sentimento inconsciente de ameaça de castração que permaneceu inscrito no psiquismo humano como uma operação simbólica a ser elaborada ao longo da vida. O órgão pênis passa para o registro do imaginário como o falo, e o pai enquanto uma presença real que ameaça e castra o órgão sexual adquire a função de lei, que barra e interdita a relação mãe-criança, denominada de complexo de Édipo.

A castração na forma do recalque possibilita ao neurótico negar que é faltoso. O símbolo do falo como representante da falta primordial recalçada passa a simbolizar tudo aquilo que pode preencher com certa satisfação esta dificuldade do sujeito em suportar que é constitutivamente faltoso. Entretanto, nem todo real da castração é possível de ser simbolizado e parte deste real não simbolizado pode aparecer no lugar do falo como um puro real que demonstra ao sujeito aquilo que ele não suporta saber, a sua falta (LACAN [1962-1963]/2005).

Deste modo, proponho pensar que a castração no real do corpo encontra-se nas perdas, nos desgastes e no enfraquecimento corporal concernentes às alterações orgânicas ao longo do tempo significadas de velhice. Não se trata mais somente do âmbito de ameaça ou da inscrição simbólica no psiquismo, mas da efetiva castração no corpo que é mortal.

As alterações corporais decorrentes do processo de envelhecimento podem também significar perda irreparável de beleza e jovialidade, caracterizando a velhice como fase de evidente feiúra e motivo para o isolamento social, tal como fez Greta Garbo ao abandonar a carreira de atriz no auge do sucesso.

Segundo France Presse (2008), a atriz Greta Garbo [1905-1990], ao dizer a célebre frase em uma das raras entrevistas concedidas, "Sou o que o adolescente jamais encontrará, o que o velho procurou em vão durante meio século, o que a mulher desejava ter para segurar quem a deixou. Compreendem, então, por que me escondo? Não quero que os sonhos acabem.", justifica o pedido feito aos fotógrafos, o qual foi atendido, para jamais publicarem uma fotografia dela na velhice, porque queria imortalizar a magnitude da beleza do seu rosto juvenil. No ano de 1941, aos 36 anos, Greta Garbo abandonou definitivamente Hollywood e

viveu em reclusão nos Estados Unidos por detrás de um chapéu e grandes óculos escuros até a sua morte aos 84 anos.

Quando Greta Garbo se isola do próprio reflexo nas imagens fotografadas e cinematográficas para perpetuar uma imagem ainda intocável pela velhice, pareceu transformar-se no mito de beleza. Semelhante ao mito de Narciso<sup>2</sup>, a cidadã Greta Louisa Gustaffson separa-se da imagem da artista Greta Garbo, e, metaforicamente, vive a maior parte da vida ferida como Narciso, pois foram 48 anos aparentemente se percebendo na velhice, reclusa e adocida.

Agora, proponho discutir a perda como marcador de entrada na fase da velhice. Outras circunstâncias vivenciadas como perdas e não exclusivas da fase da velhice, mas possíveis de serem percebidas como marcadores de entrada na velhice, são o afastamento dos filhos da proximidade dos pais, perda de papéis sociais, aposentadoria e acontecimentos trágicos na vida.

Mannoni (1995) revela que Freud anunciou a sua entrada na verdadeira velhice em carta enviada a Sandor Ferenczi no ano de 1921, aos 65 anos de idade. Nesse texto não fica esclarecido exatamente sob quais circunstâncias Freud realizou essa declaração, entretanto, Jones (1975) relata que Freud declarou-se entrando abruptamente na verdadeira velhice após a despedida do seu filho Olivier, que partiu para a Romênia, ocasião na qual Freud afirmou que o pensamento de morte não lhe abandonou mais.

Messy (1999) afirma que a chegada da própria velhice para alguns pode ser somente percebida quando há um acontecimento efetivo e brutal na vida da pessoa, geralmente relacionado com alguma outra perda no passado. Para o autor, essa percepção sobre a velhice é circunstancial e independe da idade, porém, confirma a expressão “quando a velhice nos pega é sempre de maneira inesperada.” (MANNONI, 1995, p.34).

A pessoa na velhice pode confrontar-se também com a perda dos papéis sociais e atribuir a esse fato o marco de entrada na velhice. Para ilustrar, recorro a Mucida (2006) quando apresenta o fragmento de um caso clínico no qual um sujeito de 63 anos de idade chega à análise dizendo-se abatido pelo tempo após um longo tratamento medicamentoso, em

---

<sup>2</sup> O mito de Narciso é a história de um jovem rapaz dotado de uma beleza ímpar e desejado por muitas ninfas, quando ele fica fascinado pelo reflexo da sua imagem nas águas claras de uma fonte, supondo que se tratava de outra pessoa. Deslumbrado e apaixonado, Narciso mergulhou os seus braços na água para abraçar aquela pessoa que não parava de se esquivar até perceber que era a sua própria imagem. Era ele mesmo o objeto de seu amor. Desesperado, Narciso deseja se separar de sua própria pessoa, ferindo-se e sangrando até transformar-se numa flor (ROUDINESCO e PLON, 1998).

estado de depressão acentuada e reclamando dos efeitos do envelhecimento no trabalho e na perda do poder na família.

Pressuponho que a declaração de “abatido pelo tempo” denota certa particularidade na percepção desse sujeito quanto à ação do tempo sobre ele. A expressão pode revelar que a chegada da velhice para este senhor é um momento de abrandamento de suas potencialidades e vitalidade, que lhe impõe mudanças na sua representação e função social.

Para Souza Santos (1990), o trabalho certamente influencia profundamente o psiquismo humano, porque ao mesmo tempo em que é fonte para a aquisição de recursos materiais, também garante à pessoa a entrada no mundo das relações sociais, lugar da construção da identidade social. Para o autor, quando se verifica a evidente importância do trabalho no mundo capitalista e na vida da pessoa, é possível de se compreender o significado da perda do trabalho e a chegada da aposentadoria, podendo essa adquirir, de modo favorável ou não, a dimensão de entrada oficial na velhice.

No caso, o sujeito também reclama da perda de poder na família. Segundo Vieira (2004), a família diante de qualquer acometimento do familiar na fase da velhice, seja por acidente, adoecimento ou morte de um dos cônjuges, promove uma reestruturação funcional e hierárquica dos papéis familiares, que nem sempre é satisfatória para essa pessoa, que também pode não estar preparada para enfrentar tais mudanças, além do acontecimento propriamente dito.

### ***2.5.2 Velhice e a percepção de proximidade com a morte***

A velhice também pode provocar o sentimento de maior proximidade com a morte e, assim, ser percebida como mensageira da finitude do tempo de vida, quer seja pela aparente proximidade da própria morte ou quer seja pela vivência de maior mortalidade de entes queridos. E, Sigmund Freud não foge à regra dessa percepção quando diz: “A velhice, com suas agruras, chega para todos. Atinge uma pessoa aqui, outra ali. Seus golpes sempre alcançam um ponto vital. A vitória pertence ao Verme Conquistador.” (VIERECK, 2008, s/p). A expressão Verme Conquistador está na última estrofe de um poema que se encontra descrito na entrevista concedida por Freud a George Sylvester Viereck em 1926, podendo o verme ser compreendido como o herói da peça trágica, que é a vida do homem mortal.

Para Freud (1917[1915]/2006), o ser humano fala sobre a morte como um fato natural da vida e adota a atitude de quem está preparado para morrer somente de modo aparente, pois, na verdade, a morte nos perturba de tal jeito que tendemos a colocá-la de lado para não termos que lidar com ela. É como se pudéssemos eliminar a morte da própria vida, apesar de saber que ela é inexorável a todos nós. O autor explica que é impossível para o ser humano imaginar a própria morte, mesmo que ele queira, pois, quando o faz, está presente somente como mero espectador. E isso nos possibilita pensar quando Mannoni (1995) comenta que Freud, ao perceber o ser humano certo de que nada lhe acontecerá, enfrenta os perigos como um herói dos contos de fada, desconsiderando a própria morte que, na realidade, tem um golpe que nos é certo.

Geralmente, uma pessoa que vive muitos anos está fadada a maior experiência de morte das pessoas queridas do que outra que viveu menos anos: “A velhice não quer dizer nada, senão a dor de uma etapa em que os companheiros de toda uma vida começam a nos deixar.” (MANNONI, 1995, p.35). Mas, esta proporção nem sempre é exata e não mantém uma relação direta com a idade, pois se encontra pessoas ainda jovens com experiências de morte maior que muitas pessoas na velhice.

De qualquer forma, a morte de uma pessoa querida pode causar o afastamento temporário da vida cotidiana e o sentimento de dor reconhecido como período de luto: “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante.” (FREUD, 1917[1915]/2006, p.249).

Conforme Freud (1917[1915]/2006), a pessoa tem que necessariamente passar pelo luto: sentimento temporário de pesar da morte do ente querido. A elaboração do luto ocorre de modo particular para cada pessoa e na medida em que ela se desliga de cada uma das lembranças revividas da pessoa falecida ou do objeto perdido, ainda, investidos de sentimentos. Ciente de que o objeto perdido não existe mais, o desinvestimento da energia psíquica denominada de libido ocorre gradativamente, e quando o trabalho de luto é concluído, essa energia libidinal fica disponível para novos investimentos de objetos de desejo.

### ***2.5.3 Velhice e o sentimento de desamparo e solidão***

Mucida (2006) acredita que a velhice é o momento no qual o sujeito, através do infantil, vive o desamparo de modo aguçado diante do perigo da perda do amor, da angústia diante do próprio desejo e desejo do outro, e a vivência de um corpo decrépito. A autora esclarece que esta forma incisiva de desamparo não se relaciona à própria morte, já que o inconsciente a desconhece, mas, sim a outro tipo de morte, a do desejo. Contudo, a autora adverte que a morte do desejo não está relacionada com a velhice e/ou idade cronológica, mas com a nossa relação com os objetos.

Segundo Freud (1926[1925]/2006), na vivência de uma situação traumática, o indivíduo pode sentir tanto o desamparo físico e o desamparo psíquico diante do perigo real e frente às energias libidinais/pulsionais. Na Conferência XXXII, Freud (1933[1932]/2006) determina certa condição de angústia a cada estágio de desenvolvimento libidinal, ficando o desamparo psíquico à imaturidade inicial do ego. No percurso do desenvolvimento e fortalecimento do ego, pressupõe-se que, no caso, o desamparo desapareceria; porém, isso ocorre de modo parcial, permanecendo certo desamparo nas etapas de vida posterior.

Numa outra publicação, Freud (1927/2006) afirma que o desamparo é trazido à nossa mente quando a força da natureza de forma majestosa e inexorável se ergue contra nós, ao tempo em que, erroneamente, pensamos tê-lo controlado pela via da civilização. Para o autor, não há como controlar todo o tremor da terra, a água que inunda e nos afoga, os efeitos da tempestade, as doenças e a enigmática morte. A partir dessa lógica, proponho à reflexão que, por maior que sejam os avanços das ciências e tecnologias, não há como controlar todas as patologias que acometem o corpo e o processo de envelhecimento.

Mannoni (1995) relata que Freud declarou-se, no ano de 1923, em carta escrita a Lou Andreas-Salomé, sentir-se cansado em decorrência do desgaste físico provocado pelo câncer na mandíbula detectado naquela mesma época, aos seus 67 anos de idade. Na carta, Freud compartilhou com a amiga sobre a experiência de viver o desamparo diante do adoecimento e da dor física: um desamparo que se impõe quando a ideia de imortalidade passa a ser apenas uma ilusão para o sujeito.

Neste caso fica evidente a desarticulação entre a velhice e os sentimentos de desamparo e solidão declarados por Freud devido à dor do adoecimento, independente da fase de vida. No caso, a dor é que parece suscitar em Freud a possibilidade do morrer.

Freud (1914/2006) afirmava que as doenças orgânicas são mudanças demonstráveis que causam sensações aflitivas e de sofrimento para a pessoa, promovendo o natural desinteresse libidinal dos objetos amorosos. A partir desta perspectiva freudiana, proponho pensar que a velhice enquanto fase da vida distinta da doença orgânica, ainda que, muitas vezes, reconhecida pelo binômio velhice-doença, pode ter certa semelhança quando promove também evidentes alterações orgânicas que são permanentes, causam sofrimento psíquico a muitas pessoas e provável desinteresse pelo mundo externo. Pois, para Freud (1930[1929]/2006), a nossa felicidade está sempre reduzida por nossa própria constituição corporal, condenada à decadência e dissolução, causando-nos sofrimentos e ansiedade.



### 3. O CORPO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Idiota! Essa é a expressão com a qual uma garota de 14 anos afirma se sentir, na descrição de Sarlo (2000), ao saber que os seus pais resistem em presenteá-la com uma cirurgia plástica. A garota pretende “mexer em alguma coisa” do seu corpo como todas as amigas já fizeram para a ocasião do aniversário de 15 anos. Aparentemente, a única certeza da garota é de que ela precisa, tal como num ritual de passagem, transformar qualquer parte do corpo através da cirurgia para ingressar na cultura da beleza e juventude proposta pelos tempos atuais e, assim, sentir-se na moda.

O caso desta garota nos convoca a refletir sobre a dimensão da importância dada ao corpo no mundo atual, sintetizada na paráfrase foucaultiana: “o corpo se tornou mais importante que a nossa alma - tornou-se mais importante que nossa vida.” (MICHAUD, 2008, p. 565).

Para Costa (2005), os valores tradicionais no mundo contemporâneo não se perderam, mas foram remanejados junto à emergência dos novos valores da moral do espetáculo, que enfatizam o consumismo e o culto ao corpo na prevalência do individualismo. Na moral do espetáculo, os valores parecem pautados pelo ideal da felicidade sensorial ou percepção corporal e da vida como entretenimento. Nessa perspectiva, o sujeito do mundo atual, direcionado para a vida corporal, busca a felicidade sensorial e o sujeito sentimental, articulado aos valores tradicionais, visa à felicidade sentimental.

Basicamente, a felicidade sentimental designa o prazer na relação com outra pessoa ou obtido na posse de algum objeto que dura além da presença física, ou seja, a felicidade perdura mesmo na ausência de ambos. A felicidade reside na habilidade e capacidade que o sujeito tem em estruturar as experiências afetivas antecipadamente na imaginação e rememorá-las como lembranças, podendo, assim, o prazer perdurar além da presença do objeto ou da pessoa em si.

Na felicidade sensorial o prazer depende da presença física da outra pessoa ou do objeto. Nesse caso, a rememoração e a imaginação dos objetos ou pessoas contam pouco na aquisição do prazer ou são obsoletas, não proporcionando nenhum prazer. A felicidade sensorial é possível de ser alcançada somente com os objetos disponíveis no momento em que estejam à mão, para que rapidamente possam ser instrumentalizados na moral do espetáculo.

O corpo físico passa a ser a fonte de gozo imediato do sujeito, fazendo-o desvalorizar aquilo que lhe proporcione a felicidade sentimental. Há uma tendência a substituir a felicidade

interior materializada nas imagens, palavras afetivas e objetos duradouros pelos objetos imediatos para satisfazer-se com aquilo que está sempre à mão, como o corpo físico.

Costa (2005) distingue os objetos segundo o tipo de felicidade. Na felicidade sentimental, os objetos são aqueles que resistem ao tempo e estabiliza o prazer, e na felicidade de sensações, os objetos são aqueles que excitam os sentidos, despertando o corpo físico para novas sensações prazerosas, como as drogas psicoestimulantes, medicamentos, alimentos energéticos, hormônios, próteses orgânicas, instrumentos que transformam a força muscular em plasticidade muscular e outros. Por isso, pode-se pensar que os objetos na felicidade sensorial adquirem o aspecto de nutrientes que as pessoas jamais haviam alcançado.

A imagem corporal também se tornou um bem intercambiável e instável neste universo da moral das sensações, do entretenimento e do espetáculo. O corpo está sendo percebido como objeto e coisa que dura o justo tempo da existência sem deixar história. O corpo deixou de ser um meio para agir no mundo e tornou-se o fim da própria autoconservação, adquirindo o valor de admiração moral antes outorgado, por exemplo, às virtudes públicas (COSTA, 2005).

As sociedades ocidentais contemporâneas enfatizam a aparência física e a imagem visual como elementos fundamentais para impulsionar a cultura de consumo, produzindo e disseminando um volume de imagens do corpo humano nos jornais, revistas, anúncios, televisão, filmes e internet. Basta olharmos ao redor, na paisagem física da cidade, para constatar a veiculação de imagens e réplicas do corpo humano, sendo a grande maioria imagens da juventude, saúde e beleza apresentadas como corpos ideais a serem conquistados. A mensagem é de que a transformação do corpo levará à transformação pessoal como algo ao alcance de todos nós (FEATHERSTONE, 1994).

### **3.1 O corpo como construção sócio-histórica**

Na história da humanidade, aproximadamente até o final do século XIX, prevaleceu desde as noções de corpo enquanto pecado e impureza como as de um conjunto de peças que funcionam mecanicamente: uma perspectiva cartesiana na qual a alma e o corpo eram concebidos separados (COURTINE, 2008).

No século XX, o corpo adquiriu o estatuto de suporte da vida humana na relação de interação inseparável entre o sujeito e o seu corpo. Courtine (2008) aponta três momentos

históricos que foram pilares fundamentais para essa construção. Primeiro, a invenção da psicanálise por Sigmund Freud ao decifrar a conversão histérica e preconizar o inconsciente como linguagem que “fala através do corpo” (COURTINE, 2008, p. 7). Segundo, a elaboração de Maurice Merleau-Ponty da noção de corpo como pivô principal do mundo, promovendo as abordagens filosóficas da fenomenologia ao existencialismo. Terceiro, a descoberta do corpo no campo da antropologia por Marcel Mauss que, no período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), observou que o modo pelo qual a infantaria britânica marchava e cavava trincheiras era diferente do modo da francesa. Notou que os modos pelos quais os homens sabiam usar dos seus corpos eram particulares de sociedade para sociedade, inaugurando a noção de “técnica corporal”, publicada em artigo no ano de 1934.

Nesta perspectiva da utilidade do corpo, Boltanski (1989) apresenta estudos nos quais revela que as práticas de saúde de uma determinada classe populacional estão diretamente relacionadas aos usos sociais do corpo e ao sistema ideológico da medicina científica. O autor concluiu que os corpos são modelados conforme o contexto cultural no qual se encontram inseridos. As demandas sociais definem os modos de apreender o corpo, geralmente utilizando-se de práticas e instrumentos para adestrá-lo conforme a ideologia dominante, os quais terminam por reduzir o corpo somente a uma de suas propriedades e funções destinadas socialmente, como, por exemplo, a gestualidade ao cavar trincheiras na guerra ou a utilização lúdica do corpo.

Quanto à influência do discurso médico-científico, pode-se localizar as técnicas de cuidados corporais ou práticas sexuais. Nesta perspectiva, cito os aparelhos terapêuticos criados a partir do século XVII para a correção dos defeitos anatômicos em relação a um referencial normativo do corpo dotado de boas maneiras e posturas. Os aparelhos eram elaborados com alavancas, rodas e lâminas, e considerados semelhantes às partes do corpo que se destinavam à correção; geralmente, na pressão do corpo contra os instrumentos e extensão do corpo pelos instrumentos, como no caso dos “espartilhos, cruces de ferro, alavancas para distensão corporal, balanços e colares”. (VIGARELLO, 1995, p.25).

No caso de adoecimentos, descobriu-se que há diferenças entre a percepção corporal dos indivíduos das “classes populares” para os das “classes superiores”, tendo esses últimos uma percepção aguçada das sensações corporais, recorrendo aos médicos no início de um sintoma, enquanto que os outros recorrem aos médicos quando a doença já se encontra brutalmente instalada (BOLTANSKI, 1989, p.163).

Em outra pesquisa, Boltanski (1989) observou que as práticas esportivas e/ou atividades lúdicas adquirem funções diferenciadas conforme a classe social, tendo,

geralmente, um crescimento percentual de adeptos ao esporte individual na passagem da classe popular para a classe superior. O autor compreende que os modos do indivíduo se servir do próprio corpo são construções sociais demarcadas no tempo e na cultura. Assim, na classe popular predominam os esportes coletivos com a finalidade de distração e na classe superior predominam os esportes individuais com a função primeira de conquistar a boa forma e/ou o corpo belo em vigor na cultura.

Na mesma concepção, Daolio (2001), ao retomar Geertz (1989), Hallowell (1974) e Gehlen (1973) entre outros autores, concluiu que é da natureza do indivíduo ser fruto e agente da cultura por meio do seu corpo construído em acordo com as criações, reinvenções e diferenças de cada sociedade. São os significados construídos na cultura e passados de geração para geração que constituem o corpo, não somente mais os aspectos biológicos.

Portanto, descobriu-se a possibilidade de que o corpo é uma forma viva, animada com conformação espacial, dotado de posturas, modos particulares de se locomover, movimentar e com gestuais singulares. O corpo expressa diferentes sentidos através dos movimentos, confirmando a provável relação entre o pensamento, o espaço e as sensações.

Para Greiner (2005), o corpo vivo ultrapassa a dimensão de ser apenas uma forma que ocupa o espaço para comportar todas as relações subjetivas, possibilitando novas cadeias de significação, pois a comunicação gestual é uma prática simbólica mediada pelo conhecimento apreendido no mundo ou incorporado por quem gesticula e por quem percebe e reconhece os gestos sinalizados.

No início do século XX, a singularidade do corpo, dos gestos e dos estados corporais despertava interesses de pesquisa tanto no campo da medicina como nas artes (GREINER, 2005). Inicialmente, as questões que despertavam interesses estavam relacionadas apenas ao funcionamento do movimento corporal até tornarem-se mais específicas como, por exemplo, a curiosidade de se saber sobre o funcionamento de um corpo em movimento em determinado tempo e espaço. A partir dos anos 30 começaram a ser sistematizadas teorias e métodos referentes aos movimentos corporais que foram agrupados e denominados de “educação somática” (GREINER, 2005, p.63). Entre os pesquisadores encontra-se Gerda Alexander, que desenvolveu um sistema educativo chamado de eutonia; Moshe Feldenkrais, com os estudos da consciência corporal; Isa Rolf, com a plasticidade do corpo, dentre outros estudiosos. Em resumo, Greiner (2005) afirma que os pioneiros pesquisadores surgiram nas três décadas iniciais do século XX. A partir de então, esses métodos foram estabelecidos até os anos 70 e após, novas abordagens foram criadas.

Atualmente, acredita-se que as fronteiras entre o corpo e as teorias corporais estão conjugadas com aquilo que a arte, a ciência e a filosofia tendem a nos mostrar nos últimos anos: “é da experiência que emerge a conceituação e não o contrário” (GREINER, 2005, p.123).

Portanto, proponho refletir sobre os modos que o corpo já se apresenta, muitas vezes, nomeado em expressões que, certamente, decorrem da experiência como, por exemplo, “o corpo solitário”, para descrever a solidão que o indivíduo sente perante a própria dor corporal (MOULIN, 2008). A expressão “corpo genético”, que sintetiza a descoberta do mapeamento do código genético ou genoma humano padronizado, normatizado e regular a todos os seres humanos ou às populações no decorrer dos tempos (KECK; RABINOW, 2008). Outro exemplo é “o corpo sexuado”, que compreende discussões sobre sexualidade e práticas sexuais relacionadas às noções de privado, público, pudor, decência, pornografia, comercialização, reprodução, prazeres e direitos (SOHN, 2008). Há a expressão “corpo anormal” para designar as deformidades, diferenças e desvios do corpo em relação ao normalizado como padrão (COURTINE, 2008). Como também há inúmeras outras nomeações corporais e expressões religiosas, tais como “corpo humilhado”, “corpo presente”, “corpo sagrado”, “corpo profano” e “corpo mole”.

E, ainda, segundo Ory (2008), a nomeação “corpo ordinário” para se referir aos corpos humanos submetidos à influência do movimento geral das sociedades. O autor explica que, no decorrer do século XX, o êxodo rural foi o fator central para o deslocamento demográfico, econômico e cultural tender para o modo de vida urbano. E, esse modo de vida produziu e produz efeitos sobre as representações e práticas corporais, explicitando uma possível correlação entre a noção de construção social conforme Boltanski (1989), e a que Sarlo (2000) propõe: os nossos corpos são projetados, idealizados e/ou imaginados como objetos pela cultura.

### **3.2 O corpo como parceiro**

Para Le Breton (2007), o corpo transformou-se numa espécie de companheiro ou parceiro daquele de quem se exige as sensações mais originais, o aparato de marcas diferenciais e a juventude eterna. Exige-se o corpo como forma disponível à descoberta, ação e espaço de sedução. O corpo passa a ser um lugar geométrico, um território de conquista de

si mesmo na busca de sensações inéditas a serem vivenciadas, como nas terapias corporais e danças, por exemplo. Nessa concepção, pode-se lembrar a ideia de felicidade de sensações proposta por Costa (2005), na qual o corpo passa a ser excitado para experimentar novas sensações.

Vigarello (2008), tal como Le Breton (2007), afirma que o corpo torna-se quase uma instância psicológica, um parceiro com o qual nos sentimos melhor e acreditamos poder conquistar o bem-estar. Essa correspondência do corpo como uma instância psíquica foi pressuposta por Freud (1923/2006) ao afirmar que o ego é corporal, resultado das sensações corporais e, principalmente, a projeção da superfície do corpo representado na figura anatômica do homúnculo cortical.

Portanto, o corpo passa a ser aquele outro com quem coabitar. Um espelho fraternal, outro eu ou um cúmplice para dar carne à existência. O corpo não é mais posto em oposição à alma e sim ao homem, como um objeto destacado a ser moldado segundo o gosto do dia (LE BRETON, 2007). Na cultura do corpo, a moral não passa mais pela escolha do ser e ter, e sim pelo ser e aparecer, pois o mundo agora é visto com as lentes do espetáculo e você escolhe entre ser ou não o corpo-espetáculo (COSTA, 2005).

Para Vigarello (2008), o mercado se apropria do saber de que o sujeito se compreende pelo corpo e estimula práticas de consumo na oferta de técnicas e produtos que possam auxiliá-lo a conquistar o bem-estar via corporal. As relações corporais são estimuladas para serem estabelecidas na primazia da individualidade e autonomia; particularidades notadamente acatadas quando é o corpo vivo quem ocupa o espaço central das projeções e transformações possíveis e até inimagináveis.

Entretanto, conforme Baudrillard (1995), as partes do corpo negligenciadas ou não visitadas pela própria sensibilidade ficam na responsabilidade da pessoa que não se cuidou, devendo temer o próprio corpo que irá castigá-la com uma irremediável perda ou aquisição indesejável de formas e aspectos fora da moda. Insere-se entre a pessoa e o seu corpo uma relação de ameaça, repressão e chantagem semelhantes às existentes nas relações sociais. O interessante é que a exigência interior passa a obter melhor investimento narcísico para a pessoa se constituir como um objeto de aparência melhor, polida e funcional na lógica especular/midiática, e não mais para o próprio conhecimento. O corpo como o mais belo dos objetos que as pessoas possuem é manipulado e consumido psiquicamente. O corpo é administrado e regulado como um dos significantes sociais, tornando-o patrimônio do estatuto social e objeto de um trabalho de investimento alienante enquanto instrumento de fruição e signo de prestígio individual.

Para Costa (2005), é inegável que a cultura somática pode tanto causar aspectos nocivos como saudáveis para as pessoas. Os aspectos nocivos estão localizados no perigo que reside na noção do cuidar de si transformar-se numa compulsão ou obsessão pela perfeita forma e saúde do corpo. Uma hipocondria cultural que pode manifestar nos transtornos da percepção da imagem corporal e da submissão compulsiva à moda publicitária: a pessoa tem como objetivo pessoal tornar-se o corpo imaginário da cultura somática. Os transtornos da imagem corporal podem ser localizados nos sintomas dos distúrbios alimentares, fisiculturismo compulsivo, a compulsão por correções estéticas e as ansiedades de exposição como síndrome do pânico e as fobias sociais. Outra forma nociva da cultura somática é também localizada na dependência química de drogas lícitas e ilícitas.

Costa (2005) considera haver o lado positivo da cultura somática, pois a evidência para o corpo físico possibilitou novos horizontes de realização pessoal na redefinição de formas de viver. O autor observa que outras vantagens podem ser destacadas na cultura do corpo quando as relações com o corpo no cotidiano resultam na longevidade e melhor qualidade de vida. Envelhecer além da média estatística padronizada biologicamente adquiriu o sentido de que se poder viver de outras maneiras sem rechaçar a cultura tradicional, em que viver na fase da velhice significava apenas sobreviver.

Segundo Featherstone (1994), os aposentados apresentados na imagem de pessoas calmas e resignadas com as perdas da atratividade e mobilidade do corpo, levando uma vida monótona e de descanso, transformaram-se em pessoas ativas capazes de reacenderem os sonhos e projetos não realizados, aproveitarem a vida e gostarem de si mesmas tais como eram no passado. Desse modo, a aposentadoria torna-se um platô de extenso consumo ativo e agradável, e com uma imagem mais positiva da fase da velhice.

A medida ética ao culto ao corpo não está na quantidade de cuidados destinados ao corpo, e sim nas significações que esses cuidados assumem para a vida da pessoa. Se os cuidados visam apenas o corpo em si mesmo, corre-se o risco de tornar-se uma forma mesquinha de corpolatria. Do contrário, se os cuidados visam a ação pessoal criativa e amplia os campos de interação com os outros, o autor considera que isso é um valor a ser acrescentado aos nossos novos valores básicos (COSTA, 2005).

O corpo imaginário da cultura é o ideal da perfeição prometida e possível diante dos avanços biológicos e tecnológicos das ciências oferecidos pelas próteses genéticas, químicas, eletrônicas ou mecânicas. Antes, as pessoas buscavam resgatar no futuro a perfeição perdida do passado; hoje, imagina-se a perfeição física possível de ser alcançada através das tecnologias médicas. O futuro tornou-se um tempo certo e protocolar para as correções físicas

do corpo. As pessoas devem querer possuir o corpo da moda. Costa (2005) sugere que a imagem narcísica de sua majestade o bebê, postulada por Freud, continua hibernado na instância do eu, porém sob a máscara do adulto protético. Podemos pensar que antes da cultura somática, o próprio corpo era o ponto de parâmetro ideal a ser reconquistado, e hoje, o ideal corporal ultrapassa a referência do próprio corpo e de si mesmo para alojar-se nas possibilidades oferecidas pelo outro das ciências em construir o corpo idealizado.

### 3.3 O corpo é o limite

Para Le Breton (2007), o corpo passa a ser o limite real imposto nas relações quando os papéis simbólicos na sociedade atual estão precários ou até mesmo ausentes, impulsionando as pessoas a experimentarem os extremos corporais como modo substitutivo da falta de limites simbólicos. A experiência dos extremos à custa do corpo apresenta-se numa diversidade de práticas de aventuras arriscadas e na prevalência do esforço físico exagerado como *rafting*<sup>3</sup>, maratonas, *trkking*<sup>4</sup> e outros, nos quais destaco o *body jump ou bungee jump*<sup>5</sup>. Todas essas modalidades são traduzidas, conforme o autor, como a cultura do enduro, que significa a capacidade da pessoa em suportar atividade de longa duração ou de resistir a esforço prolongado. São situações que exigem extremo limite físico e/ou psicológico dos praticantes.

Perante toda esta desorientação em decorrência da falta dos limites, valores e leis tradicionais, o autor afirma que resta às pessoas apenas interrogar a morte, expondo e arriscando o corpo, como na prática desses esportes radicais, para saber se vale a pena viver. A vida adquire sentido na disposição do próprio corpo às experiências extremas, remetendo-nos à ideia de felicidade sensorial proposta por Costa (2005), na qual o corpo torna-se o próprio objeto de prazer.

Considero que Vigarello (2008) amplia a ideia de Le Breton (2007) quando, atualmente, chama-nos a atenção para os usos que muitas vezes fazemos do corpo ao ultrapassar os limites de segurança, comprometendo-nos com o ilícito nas atividades físicas comumente denominadas de esportes radicais e/ou o uso de substâncias químicas - *doping* -

---

<sup>3</sup> Esporte que consiste em descer corredeiras de rios em cima de um bote inflável.

<sup>4</sup> Caminhada em trilhas de difícil acesso pelas matas.

<sup>5</sup> Salto de uma grande altura para o vazio, com o corpo apenas amarrado pelos pés a uma corda elástica.



nos treinamentos. Para o autor, estes modos de se usar o corpo, além de perigosos, denotam a predominância do individualismo na sociedade, quando muitos indivíduos parecem ter a certeza de poderem agir por si só indefinidamente sobre o próprio corpo, e como se esse tivesse possibilidades indeterminadas e fosse inatingível fisicamente.

O corpo pode ser compreendido como limite, espaço e/ou objeto a ser manipulado. Pois, outro aspecto a considerar no mundo contemporâneo é o de que o corpo nunca foi tão vislumbrado, explorado, vasculhado e interpretado como em tempos atuais. E, isso implica basicamente nos avanços tecnológicos adquiridos nos dispositivos de visualização interna e externa do corpo através da fotografia, vídeos, raios-X, *scanner*, ressonância magnética, tomografia e sondas miniaturizadas introduzidas nos orifícios corporais. Conforme Michaud (2008), o interessante é que, à medida que a tecnologia progride, as técnicas de visualização corporal ficam poderosas e indolores e, paradoxalmente, invasivas e agressivas, pois o corpo fica exposto, literalmente nu. As imagens revelam e desvelam aspectos corporais que antes ficavam invisíveis e/ou ocultos, transformando a relação da pessoa com o próprio corpo.

A utilização dos instrumentos de visualização corporal não fica somente a cargo da medicina preventiva/controle e/ou cirúrgica no sentido de restabelecer a saúde, mas também ao uso da melhoria da imagem e beleza através de cirurgias estéticas. Nesses casos, pode-se afirmar que os usos destes recursos podem promover transformações corporais que nos apresentam praticamente outra forma corporal, trazendo à tona as questões sobre quais são os limites do corpo e as possíveis consequências ocasionadas na identidade do sujeito (MICHAUD, 2008).

Outra perspectiva do corpo como limite pode ser configurada ao torná-lo objeto imaginário de inscrições e transformações ideais. Conforme Sarlo (2000), a cultura atual está fundada na valorização da visão e das imagens. Uma videocultura que estimula os indivíduos ao consumo de objetos, que possibilita tanto o vislumbrar de imagens como o de transformar os próprios corpos conforme o estatuto prevalente da moda. A moda ditada pela cultura propõe um modelo adequado da forma corporal; aquele possível de se construir no consumo dos objetos disponibilizados para a transformação corporal, como a implantação de próteses, adição de substâncias sintéticas e outras tecnologias. Assim, a autora considera que a cultura atual, ao nos possibilitar a realização destas alterações, projeta os nossos corpos como ícones culturais: corpos ideais ofertados pela cultura e desejados pelos indivíduos.

Nesta perspectiva de corpo ideal, Michaud (2008) considera que a beleza é o terceiro espelho do mundo atual. Para o autor, há uma obsessão pela beleza auxiliada tanto pelos artifícios fotográficos e cinematográficos, situando-a ao lado de uma fantasia e sonho, como

pela cultura dos dispositivos legais da medicina, estética, esporte e ginástica, que refletem a imagem de um corpo mecanizado e sua versão fantasmática quando da implantação de próteses, silicones e demais biotecnologias invasivas.

A arte contemporânea cria um modo de relação com o corpo que o torna potencial de produção enquanto suporte e veículo das experiências artísticas, não sendo mais somente o objeto representado em fotografias, filmagens, pinturas ou desenhos. O corpo permanece objeto da arte, porém, conquista uma posição na qual se torna também sujeito da arte, sendo tatuado, perfurado, implantado de objetos, cortado e costurado como na denominada *body-art* ou corpo-arte (MICHAUD, 2008).

A atividade física pode ser compreendida como outro modo de pensar o corpo como limite quando o indivíduo usa o próprio corpo para garantir a manutenção e aquisição de saúde, beleza e rejuvenescimento propostos atualmente. Segundo Soares (1998), a ginástica, especificamente, foi constituída historicamente no século XIX como movimento para adestrar, ordenar e disciplinar o corpo, criando assim vínculos com as ciências e, em consequência, rompendo com a sua origem constituída nas relações de divertimento, festas populares, espetáculos de rua e circos. Um universo encantador e ao mesmo tempo perigoso aos olhos da burguesia quanto aos usos do corpo, já que na sua gênese o corpo ocupava o lugar central através de movimentos espontâneos que despertavam sorrisos e liberdade de expressão, porém sem utilidades. Isso não coincidia com os propósitos da sociedade burguesa que, atrelada ao discurso científico, preconizava e valorizava o espetáculo institucionalizado da ginástica nos gestos harmônicos e econômicos, e, posteriormente, nas vantagens da ginástica para se obter saúde e formação estética.

Naquela época, a burguesia estava confrontada com este “outro” corpo circense que não refletia a sua imagem e, ao mesmo tempo, insistia em aparecer e confrontar com as noções burguesas de ordem, limpeza e fixidez (SOARES, 1998). A iniciativa foi de se criar um novo homem modificado na aparência, linguagem e costumes dentro de um espaço de tempo histórico e contexto social através da transformação de gestos e signos apregoados do exterior para o interior de cada indivíduo.

Segundo Courtine (1995), a partir dos anos 1980, há uma preocupação excessiva com o invólucro corporal de modo a tornar o músculo um modo de vida através das técnicas de gestão corporal, como *body-building*<sup>6</sup>, *jogging*<sup>7</sup>, ginástica aeróbica, dietas de baixas calorias e

---

<sup>6</sup> No Brasil, é chamado de fisiculturismo. Exercícios com peso, halter e aparelhos de musculação para modelar a massa muscular.

<sup>7</sup> Corrida atlética.

cirurgias plásticas. Os aparelhos de ginástica semelhantes aos de remar e pedalar tornam-se equipamentos decorativos nos lares e signo essencial de pertencimento ao grupo de jovens profissionais urbanos de época, os *yuppies*. O desejo de manter uma pele tonificada, sem rugas e polida, um corpo esbelto e jovem é contraposto à ansiedade que surge diante da menor perspectiva de tudo que possa remeter o corpo à imagem do enrugado, amolecido, pesado e envelhecido. Uma contestação ativa contra a velhice e negação da proximidade da morte.

Dentre as possibilidades da construção de um novo corpo via atividade física, pode-se salientar o *body building*, um método que, através de aparelhagens de ginástica, visa aumentar o volume da massa corporal. Essa técnica proporciona ao corpo certa aparência e, em consequência, alterações das percepções e atitudes do praticante sobre si mesmo, como a melhora da auto-estima, segurança e modos de se vestir e comportar. Ao retomar Vigarello (1995), pode-se notar que a perspectiva do século XVIII sobre a utilidade dos aparelhos para modificar a morfologia do corpo passa para o plano da aparência e robustez. O corpo, antes pressionado e estendido nos aparelhos corretores, passa, no início do século XIX, a executar movimentos nos aparelhos para trabalhar a melhoria da imagem e postura corporal. Do mesmo modo que antes modelavam a morfologia, atualmente, os novos aparelhos orientam a motricidade dentro de um molde padronizado com exercícios metodicamente meticulosos.

Quando afirma-se que a juventude é a vedete do mundo contemporâneo, pode-se pensar que todos os recursos disponíveis para a realização dessa máxima é ou não, de modo subliminar, um dos modos de evitar/retardar a velhice. Pode-se pensar que esta proposta contemporânea de adestrar e disciplinar a si mesmo adquire para alguns indivíduos um tom aterrorizante, e para outros, um aspecto da “Terra do Nunca”, mundo da literatura no qual as pessoas permanecem eternamente jovens. Ou seja, viver o mundo da juventude pode de algum modo, mesmo que imaginariamente, afastar a dimensão inexorável de temporalidade da vida.

Assim, o termo juventude não está atrelado ao significado de idade e sim a um modo de vida cotidiana, “um território onde todos querem viver indefinidamente” (SARLO, 2000, p. 39). Entretanto, muitos são excluídos deste território quando não se adaptam às condições necessárias para manter a eterna aparência da juventude através da adoção de estilo de vida saudável, produtos cosméticos, recursos estéticos e cirúrgicos que alteram os corpos conforme o *design* dos tempos, transformando-o na forma perfeita.

Para Le Breton (2007), toda a preocupação com a aparência, o desejo pelo bem-estar e cuidado com a saúde não modificou em nada a ocultação do corpo reinante na sociedade quando se verifica o destino dado aos velhos, moribundos, deficientes e no medo que, provavelmente, todos nós temos da velhice.

O corpo da velhice nos escancara a decrepitude física e a inevitável mortalidade. Certamente, por isso, Sarlo (2000) afirma que o mercado propõe a ficção consoladora de que a velhice pode ser adiada e, um dia, vencida; a expectativa de que o corpo seja à prova de velhice. Assim, na esperança de podermos expulsar a temporalidade da vida, disciplinamos a nós mesmos através das parafernálias ofertadas (SARLO, 2000).

Portanto, o corpo contemporâneo adquiriu, conforme Sarlo (2000), a dimensão de objeto a ser modelado, projetado e modificado segundo as perspectivas do mercado, que regula e institui a juventude como a protagonista da cultura contemporânea, garantindo liberdade e, paradoxalmente, exclusão, pois anuncia que todos nós somos iguais. Os recursos estão disponíveis no mercado; basta a cada um de nós aderirmos à moda prevalente no momento, correspondendo à noção apresentada por Soares (1998) na qual cada indivíduo adentra e disciplina a si mesmo.

#### 4. IMAGENS CORPORAIS

As primeiras pesquisas sobre a imagem corporal se iniciaram na virada do século XX, especialmente pelos neurologistas que desejam investigar os distúrbios da percepção corporal em pacientes com lesões cerebrais no sistema nervoso central. Dentre os pesquisadores destaca-se Henry Head (1861-1940) que, em 1911, cunhou o termo esquema corporal ao teorizar que cada pessoa constrói para si mesma um modelo padronizado de postura que serve de referência para perceber e relacionar as diferentes posições e movimentos adotados pelo próprio corpo, de tal modo que qualquer alteração na postura poderia modificar o esquema corporal (SILVA *et al*, 2004).

O termo imagem corporal foi estabelecido, em 1938, pelo psicanalista Paul Ferdinand Schilder ao atribuir uma dimensão multifacetada e integrada aos estudos feitos pelo neurologista Henry Head, estabelecendo associações com os aspectos neurofisiológicos, sociais e afetivos (SILVA *et al*, 2004).

Schilder (1980) considera os termos esquema corporal e imagem corporal semelhantes. O esquema corporal é “a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos. Podemos chamá-la de imagem corporal.” (SCHILDER, 1980, p.5). Apesar da conceituação dada à imagem corporal ser ampliada em relação ao conceito de esquema corporal proposto por Henry Head, Schilder (1980) utiliza-se da teoria psicanalítica para fundamentar a noção de imagem corporal perpassada pela fisiologia nas relações de desejo, na perspectiva de energia libidinal<sup>8</sup> e significação social na interação com as outras pessoas.

O fundamental nas investigações de Schilder foi introduzir a ideia de que a imagem corporal tem uma fluidez característica que lhe permite estar sendo construída, reconstruída e reestruturada a todo instante nas relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros, com o ambiente, objetos e adornos, ultrapassando os meros fatores patológicos pesquisados inicialmente por Henry Head (SILVA *et al*, 2004).

A célebre obra de Schilder (1980), *A imagem corporal*, fundamentou notáveis trabalhos que foram publicados na França por Henri Wallon, nos Estados Unidos por James Mark Baldwin e na Alemanha por Charlotte Bühler, entre outros (NASIO, 2009). As inúmeras publicações sobre a imagem corporal e do desenvolvimento infantil inspiraram Jacques Lacan

---

<sup>8</sup> Numa acepção psicanalítica, o termo libido significa a sexualidade humana em geral e a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica (ROUDINESCO, e PLON, 1998, p.471).

e Françoise Dolto, psicanalistas de uma mesma geração, a elaborarem as respectivas teorias sobre a imagem corporal, conforme breve incursão teórica descrita a seguir.

#### 4.1 A imagem corporal no estágio do espelho segundo Jacques Lacan

O estágio do espelho é vivenciado, conforme Lacan (1949/1998), no acontecimento que detém a nossa atenção quando um bebê, diante do espelho, supera a impotência motora do corpo e como apoio sustenta-se numa postura que lhe permita capturar no espelho a própria imagem e o olhar daquele que o observa.

Lacan (1949/1998) descreve o estágio do espelho como um momento que situa três acontecimentos para a formação da instância psíquica do eu: o corpo despedaçado no campo do real, a unidade corporal imaginária e o corpo social no campo simbólico. Assim, para fins de facilitação didática, proponho apresentar este estudo em três momentos, que são, necessariamente, interligados entre si e os quais serão denominados respectivamente de: “estágio *infans*”, “estádio do espelho” e “conclusão do estágio”.

O “estágio *infans*” é a nomenclatura designada por Lacan (1949/1998) para dizer do momento anterior ao “estádio do espelho”, que abarca o período do nascimento aos seis meses de idade, e no qual o corpo do bebê está imaturo neurologicamente quando comparado com outros filhotes animais, cuja maturação já lhes permite andar ou sair correndo. Nesta impotência motora, o corpo do *infans* fica figurado como um corpo despedaçado movido pela pulsão e guiado pelo real<sup>9</sup>.

Lacan situa, no estágio *infans*, o período denominado de autoerotismo<sup>10</sup> (ROUDINESCO e PLON, 1998). O autoerotismo foi promulgado como o estado inicial da libido: “os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo — uma nova ação psíquica — a fim de provocar o narcisismo.” (FREUD, 1914/2006, p.84). Na segunda tópica do ensino freudiano (1929-1939), o narcisismo primário foi situado como o primeiro estado da vida, anterior à constituição do eu, possibilitando certa correspondência entre o momento de autoerotismo ao

---

<sup>9</sup> “Designa uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar.” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.645).

<sup>10</sup> “Termo proposto por Havelock Ellis e retomado por Sigmund Freud para designar um comportamento sexual de tipo infantil, em virtude do qual o sujeito encontra prazer unicamente com seu próprio corpo, sem recorrer a qualquer objeto externo.” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.46).

narcisismo primário (FREUD, 1914/2006). Porém, o ensino lacaniano localiza o narcisismo primário no momento em que a criança capta a própria imagem no espelho a partir da mãe, constitutiva do eu (ROUDINESCO e PLON, 1998).

O segundo momento, designado como “estádio do espelho”, é aquele no qual o bebê entre o período dos seis aos dezoito meses de vida, captura o reflexo da imagem do espelho, revelando certa satisfação no movimento corporal jubilatório e descoordenado perante a unidade corporal refletida do espelho. O *infans* diante da unidade corporal no espelho a distingue como do outro semelhante, pois aquela imagem não corresponde à própria sensação de incompletude e despedaçamento corporal. Contudo, uma imagem corporal somente é possível de se constituir diante de outra com a qual o sujeito se identifica para formar o próprio eu imaginário (QUINET, 2004).

Portanto, pode-se supor que aquela “nova ação psíquica” que Freud (1914/2006) formulou necessária para provocar o narcisismo primário seja a imagem refletida da unidade corporal da presença da mãe ou de outra pessoa no espelho. As pulsões autoeróticas que reinavam no corpo sem unidade ou enquanto despedaçado no estágio *infans*, agora se dirigem à imagem ideal para dar uma unidade imaginária ao corpo (QUINET, 2004).

Assim, pode-se compreender a citação: “o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação (...)” (LACAN, 1949/1998, p.100). Isto é, nessa fase, o *infans* ainda não tem a maturidade neurofisiológica para sustentar uma unidade corporal como a da imagem avistada como completa no espelho e, por isso, diz-se que o bebê captura a forma corporal de outro semelhante antecipadamente (QUINET, 1988).

Para Vallejo (1979), o drama inicia quando o *infans* enfrenta o espelho e é capturado pelo olhar no espelho. Este olhar representa para o bebê a *gestalt* que Lacan (1949/1998) afirma estar ligada à espécie humana. Daí, entender porque o drama está instalado: o espelho devolve ao *infans* algo que ele não é, mas que ele pretende ser a partir deste momento do estágio do espelho. A troca de olhares entre a mãe e a criança é a causa do júbilo, porém, esse instante do olhar é também objeto perdido para sempre - objeto a<sup>11</sup>. E, é esse olhar para sempre perdido que o sujeito visa reencontrar ao longo da vida (QUINET, 2004).

O eu de que se trata no estágio do espelho, fase do processo de identificação da criança, corresponde ao termo escrito em francês [*je*], que significa sujeito do inconsciente,

---

<sup>11</sup> “[...] objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável ou de se tornar um resto não simbolizável.” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.551).

conforme esclarece Lacan (1949/1998) em nota de rodapé do referente artigo. Mesmo que se encontre essa informação impressa no artigo de Lacan, Sigal (2007) considera que, na verdade, o texto esteja se referindo à constituição do eu [*moi*], porque se trata de uma teoria que tenta dar conta da primeira formação do eu, que se constitui como eu ideal e sede das posteriores identificações secundárias - ideal de eu. A autora esclarece que o eu [*je*] e o eu [*moi*] são duas articulações possíveis do eu. O eu [*je*] é o sujeito da oração, aquele que fala em primeira pessoa do singular e o qual a criança demora a utilizá-lo na linguagem. A criança diz “neném quer água” ao invés de dizer “eu quero água”; mas já fala “dá pra mim”, que, no caso, se refere ao eu [*moi*]. O eu [*moi*] se constitui sobre a própria imagem corporal.

O estágio do espelho é o momento em que a matriz simbólica se manifesta, ou seja, a imagem ideal refletida no espelho originária do eu [*moi*] e, segundo Lacan (1949/1998), na forma primordial designada por eu ideal. Ou seja, o eu ideal nasce no processo de identificação com a unidade imaginária refletida no espelho.

Para Vallejo (1979), o ato de introduzir o espelho plano nesta operação psíquica da constituição do eu instaura uma lei e o espaço de uma tópica da qual advém a realidade de um espaço ambivalente: o espaço real que se localiza na frente do espelho plano e o espaço virtual que nos aparenta estar dentro ou atrás do espelho plano.

Esta apresentação nos remete à óptica para explicar a propriedade do espelho plano em refletir a imagem de forma que cada ponto do espaço real tenha uma correspondência biunívoca com o espaço virtual ou imaginário. O espelho plano possui a importante propriedade de reproduzir a distância do objeto ao espelho igual à distância da imagem ao espelho, o que permite pressupor que o que está refletido no campo imaginário é o que se encontra no campo do real. Esta homogeneização do campo real com o virtual somente é possível porque o olho desconhece a virtualidade e não sabe que é ele quem possibilita esta correspondência biunívoca (VALLEJO, 1979).

Porém, Quinet (2004) pontua que a simetria produzida pelo reflexo do espelho é diferente na medida em que o nosso lado esquerdo na imagem torna-se lado direito e vice-versa. Essa inversão na constituição do eu demonstra que a imagem do próprio corpo é uma ilusão enganosa à consciência, essa última considerada uma instância do desconhecer ao não saber que a imagem engana.

Além da função de identificação do eu, outra função do estágio do espelho descrita por Lacan (1949/1998) é a de revelar como se estabelece a relação do organismo com a sua realidade.



O campo do imaginário é que nos possibilita constituir a realidade do mundo que nos rodeia (QUINET, 2004). A imagem é sempre completa e espetáculo da visão, conforme nos revela o mito de Narciso: a beleza estonteante é enganadora, tanto que Narciso não se reconheceu no reflexo da própria imagem.

Na “conclusão do estádio do espelho”, pode-se dizer que o modo pelo qual cada sujeito posiciona-se em relação à realidade do mundo depende de como elabora a articulação do campo do real com o do imaginário, e, isso, somente é possível na mediação do simbólico representado pela palavra do Outro - ideal de eu (PIQUET, 2000). Esta mediação do simbólico adquire o sentido da castração ao introduzir o objeto a, aquele olhar para sempre perdido no reflexo do olhar entre a criança e a mãe. A busca pelo objeto perdido é que nos posiciona perante o mundo, às vezes, vislumbrados pela beleza, prazer e exaltação, como também horrorizados com a imagem.

Então, a relação do homem com a realidade fica, conforme Lacan (1949/1998), numa relação alienante:

O estádio do espelho [...] fabrica para o sujeito apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1949/1998, p.100).

Deste modo, a formação do eu pode ser compreendida como uma identificação, desde que seja na acepção que a psicanálise tem para este termo: “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. (LACAN, 1949/1998, p. 97). Ou seja, quando o sujeito assumir a realidade do mundo. E, conforme Piquet (2000), esta primeira forma de imagem do corpo assumida pelo sujeito é que vai lhe permitir situar, dessa realidade, aquilo que vai ou não ser parte constituinte do próprio eu.

#### **4.2 A imagem inconsciente corporal segundo Françoise Dolto**

A médica e psicanalista francesa Françoise Dolto é outra pesquisadora importante da imagem corporal que, em 1984, retoma o termo imagem corporal estabelecido por Paul Schilder, contudo, sob o ponto de vista da psicanálise lacaniana de representação inconsciente

do sujeito de desejo no corpo, inaugurando o conceito imagem inconsciente do corpo (ROUDINESCO e PLON, 1998).

Segundo Dolto (2002), a imagem inconsciente do corpo é o traço estrutural da história emocional de um ser humano. Toda expressão, emoções e relações de afetos entre a criança com a mãe e familiares, ou seja, com o outro, são elaboradas na imagem corporal enquanto aspecto inconsciente. Assim, a imagem inconsciente corporal não é um dado anatômico e sim uma elaboração que se constrói e remaneja ao longo de toda a história do sujeito. Uma mesma imagem inconsciente do corpo é constituída a partir da inscrição de ritmos coesos entre três modalidades de imagens: a imagem de base, a funcional e a erógena.

A imagem de base é suporte do narcisismo, possibilitando à criança desenvolver-se ao longo da vida na continuidade de sentir-se a mesma. Cada estágio do desenvolvimento libidinal através das zonas erógenas tem uma imagem de base, sendo a primeira a surgir após o nascimento e denominada de imagem área de base, que compreende respiração, olfato e audição. A segunda é a imagem de base oral, que contempla o estágio anterior mais a zona bucal, faringo-laringe entre outros aspectos do corpo até a sensação de fome ou saciedade. A terceira é a imagem de base anal, que acrescenta o funcionamento de controle esfinteriano.

A segunda modalidade, a imagem funcional, é caracterizada de “estênica” e está relacionada à realização do desejo do sujeito: “É graças à imagem funcional que as pulsões de vida podem, após terem sido subjetivadas no desejo, tender a manifestar-se para alcançar prazer, objetivar-se na relação com o mundo e com o outro.” (DOLTO, 2002, p. 43).

A imagem erógena é associada à imagem funcional do corpo, local no qual se estabelece o prazer e desprazer advindos da relação entre o sujeito e o outro. O necessário é que a imagem erógena propicie ao sujeito uma direção para compartilhar o prazer de tal modo humano e simbólico através da mímica, ação e, principalmente, do dito da palavra. Pois, são as palavras ditas pelo outro que a criança vai memorizar para utilizá-las em causa própria na relação com o outro.

Dolto (2002) esclarece que estas três imagens corporais estão ligadas entre si pela pulsão de vida e atualizadas para o sujeito no “desejo de ser” constitutivo da falta primordial, denominado de imagem dinâmica. A imagem dinâmica é desejo e tensão e, por isso, não tem representação.

Conforme publica Dolto (2002), o esquema corporal e a imagem corporal são conceitos distintos, porém, interdependentes para que possa acontecer a comunicação entre os indivíduos. O esquema corporal relaciona-se ao corpo enquanto uma estrutura orgânica universal a todos os indivíduos enquanto de uma mesma espécie, que organiza e possibilita o

contato carnal entre os seres vivos no mundo. O esquema corporal reporta o corpo à realidade imediata e é evolutivo no tempo e espaço. Numa acepção psicanalítica, a autora propõe o esquema corporal nas dimensões do inconsciente, pré-consciente e consciente.

Já a noção de imagem inconsciente corporal é particular para cada um de nós, pois se relaciona ao inconsciente e às energias libidinais. A imagem corporal torna-se consciente somente quando associada à linguagem na manifestação das experiências emocionais vividas. É na revelação da linguagem que a imagem corporal se constitui como a “encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante” (DOLTO, 2002, p.14). A autora afirma pensar como Freud: são as pulsões de vida e de morte que visam realizar os desejos. E, para a autora, basicamente, as pulsões de vida estão ligadas às representações psíquicas e as pulsões de morte a não representação.

No estudo da imagem inconsciente do corpo, Nasio (2009) estabelece aspectos pontuais para determinar como Françoise Dolto preconiza o esquema corporal diferente da imagem inconsciente do corpo, conforme a Figura 1:

ESQUEMA CORPORAL	IMAGEM INCONSCIENTE DO CORPO
<p>O esquema corporal é a apresentação pré-consciente que cada um faz de seu corpo e que lhe serve de referência no espaço.</p>	<p>A imagem inconsciente do corpo é a representação inconsciente que cada um faz de seu corpo de ontem e de hoje, corpo vibrante de desejos, de linguagem e de ternura.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O esquema corporal é comum a todos os humanos.</li> <li>• O esquema corporal é um dado neurofisiológico.</li> <li>• O esquema corporal é uma realidade de fato. É um instantâneo de nosso corpo orgânico, saudável ou doente, tal como vivemos graças às sensações musculares, ósseas, viscerais, circulatórias etc.</li> <li>• O esquema corporal é pré-consciente ou consciente.</li> <li>• O esquema corporal é elaborado visando à aprendizagem da experiência motora.</li> <li>• O esquema corporal é independente da relação afetiva com outro; ele pode se desenvolver inclusive em condições de desgaste afetivo.</li> <li>• O esquema corporal proporciona uma estabilidade espaço-temporal. Graças a esse esquema, o sujeito evita os acidentes e protege seu corpo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A imagem inconsciente do corpo é peculiar a cada indivíduo.</li> <li>• A imagem inconsciente do corpo se forma durante os três primeiros anos de vida.</li> <li>• A imagem inconsciente do corpo é construída e remanejada segundo os estados libidinais (oral, anal e fálico). Cada etapa da formação da imagem é transportada ao preço de uma castração.</li> <li>• A imagem inconsciente do corpo é fundamentalmente inconsciente, mas pode tornar-se parte consciente graças ao psicanalista, que a percebe nas manifestações do paciente e a revela a ele.</li> <li>• A imagem inconsciente do corpo estrutura-se no seio da relação desejante, linguageira e afetiva com outro.</li> <li>• A imagem inconsciente do corpo proporciona ao bebê uma estabilidade, uma constância e uma mesma base.</li> </ul>

Figura 01: “O esquema corporal não é a imagem inconsciente do corpo” (NASIO, 2009, p.140).

Segundo Dolto (2002), outra propriedade característica comum ao esquema corporal e à imagem corporal é a possibilidade de modificações devido às consequências de lesões

corporais. As lesões orgânicas que acometem a estrutura física podem modificar tanto o esquema corporal como a imagem corporal, ou modificar somente o esquema corporal e a imagem corporal permanecer a mesma. Nessa condição, proponho pensar que as alterações corporais decorrentes e naturais do processo de envelhecimento, e acentuadas na fase da velhice, podem provocar tanto modificações no esquema corporal vivenciadas, por exemplo, na perda do equilíbrio e rigidez das articulações, como modificações ou não da própria imagem corporal.

### **4.3 Considerações sobre as imagens corporais de Jacques Lacan e Françoise Dolto**

Segundo Roudinesco e Plon (1998), a concepção de imagem corporal proposta por Françoise Dolto também se aproxima da concepção psicanalítica lacaniana do estágio do espelho comunicada no congresso de Marieband em 1936 e, posteriormente, em 1949 no Congresso Internacional de Psicanálise em Zurique.

Entretanto, Nasio (2009) esclarece haver diferença entre a noção de imagem corporal proposta por Jacques Lacan e Françoise Dolto. Lembra que Lacan introduziu o conceito de imagem corporal referente à imagem exterior refletida no espelho dotada de poder de fascinação. E, que Dolto elaborou o conceito de imagem inconsciente do corpo com o qual fundamenta a teoria da imagem mental do corpo que não reflete no espelho.

A partir da própria experiência clínica e interpretação pessoal da teoria destes dois autores, Nasio (2009) apresenta as duas imagens corporais como distintas e complementares, sendo uma imagem aquela vista no reflexo do espelho e a outra, mental, sentida e registrada na consciência para depois ser recalçada e tornar-se inconsciente.

Nesta perspectiva, Nasio (2009) afirma que a criança descobre duas imagens diante do espelho. A primeira proposta por Lacan na expressão “estádio do espelho”, e a segunda, quando a criança na idade aproximada de três anos descobre que a imagem refletida no espelho não corresponde exatamente ao que ela percebe de si mesma. Essa defasagem irreduzível é penosa e decepcionante para a criança e, em reação, esquece as imagens inconscientes do corpo para se deleitar com a imagem que se parece com ela, mas não se trata dela. A criança percebe que esta imagem refletida no espelho e percebida como defasada é a mesma que as outras pessoas têm acesso a ela. Assim, este “corpo-visto” prevalecerá na

consciência, sobrepondo-se as imagens do “corpo-vivido” que permanecerão para sempre inconscientes (NASIO, 2009, p. 21).

Deste modo, Nasio (2009) afirma o eu, esta sensação de sermos nós mesmos, como uma fusão das imagens refletida e inconscientes, e propõe “a imagem do corpo como a própria substância deformante de nosso eu.” (NASIO, 2009, p.56).

Para o autor, somos o corpo que vemos e sentimos. O eu é a representação do nosso corpo que muda conforme influência da nossa imagem no espelho, comportando a imagem mental das sensações corporais e a imagem especular da aparência do nosso corpo. Nasio (2009) esclarece que o eu é um sentimento particularizado e fundado sobre as nossas imagens corporais, incluindo as imagens equivocadas e que confundem a percepção que fazemos de nós mesmos. Logo, o eu é, ao mesmo tempo, a certeza e a ignorância quanto ao que somos: “Não existe eu puro; o eu resulta sempre da interpretação pessoal e afetiva do que sentimos e do que vemos de nosso corpo.” (NASIO, 2009, p.56).

#### **4.4 Corporalidade: a percepção do corpo próprio conforme Merleau-Ponty**

Na fenomenologia, Merleau-Ponty (1999) apresenta a percepção de si mesmo como uma complexa rede estabelecida entre o ser no mundo e o corpo, os fenômenos, a consciência, os objetos e a existência no tempo e espaço. No mundo há uma consistência ou uma “energia da pulsação de existência” que, de certa forma, possibilita tratar o corpo além das noções fisiológicas de estímulos e reflexos, articulando os aspectos fisiológicos (em si) e os psíquicos (para si), e de tal modo que os processos pessoais fiquem integrados aos atos de uma terceira pessoa em um contexto histórico (MERLEAU-PONTY, 1999).

Quando os aspectos fisiológicos e psíquicos se integram, eles não se distinguem mais como da ordem do para si ou do em si, mas passam a estar direcionados para as intenções no mundo através das relações de troca. O corpo, designado no termo corporeidade ou corporalidade, fica compreendido como um veículo no qual o ser no mundo pode interagir-se em um contexto social datado e empenhar-se em projetos de vida. É importante ter um corpo na noção de “corpo-aqui”, corpo ligado à subjetividade, ao para si mesmo, numa relação com o mundo presente (MERLEAU-PONTY, 1999). Estamos ligados tanto por uma presença de nós em nós mesmos como pela nossa presença no mundo.

Nesta perspectiva, o corpo próprio não é compreendido como semelhante aos objetos disponíveis no mundo e que podem ser encontrados e transportados a outros locais. O nosso corpo não é encontrado por nós mesmos, porque já está conosco e não precisa ser conduzido, pois é o próprio corpo que se lança a esta função. Para exercer essa função, o corpo está dotado de uma capacidade designada de esquema corporal, possibilitando ao indivíduo saber, por exemplo, sobre a posição de cada um dos membros corporais.

Para Merleau-Ponty (1999), o esquema corporal está implicitamente articulado à teoria da percepção. Porém, o autor explica que a noção de esquema corporal adquire noções ambíguas nas ciências. Primeiro, o esquema corporal pode ser compreendido como a imagem das impressões cinestésicas e articulares na qual o corpo se encontra. Essa noção associacionista não corresponde ao que pode comportar o esquema corporal no caso de diagnóstico da aloquiria, distúrbio no qual o paciente sente o estímulo dado no membro do lado contrário. Noutra noção, considerada ultrapassada, o esquema corporal passou a ser entendido como uma tomada de consciência global da postura ou da forma, conforme a psicologia gestáltica (MERLEAU-PONTY, 1999). Há ainda a noção de que o esquema corporal é dinâmico, ou seja, o corpo se apresenta em determinada postura diante da possibilidade de se executar uma tarefa e, para isso, o corpo se ancora em um objeto, situação designada de “espacialidade de situações” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 146). Assim, o esquema corporal é o modo pelo qual o corpo exprime que está no mundo.

Então, o corpo tem um espaço corporal diferente do espaço exterior; porém, estes espaços são capazes de juntos formarem um sistema para visar à meta de ação no mundo, constituindo o corpo fenomenal. A noção de mundo, de sujeito e a ideia de corpo estão implicados na essência da subjetividade, porque o sujeito é inseparável do corpo. Assim, Merleau-Ponty (1999) explica que temos um corpo objetivo que é diferente do corpo fenomenal. O corpo fenomenal refere-se ao modo pelo qual vivemos, e o corpo objetivo relaciona-se às descrições anatômicas e fisiológicas, uma imagem reduzida do corpo fenomenal.

Este corpo, tanto fenomenal como objetivo, vive num tempo presente que possibilita o acesso ao tempo passado e ao tempo futuro. Distribuído o tempo presente em impessoal, aquele que se escoia, e em tempo pessoal que se fixa como, por exemplo, quando o tempo passado permanece como verdadeiro presente que não se distancia de nós mesmos, pode-se elaborar que as percepções são renováveis enquanto conteúdo de nossa experiência: “Percepções novas substituem as percepções antigas, e mesmo emoções novas substituem as

de outrora, mas essa renovação só diz respeito ao conteúdo de nossa experiência e não à sua estrutura [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.123).

Conforme Merleau-Ponty (1999), além da percepção do corpo próprio para si mesmo, existe a percepção do nosso corpo pelo outro. Essas duas possibilidades de percepção do corpo próprio coexistem em um mesmo mundo temporal designado. A percepção do corpo próprio para si mesmo corresponde à representação que o corpo faz de si mesmo, enquanto um conjunto de significações possíveis através da linguagem falada, dos sotaques, dos gestos e da fisionomia estabelecidos na relação com o outro. A percepção não pode ser entendida mais somente como um acontecimento fisiológico que constitui através da consciência o objeto verdadeiro, mas como a nossa qualidade de estarmos intrinsecamente relacionados às coisas:

Existem dois e somente dois modos de ser: o ser em si, que é aquele dos objetos estendidos no espaço, e o ser para si, que é aquele da consciência. Ora, diante de mim, outrem seria um em si, e todavia ele existiria para si, para ser percebido ele exigiria de mim uma operação contraditória, já que ao mesmo tempo eu deveria distingui-lo de mim, portanto situá-lo no mundo dos objetos, e pensá-lo como consciência, quer dizer, como essa espécie de ser sem exterior e sem partes ao qual só tenho acesso porque ele sou eu, e porque nele se confundem aquele que pensa e aquele que é pensado (MERLEAU-PONTY, 1999, p.468).

Dada citação anterior, é importante enfatizar que a percepção de si mesmo proposta por Merleau-Ponty (1999) acontece também na capacidade de se perceber o outro ao reconhecê-lo na sua diferença, enquanto alteridade.

#### **4.5 Envelhescência: desencontro no espelho com a própria imagem corporal**

Na velhice, a percepção da pessoa sobre si mesma tanto pode estar perpassada pelas significações culturais depreciativas que favoreçam a rejeição e o isolamento diante do próprio envelhecer, como de sentidos de reconhecimento e valorização. A pessoa depara-se com as próprias percepções e reações psíquicas diante desta fase de vida, a velhice, e com as reais transformações corporais que se apresentam como que de repente, circunscrevendo o corpo como caído, enrugado, flácido e sem forma. Um corpo velho.

Provavelmente, algumas pessoas na velhice, diante da própria imagem refletida no espelho, recitariam a estrofe do poema: “eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: - Em que espelho ficou perdida a minha face?” (MEIRELES, 1987, p.95).

No poema, a descrição deste sentimento de perda da própria face pode significar o não reconhecimento de si mesmo na imagem do corpo refletido no espelho. Essa imagem irreconhecível é, provavelmente, percebida pela pessoa quando ela não se imagina tão velha como aquela do espelho. Neste caso, pode-se pensar que a pessoa tem um ideal de imagem de si mesma conservado no psiquismo, de tal modo a não se reconhecer na imagem envelhecida e refletida do espelho.

Para Berlinck (2000), este momento de desencontro pode ser esclarecido na compreensão de que o inconsciente é extenso no tempo e espaço, proporcionando um momento da vida designado de envelhescência. Essa é o desencontro entre a intemporalidade do inconsciente e a temporalidade na qual o corpo se inscreve. O autor explica que algo da envelhescência ocorre de modo semelhante à entrada na adolescência, fase da vida em que modificações corporais ocorrem e podem causar certos estranhamentos ao indivíduo. No caso da velhice, a pele se enruga, os cabelos embranquecem, as capacidades naturais diminuem e tantas outras alterações corporais ocorrem contrapostas a uma alma jovem, que a expressão “evidente descompasso com seu envelope” parece se confirmar (BERLINCK, 2000, p.193).

Na envelhescência, comumente, o sujeito pensa sobre a proximidade da morte ao perceber que o tempo de vida está reduzido e o corpo na característica perda das potencialidades não responde mais a determinados desejos, sendo preciso recriar novos modos de vivenciar a rotina diária e o trabalho para adaptar-se às exigências do corpo (BERLINCK, 2000). A temporalidade escancara à pessoa na velhice que ela já não possui mais o tempo necessário para concretizar muito dos projetos idealizados, tornando-se imprescindível realizar o que for possível daquilo sonhado. Para o autor, é na velhice que se começa a pensar sobre o possível e não mais sobre o ideal como algo para ser alcançado, uma vez que a relação do eu diante dos ideais, o eu ideal e o ideal do eu, fica reduzida, incitando a pessoa a se questionar: “para que mesmo eu estou vivo?” (BERLINCK, 2000, p.194). Deste modo, a pessoa pode sentir-se aflita diante da própria imagem enquanto velha, pois antecipa o seu corpo que se curva e declina para a morte. Difere do bebê, que se rejubila diante da própria imagem, antecipando sua unidade corporal no estágio do espelho.

Não significa que ficar velho passe necessariamente pela envelhescência, conquanto que nos deparamos com os velhos jovens, jovens velhos e velhos adolescentes. A envelhescência é o reconhecimento do desencontro que adquire efeito de significante, ela é



um significante possível à subjetivação, pois “(...) a envelhescência é uma recriação do eu diante das exigências pulsionais e as novas exigências do corpo que se aproxima da morte.” (BERLINCK, 2000, p.197).

Na envelhescência, a pessoa imagina que não ocupa o mesmo lugar nas relações familiares e sociais, sente-se sozinha mesmo rodeada de pessoas do seu cotidiano. O reconhecimento de que os seus antepassados já faleceram e que os filhos cresceram pode resultar neste sentimento de solidão.

Outra característica da envelhescência é que o sujeito tem que distanciar-se dos preconceitos e estigmas que tanto deturpam a noção de velhice para pensar sobre si mesmo e reescrever a própria história. Viver a envelhescência, de certo modo, fortalece o sujeito, deixando-o mais tolerante, compreensivo para a vida, que pode ser ao mesmo tempo divertida e enfadonha, ativa e inativa.

Para finalizar, quero ressaltar que a perspectiva da pluralidade é a que adoto para a dissertação, a partir da conclusão de que há uma diversidade de significados e sentidos para se pensar a velhice e a imagem corporal no mundo atual, sendo impossível elaborá-las e conceituá-las universalmente. Além disso, há também uma pluralidade de compreensão do tema de pesquisa. Por isso, trabalhar com diversos autores e perspectivas teóricas distintas é importante para buscar uma melhor compreensão do tema.

Dessa forma, dentre as perspectivas apresentadas aqui, a abordagem prevalente na dissertação é a psicanalítica, mesmo que essa tenha concepções de ensino diferenciadas, como Lacan (1949/1998), Dolto (2002), Nasio (2009) e Berlinck (2000), e apesar de que nenhuma trate especificamente sobre a questão da imagem corporal na fase da velhice. Por isso, considero que todas essas perspectivas psicanalíticas e a noção de corporalidade de Merleau-Ponty apresentam aspectos que servem de base para interpretação dos dados obtidos na pesquisa.

## 5. METODOLOGIA

A busca de sentido e o desejo de compreender como o velho percebe a própria imagem corporal, a partir da sua experiência de velhice e das significações dadas ao corpo no contexto do mundo contemporâneo, inscrevem o presente trabalho na abordagem de pesquisa qualitativa.

Conforme Turato (2005), a metodologia da pesquisa qualitativa encontra-se na cientificidade das Ciências Humanas quando busca entender a significação individual e/ou coletiva de certa “coisa” (fenômenos, experiência, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos e assuntos) na vida daqueles que o vivenciam, criando um modelo de entendimento de como certo fenômeno invisível ao olhar comum permeia a vida das pessoas. Santos (2006) esclarece melhor essa ideia ao apontar que o comportamento humano, diferente dos fenômenos naturais, não pode ser descrito e explicado com base nas características exteriores, porque uma mesma ação pode obter sentidos variados. Por isso, enfatiza a importância da diferenciação entre as ciências sociais e naturais:

A ciência social será sempre uma ciência subjectiva e não objectiva com as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas acções, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjectivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objectivo, explicativo e nomotético (SANTOS, 2006, p.38).

Deste modo, penso que os diversos sentidos elaborados pelos sujeitos velhos para o fenômeno da percepção da própria imagem corporal adquirem uma função simbólica que estrutura a vida do sujeito em torno de significações que são compartilhadas no grupo de pertencimento, que, por sua vez, também se organiza em torno de representações e símbolos.

Turato (2005) apresenta outras duas particularidades da pesquisa qualitativa: caracterizar o método como rigoroso na validade dos dados coletados, já que o pesquisador aproxima-se da essência da questão pesquisada; e, a de realizar a pesquisa no contexto do entrevistado sem controle de variáveis, permitindo observações e escutas acuradas do sujeito.

De modo semelhante, Minayo (1996) considera o campo teórico e metodológico engajados na realidade social na qual está inserido o sujeito de estudo, para isso, a metodologia da pesquisa qualitativa deve estar constituída por três aspectos: 1) as abordagens teóricas que têm articuladas as ciências e a metodologia; 2) o conjunto de técnicas constituído

por um instrumental para apreender a realidade; 3) o potencial criativo do pesquisador, que pode superar o instrumental quando, por exemplo, ele percebe as preocupações da realidade e a transforma em questão de pesquisa. A autora descreve que a realidade a ser apreendida não é estanque e não se esgota, porque envolve diferentes áreas de conhecimento, como também supera as limitações científicas. Certamente, por isso, ela afirma que apreender a realidade é uma atitude inacabada.

### **5.1 Participantes da pesquisa**

Os participantes selecionados para a pesquisa têm a idade cronológica a partir dos 65 anos, são dos sexos masculino e feminino, e moradores do município de Timóteo - MG. Como na cidade há dois programas destinados especificamente à população da terceira idade, atendendo, aproximadamente, 2.500 idosos, o outro critério de seleção para participar da pesquisa foi convidar sujeitos participantes e não participantes desses programas.

Geralmente, a idade cronológica é considerada um demarcador social que delimita e organiza, na maioria dos países, o ingresso ou não dos indivíduos às questões do âmbito legal e jurídico. No caso da velhice, pode-se verificar que a Organização das Nações Unidas – ONU estabelece que, nos países subdesenvolvidos, a idade de 60 anos é o limite que diferencia entre o indivíduo ser adulto e idoso. Nos países ricos, a idade limite é de 65 anos (BRASIL, 2007a).

No Brasil, o critério da idade cronológica é também adotado pela Política Nacional do Idoso quando estabelece a idade de 60 anos como marco do início da terceira idade (BRASIL, 1988). O Ministério da Previdência Social estipula a idade de 60 anos para as mulheres e 65 anos para os homens como um dos critérios para adquirir o direito à aposentadoria (BRASIL, 2007e).

No primeiro momento, o critério para entrevistar pessoas na velhice participantes e não participantes em programas direcionados ao idoso ou à terceira idade não visa um estudo comparativo entre ambas as condições e sim, possibilitar que a diversidade de discursos prevaleça na pesquisa. Como os programas enfatizam em demasia que o envelhecimento pode proporcionar o prazer e a realização pessoal, o critério inicial de entrevistar metade dos sujeitos participantes e outra metade não participantes foi modificado. Ficou a quantidade de dois sujeitos participantes e cinco não participantes como uma tentativa de prevenir para que a

pesquisa não seja tomada pela repetição de um discurso pré-estabelecido, artificial e homogêneo sobre a vivência da velhice (DEBERT, 2004).

Os participantes aceitaram voluntariamente participar da pesquisa e concordaram com a gravação das entrevistas. Para manter o sigilo da identidade dos entrevistados serão utilizados nomes fictícios para cada um deles na transcrição da entrevista. Para os participantes em programas direcionados ao idoso ou à terceira idade, os nomes fictícios irão iniciar com a letra P, e para os não-participantes, os nomes fictícios iniciarão com a letra N. Deste modo, temos os entrevistados Nádia, Neide, Neto, Nívea, Norberto, Paulo e Pompeia, apresentados a seguir.

## **5.2 Apresentação dos participantes**

### **Nádia**

Nádia ficou órfã aos cinco anos e, aos oito anos, foi trazida de Montevidéu - Uruguai para morar junto à sua madrinha no Brasil. Conta que na infância era um “capeta”, que adorava jogar futebol com os garotos e que sofria muito com os castigos aplicados na escola devido a sua dificuldade para entender bem o português. Casou-se e veio morar em Timóteo em 1945, construindo uma família com dois filhos, uma filha, seis netos, duas netas, três bisnetas e um bisneto. Ela trabalhou como presidente da Associação de Proteção à Infância - APIA, promovida pela empresa Acesita e durante muitos anos deu aulas de tricô na sua casa. Revela que sempre gostou de se vestir de Papai Noel ou Mamãe Noel para alegrar o Natal de crianças carentes, inclusive manteve esse prazer até bem próximo dos 86 anos. Ela está viúva há 20 anos e, atualmente, aos 91 anos, mora sozinha na mesma casa, próxima da filha e alguns netos. Todos os dias, uma senhora lhe faz companhia no período da tarde e por toda a noite. Durante a entrevista mostrou-se com movimentos ágeis, bem humorada, lúcida e com uma memória invejável ao recordar datas e nomes rapidamente. Após a entrevista, admirei vê-la portar com facilidade a bandeja com uma garrafa de dois litros de refrigerante, dois copos e uma compoteira de cristal com biscoitos, e recusar minha ajuda para nos servir.

## **Neide**

Neide está com 69 anos e mora em Timóteo desde seu primeiro casamento em 1961. Ela se considera timotense; afinal, já vive aqui há 48 anos, mais tempo do que na sua cidade natal. O primeiro casamento durou 28 anos, mas separaram-se. Nesse período de relacionamento, o casal teve duas filhas e um filho, sendo uma filha adotada “de coração”, não legalmente. Depois de quatro anos separada, Neide conheceu o atual marido, com o qual está casada há 19 anos. Atualmente, eles têm quatro netos. Desde que chegou a Timóteo, ela exerce a profissão de cabeleireira no próprio salão localizado sempre em anexo de suas moradias. Além da profissão de cabeleireira, ela é carnavalesca e professora de dança de salão; assim, viaja sempre para participar de cursos de reciclagem. Ela foi a única pessoa que iniciou a entrevista me entrevistando, ela queria saber o porquê que eu a havia escolhido para a pesquisa. Noto que a minha pesquisa entrevista velhos e com certo zelo na escolha das minhas palavras, eu acredito que consegui fazê-la entender que as pessoas na idade dela podem às vezes ser consideradas velhas ou não, depende dos critérios adotados para essa classificação. E, se a estou considerando uma mulher velha, quero saber qual o modo de velhice é o dela, pois, atualmente, as pessoas envelhecem bem diferente das pessoas de anos atrás.

## **Neto**

Neto está com 86 anos. Está viúvo há três anos da esposa com a qual permaneceu casado por 51 anos e tiveram duas filhas e dois netos. Ele é médico formado no ano de 1949 na atual escola de medicina da UFMG. Em 1950 retornou à cidade natal para substituir, temporariamente, o médico da cidade. Trabalhou em Volta Redonda e, depois de dois anos, ele recebeu a proposta para vir para Timóteo e trabalhar na empresa Acesita no ano de 1952. Revela que foi o sétimo médico a chegar à cidade e trabalhou na empresa até 1977, quando se aposentou. Recebeu inúmeras propostas para trabalhar em outras cidades, mas, na ocasião, a esposa e ele consideraram melhor permanecer na cidade. No período de 1955 a 1974, ele também trabalhou como médico no Sindicato dos Metalúrgicos na cidade vizinha. No dia seguinte da aposentadoria, Neto foi trabalhar no próprio consultório médico, o primeiro

particular de Timóteo e no qual permanece até os dias de hoje com os atendimentos de seus pacientes. Clínico geral e especializado em ginecologia obstetrícia, sete anos atrás, Neto optou em parar com a parte de obstetrícia e continuar somente com a parte de ginecologia e clínica geral. Mas, na parte de ginecologia, ele não realiza exames preventivos ginecológicos devido ao enfraquecimento da visão com o passar da idade contraposta aos cuidados necessários na utilização de instrumentos para exames detalhados e mais precisos.

### **Nívea**

Nívea está com a idade de 73 anos. Está viúva há um ano e quatro meses do marido com o qual permaneceu casada por 55 anos. Tem quatro filhos, oito netos e três bisnetos. É professora aposentada pelo Estado. Trabalhou quarenta anos como regente. Ela começou a dar aula na escola rural na cidade em que nasceu no interior de Minas Gerais aos 15 anos, tinha noventa alunos e não era formada. Quando veio morar em Timóteo no ano de 1957, ela começou a lecionar como professora substituta nas escolas estaduais. Naquela época, Nívea fez o curso de formação denominado de Madureza e depois foi fazer o curso magistério em outra cidade, nos finais de semana. Atualmente, ela trabalha como professora voluntária no projeto de alfabetização de idosos, ministrando aulas duas vezes na semana, e, além disso, participa do grupo de oração que se reúne uma vez por semana na casa de uma das participantes. Participa do grupo denominado de Costurinha, no qual as costureiras se reúnem no ateliê de costura de uma delas para fazerem enxovais de bebê a serem doados às mães carentes. Cada uma do grupo disponibiliza o valor mensal de dez reais, como também recorrem à ajuda de alguns empresários para a aquisição dos materiais. Além de todas as participantes costurarem, cada uma delas tem uma função específica no grupo, sendo a de Nívea a função de tesoureira. Nívea também dá aulas de catequese na igreja católica para as crianças; gosta de bordar e pretende aprender a usar o computador.

### **Norberto**

Norberto tem 83 anos e está aposentado como bancário há 30 anos. Casado há 51 anos, tem três filhos e uma filha, sendo um total de sete netos e um bisneto. Na época da

aposentadoria, Norberto tinha em torno de 53 anos e, como ele mesmo disse, tinha disposição, então viajou muito com grupo de amigos para pescar na região de Goiás. Diz que agora já não se interessa em fazer essas viagens, prefere ficar mais em casa, onde movimenta o dia todo ao fazer as coisas de que gosta. Conta que o seu objetivo enquanto trabalhador era o de aposentar-se e, após tanto tempo aposentado, sente-se bem nessa condição. E, realmente, ele pareceu-me aparentar menor idade do que tem e demonstrou-se eloquente para falar e com muito humor. Revela que gosta de ter a televisão no seu quarto e que assiste determinados programas, como “A Praça é Nossa” e “Expedições”. Lê somente as manchetes dos jornais, porque ali ele já fica sabendo das coisas e se livra rápido do lixo que é o papel.

### **Paulo**

Paulo é participante há, aproximadamente, quatorze anos de um programa direcionado à terceira idade na cidade de Timóteo. Diariamente, pela manhã, participa das atividades propostas no programa. No final da tarde, ele frequenta o clube, onde nada, toma sauna e joga cartas com os amigos. Na data da entrevista, ele estava com 75 anos e próximo de completar mais um ano de vida. Nasceu no interior de Minas Gerais, numa família numerosa de dezesseis filhos. Mudou-se para Timóteo no ano de 1968 e, nesse mesmo ano, a esposa chegou de outra cidade para morarem juntos até os dias de hoje. Neste ano, o casal comemorou as bodas de cinquenta anos de casamento. Eles têm quatro filhos e a filha caçula. São dez netos entre a faixa etária de 04 a 20 anos. Atualmente, Paulo, a esposa e a sua filha fazem biscoitos e linguiça para vender, uma forma de completar o orçamento mensal da casa. Trabalhou na empresa Acesita desde 1969 na função de eletricitista e aposentou-se no ano de 1992, aos 60 anos. Entre os anos de 1971 a 1997, ele adquiriu um táxi para trabalhar nas horas de folga do trabalho na Acesita. No período de 1989 a 2000, ele abriu um bar na área da garagem de sua casa, onde servia almoço e tira-gosto à noite.

### **Pompeia**

Pompeia tem 78 anos, está viúva há 30 anos do marido com o qual permaneceu casada por 32 anos e tiveram duas filhas, dois filhos, quinze netos e três bisnetos. Ela considera que

desde 1979 a sua vida tem sido muito difícil devido ao adoecimento e morte do marido e de um dos seus filhos. Veio para a região há 35 anos e mora em Timóteo há 12 anos, aproximadamente, no seu próprio apartamento. Conta que desde menina aprendeu a fazer de tudo para sobreviver na vida. Revela que era uma criança muito esperta e, assim, aprendeu a ler rapidamente. Sempre gostou de estudar, mas não teve muitas oportunidades para se formar devido à prioridade de trabalhar para sustentar a família. Depois de casada, durante muitos anos, costurou em casa e vendeu roupas que também comprava no atacado. Hoje está aposentada e considera que não precisa trabalhar, apesar de sentir que mesmo assim poderia trabalhar. Aos domingos reúne parte da sua família no seu apartamento para o almoço, fazendo o cardápio que agrada a todos. Ela tem uma filha casada que mora no exterior com o marido e filhos. Durante a semana, Neide não para em casa, pois adora ir à rua para tratar de compras e pagamentos, e participar do programa direcionado para a terceira idade, do qual participa há mais de dez anos em atividades que ocorrem ao longo de toda a semana.



<b>PARTICIPANTES</b>	<b>NÁDIA</b>	<b>NEIDE</b>	<b>NETO</b>	<b>NÍVEA</b>	<b>NORBERTO</b>	<b>PAULO</b>	<b>POMPEIA</b>
<b>IDADE</b>	91 anos	69 anos	86 anos	73 anos	83 anos	75 anos	78 anos
<b>RESIDENTE</b>	53 anos	48 anos	47 anos	52 anos	46 anos	40 anos	35 anos
<b>TIMÓTEO/anos</b>							
<b>ESTADO CIVIL</b>	Viúva	Casada	Viúvo	Viúva	Casado	Casado	Viúva
	20 anos	2ª vez	4 anos	16 meses			30 anos
<b>CASAMENTO/anos</b>	53 anos	19 anos	51 anos	55 anos	51 anos	51 anos	32 anos
<b>SITUAÇÃO</b>	Aposentada	Aposentada	Aposentado	Aposentada	Aposentado	Aposentado	Aposentada
<b>PROFISSIONAL</b>			(31 anos)	(10 anos)	(30 anos)		
<b>ATUAL</b>		Profissional liberal: cabeleireira	Profissional liberal: médico	Professora Voluntária			
<b>SITUAÇÃO</b>	Associação de Proteção à Infância (APIA)	Profissional liberal: cabeleireira	Médico (desde 1940)	Professora (40 anos no Estado)	Funcionário Vitória-Minas	Técnico-Eltricista	Costureira
<b>PROFISSIONAL ANTERIOR</b>	Professora de tricô				Bancário	Motorista de táxi	Sacoleira
						Proprietário de um bar	

Quadro 1: Caracterização dos sujeitos de pesquisa  
Fonte: Dados da pesquisa

### 5.3 Instrumentos de pesquisa

O instrumento utilizado na coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, que aconteceu individualmente e orientada pelos tópicos do roteiro, possibilitando a todos os entrevistados discorrerem sobre o proposto, sem respostas ou condições pré-fixadas pelo pesquisador, conforme citação seguinte:

Entrevista semi-estruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, junto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p.46).

Observei que, desde o início, os entrevistados sentiram-se à vontade para falarem livremente de determinados sentimentos, acontecimentos e experiências de suas vidas que não estavam propostos no roteiro de pesquisa, produzindo amplo material para análise.

O roteiro de pesquisa utilizado contempla tópicos relacionados à descrição das atividades diárias, percepções sobre o próprio corpo, relação com a própria imagem, sentidos para a idade, perspectivas de futuro e relacionamento amoroso, conforme apêndice.

### 5.4 Procedimentos para a coleta de dados

Os sujeitos de pesquisa foram indicados pela minha rede de conhecidos e, posteriormente, foram convidados pessoalmente para participar da pesquisa. Esta rede de conhecidos possibilitou uma diversidade no material de pesquisa ao aproximar pessoas de grupos distintos e que não são todas conhecidas e/ou amigas.

Portanto, foi um total de sete sujeitos entrevistados por considerar que este número apresentou variáveis suficientes em termos de idade ao contemplar as décadas de 60, 70, 80 e 90 anos, exercício da profissão e aposentadoria, níveis de escolaridade e estado civil diferenciados. Destes sete sujeitos de pesquisa, dois são participantes regulares há mais de um ano em programas direcionados ao idoso ou à terceira idade, e os outros cinco não são participantes, sendo um total de três homens e quatro mulheres.

No momento do convite, eu informei às pessoas sobre a finalidade e relevância da pesquisa, cujo projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC - Minas e aprovado conforme documentação CAAE - 0032.0.213.000-08. Ressaltei a importância da colaboração do entrevistado, expliquei sobre a necessidade da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pedi permissão para a gravação do áudio da entrevista e informei sobre o sigilo e anonimato no manuseio dos dados obtidos, garantindo o caráter confidencial das informações. As pessoas que aceitaram participar da pesquisa manifestaram certo receio quanto ao modo de colaboração, sendo necessária uma melhor explicação de que a pesquisa visa justamente o saber pessoal e singular, que não se aprende nos livros e sim a partir da experiência de vida que cada um poderia me relatar.

Todos os entrevistados preferiram marcar a realização da entrevista na própria casa, sendo os horários variados entre os turnos da manhã, tarde e noite. Como eu havia dito aos entrevistados que era necessário um local no qual a entrevista ocorresse com tranquilidade e privacidade, três entrevistados programaram um horário com a família para ficarmos na casa sem sermos interrompidos. Um entrevistado recebeu-me no ambiente de trabalho, que fica ao lado da casa e os outros três entrevistados me receberam junto à família e depois fomos para um local tranquilo da casa e, a sós, realizamos a entrevista. Considero oportuno relatar que um dos entrevistados, que aceitou prontamente participar da pesquisa, adiou a confirmação do local e horário da entrevista por, aproximadamente, cinco vezes, justificando que não seria de “bom modo” me receber sozinho em sua casa.

Na ocasião das entrevistas, notei certa dificuldade por parte dos entrevistados em iniciarem a fala quando eu ligava os gravadores. Então, adotei como procedimento gravar parte da nossa conversa inicial para imediatamente após ouvi-la junto ao entrevistado, numa tentativa de minimizar a insegurança quanto à gravação. Deste jeito, o entrevistado descontraía-se ao ouvir a própria voz e eu verificava a nitidez das gravações. Enquanto ouvíamos a gravação, eu preparava o outro gravador de modo que ambos fossem ligados antes de iniciar a entrevista propriamente dita.

Neste momento da coleta de dados, observei que alguns dos entrevistados modificavam o volume da voz conforme o relato. Se o caso relatado remetia a tristes lembranças e/ou dificuldades pessoais, os entrevistados abaixavam o volume da voz; se fosse relacionado a assuntos alegres e de conquistas, elevavam o volume da voz. Outra constatação nas entrevistas foi o esquecimento da palavra que os entrevistados pretendiam falar, assim, fui convocada a ajudá-los a acharem a palavra perdida e, muitas vezes, não encontrada para completar as frases. Estas variações na fala, voz e respiração no decorrer da entrevista estão

supostamente relacionadas ao provável processo de envelhecimento, semelhante ao relato de uma experiência de pesquisa:

Gostaria que se compreendessem os limites que os narradores encontram. Faltou-lhes a liberdade de quem escreve diante de uma página em branco e que pode apurar, retocar, refazer. Suas memórias contadas oralmente foram transcritas como colhidas no fluxo de sua voz. E eles encontraram também os limites de seu corpo, instrumento de comunicação às vezes deficitário. Quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis. (BOSI, 2007, p.39).

No final da coleta de dados e com os gravadores já desligados, muitos entrevistados continuaram expressando sentimentos sobre a própria experiência de velhice ou retornavam a algum dos temas tratados. Todos os entrevistados mostraram-se satisfeitos e surpreendidos ao comentaram que haviam falado demais e sobre questões que suspeitavam não ser importantes para a pesquisa: “nossa, acho que falei demais.”. Também, mostraram-se receptivos caso fosse necessário o meu retorno para esclarecimento de dúvidas ou obtenção de alguma outra informação, o que não foi necessário com nenhum dos entrevistados. Na minha saída, me levaram para ver suas fotografias e das famílias expostas em porta-retratos sobre os móveis e fixados nas paredes das casas, assim como para folhear os álbuns de fotografias das Bodas de Ouro, passeios turísticos no Brasil e exterior.

### **5.5 Método para a análise e interpretação dos dados**

A análise dos dados coletados foi realizada a partir do método da análise do discurso, que, conforme Orlandi (2008), é a teoria que sabe trabalhar a linguagem não como um mero instrumento de comunicação ou suporte de pensamento, mas como uma multiplicidade de sentidos. O homem entendido como um ser simbólico produz sentidos para tudo aquilo que vê, ouve e experimenta. Essa produção de significações é reconhecida na teoria através da linguagem verbal escrita ou oral e a não-verbal nas diferentes formas materiais ou na materialidade da linguagem.

Contudo, Orlandi (2008) pressupõe que não há sentido sem interpretação e, para a autora, essa acontece em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa. O sujeito, ao dizer de um modo e não de outro, demonstra como determinada significação faz sentido para ele e

para a sociedade na qual vive. Agora, o analista não deve exatamente interpretar o discurso do sujeito e sim entender como funciona ou produz sentidos, mas sempre em “relação a” e não por si mesmo (ORLANDI, 2008, p.19). A autora explica que a significação tem a qualidade da falta, da incompletude, isto é, o lugar do possível na linguagem, pois o sentido é uma questão que não se limita e, em consequência, a interpretação também não se fecha. Daí a opacidade do discurso com a qual a análise do discurso trabalha ao reconhecer a impossibilidade de acessar o sentido existente em algum ponto da discursividade. A análise do discurso não visa o que o discurso quer dizer e sim como ele funciona na sua materialidade e na sua ordem própria de contradições, esquecimentos, falhas, silêncios e equívocos.

Para complementar essa perspectiva discursiva, recorro a Amorim (2007) quando afirma que entre o discurso do sujeito analisado e do próprio pesquisador emerge significados paradoxais e conflituosos, mas que, de certo modo, colaboram para a renúncia da ideia de transparência dos discursos. É no trabalho da não transparência ou opacidade dos discursos que a autora acredita ser possível “fazer da diversidade um elemento constituinte do pensamento e não apenas um aspecto secundário” (AMORIM, 2007, p. 12).

Considerarei também de importante relevância para as minhas análises dois aspectos do pensamento de Mikhail Bakhtin apresentados por Amorim (2007): primeiro, a problemática da alteridade ao pensar que tudo o que dissemos e o como dizemos sempre tem como suposto o outro na sua diversidade; e, segundo, o conceito de exotopia aplicado ao trabalho de pesquisa, segundo a citação: “meu olhar sobre o outro não coincide nunca com o olhar que ele tem de si mesmo. Enquanto pesquisador, minha tarefa é tentar captar algo do modo como ele se vê, para depois assumir plenamente meu lugar exterior e dali configurar o que vejo do que ele vê.” (AMORIM, 2007, p.14). Acredita-se que desse lugar exterior, o analista pode ver no sujeito algo que ele mesmo nunca poderá ver.

Para concluir, recorro a Geraldi (2007) quando diz que o outro sempre porta uma experiência de mim que eu mesmo não tenho, mas que, por sua vez, tenho a respeito dele. E, isso demonstra a nossa incompletude e inacabamento. Pressuponho essa ideia semelhante à Orlandi (2008) ao comentar que a nossa linguagem é incompleta e que somos seres constituídos na e pela linguagem. Somente o outro como um espelho pode nos dizer como somos vistos e é nessa configuração relacional e de reflexão da existência do outro que a nossa individualidade se origina, demarcando o nosso espaço no qual nos revelamos ao percebermos a nós mesmos, o outro e o mundo (GERALDI, 2007).

## 6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

### 6.1 Trabalho e não-trabalho

A proposta inicial desta análise era a de discutir os efeitos de sentidos produzidos no discurso dos entrevistados ao relatarem como ocupam o tempo em seu cotidiano de vida. Porém, pude constatar que o cotidiano de vida dos entrevistados estava basicamente organizado pela noção de aposentadoria, atividade física e trabalho, sendo esse último o de maior predomínio e produzido sob diversos sentidos. Portanto, decidi modificar a proposta inicial de analisar o cotidiano de vida para a análise das noções de trabalho e não-trabalho como organizadores do dia-a-dia dos entrevistados.

O foco desta análise está na identificação dos afazeres diários que são nomeados de trabalho pelos entrevistados e, por exclusão, aquilo que não for assim significado será designado de não-trabalho. A análise terá também como foco a constatação dos sentidos produzidos para as noções de trabalho e/ou não-trabalho. Assim, a noção de trabalho não se relaciona, necessariamente, ao de trabalho formal enquanto vínculo empregatício.

De qualquer modo, pode-se constatar que as noções de trabalho e/ou não-trabalho organizam o cotidiano de vida dos sujeitos quando declaram ocupar ou não o tempo com variadas responsabilidades, afazeres domésticos, atividades e/ou com o trabalho formal.

Há entrevistados que afirmam trabalhar e aqueles que não se utilizam do termo trabalho para designar as atividades realizadas no cotidiano da vida. Em síntese, um mesmo entrevistado pode afirmar-se trabalhador para determinadas ocasiões/tarefas do dia-a-dia, ao mesmo tempo, em que não significa de trabalho outras atividades, incluídas na noção de não-trabalho. Também, uma mesma atividade e/ou atividades semelhantes podem ser significadas diferentemente de trabalho e/ou na noção de não-trabalho entre os entrevistados.

A variabilidade de atividades nomeadas de trabalho ou a diversidade de sentidos produzidos para a noção de trabalho talvez possa ser mais bem compreendida quando se explica que, no mundo atual, o trabalho adquiriu um valor central e positivo que se estende para as relações sociais e vida privada, ultrapassando a noção de labor enquanto tarefa árdua e pesada (MARTON, 2005).

Portanto, para efeito de discussão, proponho realizar a análise de sentidos dados nas entrevistas sob a nomeação de trabalho e não-trabalho, e conforme os entrevistados se identifiquem como trabalhador ou não.

### ***6.1.1 As noções de “trabalho” e “não-trabalho” segundo os entrevistados que afirmam trabalhar***

Dentre os entrevistados que afirmam trabalhar, todos estão aposentados por tempo de serviço, mesmo assim, há aqueles que permanecem exercendo a mesma atividade profissional como profissionais liberais<sup>12</sup> remunerados ou prestadores voluntários de serviços. Isso já implica em dizer que a noção de aposentadoria para estes entrevistados comporta a organização de trabalho e não-trabalho.

Neto é médico clínico geral especializado em ginecologia obstetrícia e mantém-se há 60 anos no exercício da profissão. Quando pedi para falar da sua rotina diária, declarou que no espaço de tempo diário entre 6 às 17hs, aproximadamente, dedica-se ao trabalho:

Muito bem, minha rotina diária é acordar de manhã, seis horas mais ou menos, seis, seis e meia todo dia. Depois de tomar meu café, vou tomar meu banho e preparar para ir ao consultório; geralmente, oito horas, nove horas da manhã, onde fico até às 11 horas atendendo o pessoal. [...]. No consultório, eu fico lá até umas onze horas, onze e meia, tem vez que eu fico até meio dia, meio dia e meio, depende do pessoal. De lá venho para casa e almoço. Depois do almoço, eu costumo deitar uma meia hora de descanso, às vezes, eu dou uma cochilada, às vezes, não dá para cochilar, mas descanso e procuro relaxar. Quando são duas horas da tarde, duas horas, duas horas e meia, eu vou para o consultório outra vez e fico lá até às cinco e meia. Essa é minha rotina do dia. (Neto, 86 anos).

Nota-se que a noção de trabalho para Neto comporta uma estruturação de carga horária com pausas para o almoço e descanso entre o espaço de tempo de trabalho semelhante à prevista para o trabalhador formal regido legalmente.

A noção de não-trabalho está nas atividades que realiza após o expediente de trabalho, mesmo que, aparentemente, mantenha uma estruturação de rotina, quando o entrevistado declara que volta para casa e toma banho, lancha, descansa, lê jornais, assiste jornais televisivos e novelas que considera ter “uma história”. Depois, ele costuma ler mais notícias

---

<sup>12</sup> “Podemos entender, assim, o profissional liberal como alguém que adquiriu certa preparação cultural, normalmente através de cursos ou estágios e que, em decorrência da profissão que abraçou, passa a prestar um serviço de natureza específica, na maioria das vezes, regulado em lei.” (VASCONCELOS, 2007, p.342).

no computador e fazer pesquisas “[...] sobre o sistema. Então, é isso. Na área da medicina que me interessa.”.

No caso, pareceu-me oportuno refletir que, ao pesquisar os temas relacionados à sua profissão, Neto considera esse momento de estudo como noção de não-trabalho, apesar de estar relacionado ao trabalho, pois o realiza na sua casa e quando sente vontade.

Neide trabalha há 45 anos no próprio salão de beleza localizado em sua casa e isso, segundo ela, facilita para que tenha tempo para cuidar da família e fazer as outras atividades de que também gosta: “Eu dou aula de dança, porque gosto. Faço carnaval porque gosto. Trabalho com salão porque gosto.”. A noção de trabalho fica perpassada, assim como para Neto, pelo significado de rotina e prazer, e a noção de não-trabalho articulada às atividades prazerosas de dar aula de dança, produção carnavalesca e cuidar da família, que também podem exigir certa rotina e contemplar alguma remuneração. As atividades físicas realizadas através da caminhada, hidroginástica e alongamento praticadas regularmente estão relacionadas ao não-trabalho.

Talvez, nesse caso, seja possível apontar duas diferenciações entre a noção de trabalho e não-trabalho: primeiro, para a noção de trabalho considera-se o fato de que a remuneração é para o autossustento, já que o trabalho no salão é significado também de serviço e modo de sobrevivência. Qualquer remuneração advinda do não-trabalho adquire o sentido de complementar à renda mensal. Segundo, o trabalho também tem o sentido de desgaste físico quando Neide declara: “é lógico que eu gostaria de estar mais, é mais, como diz? Mais inteira. É que a gente trabalha muito.”.

Nívea trabalhou durante 40 anos como professora efetiva do Estado e, após a aposentadoria, permanece há, aproximadamente, dez anos como professora voluntária na alfabetização da terceira idade e ministrando aulas de catequese para crianças. Para a entrevistada, todas as atividades que realiza, frequentemente, no decorrer da semana, adquirem o sentido de trabalho e a noção de não-trabalho fica entendida como o lazer de domingo, conforme a citação que segue:

São tantas as atividades que eu, assim, tenho que dar uma pensadinha. Primeiro, vamos começar da semana mesmo. O domingo é sempre um dia que a gente tem um lazerzinho, né. Mas durante a semana, a semana inteira, eu tenho as minhas obrigações, porque eu trabalho muito para a comunidade [...]. Dou aula para a terceira idade, né. Dou catequese, tenho grupo de orações, faço os meus exercícios físicos; então, tenho que controlar cada dia e coincidir, né. Como é que vai ser essas, essas fases, essas atividades minha, né. Essas fases, cada dia é uma, né. (Nívea, 73 anos).



Pressuponho que o termo “obrigações” possa significar compromisso, responsabilidade e rotina estabelecida; assim, compreendo, nesse caso, os exercícios físicos como noção de trabalho, porque estão na série enumerada pela entrevistada de “obrigações”.

Diferente de Neto e Neide, a noção de trabalho que Nívea construiu é de voluntariado e, assim, não remunerado. Talvez, entre estes três entrevistados haja semelhança na noção de trabalho quando nota-se a existência de uma rotina de horários e o prazer em permanecer durante anos no exercício de uma mesma profissão.

Outro aspecto interessante é que estes três entrevistados não participam como alunos dos programas específicos para a terceira idade. Uma hipótese possível para essa evidência é o fato de que esses programas parecem oferecer ao seu público alvo uma excelente opção para ocuparem o tempo disponível da aposentadoria, com o discurso de que estão na fase de vida propícia a conquistarem qualidade de vida e realizarem os projetos desejados. E, isso, de certo modo, os entrevistados já realizam no dia-a-dia, quando afirmam ocupar o tempo com atividades que contemplam as noções de trabalho e não-trabalho.

Outra hipótese é a de que os entrevistados identificam-se como trabalhadores e sentem-se realizados no trabalho, enquanto a participação nos programas pode significar a noção de não-trabalho e uma identificação de idoso. Inclusive, Nívea afirma trabalhar no programa de alfabetização para a terceira idade, mas ela não participa das atividades físicas e/ou artísticas oferecidas no mesmo programa. Realiza as atividades físicas no clube do qual é sócia. Quando questiono se saberia dizer o porquê trabalha no programa de terceira idade, mas não participa como aluna, Nívea tem dificuldades para responder. Primeiro, diz que a distância entre a casa dela e o local do programa a deixaria dependente de condução; depois, ela fala que é “falta de interesse mesmo”, porque se quisesse, iria até lá.

Assim, a noção de trabalho voluntário organiza o cotidiano de vida de Nívea, que se compromete com o que faz quando declara: “eu trabalho muito para comunidade”. Ela revela não ter tempo ocioso ao confessar que precisa até se organizar melhor caso queira introduzir outros objetivos na sua vida. Um destes objetivos almejados é aprender a utilizar o computador. Porém, pondera que esta aprendizagem pode afastá-la daquelas que “gosto de fazer do lado de fora”. Essa última expressão, “lado de fora”, indica o quanto Nívea valoriza e se dispõe ao trabalho que favoreça a sua saída de casa para relacionar-se na vida.

Depois de casada, Pompeia trabalhou como costureira e comerciante de roupas femininas, além de cuidar da família e do serviço de casa. Atualmente, não exerce as profissões de costureira e comerciante significadas por ela como trabalho remunerado e diferenciado do trabalho doméstico que também realizou. Atualmente, os afazeres domésticos

são o trabalho que a entrevistada exerce conforme a própria vontade: “É. Eu cuido da minha casa. O que hoje não é obrigação, né, porque hoje, eu trabalho porque eu quero. Cuido da casa o dia que eu quero; bem, o dia que eu não quero, eu não faço nada. Mas antes eu trabalhava por necessidade, mas com muito prazer [...]”. Assim, o trabalho remunerado e doméstico realizados no passado tinham o sentido de obrigação e necessidade, mas que causavam à entrevistada certo prazer. Hoje, a noção de trabalho está relacionada às atividades domésticas que realiza conforme dá vontade, ou seja, sem o sentido de obrigação.

A noção de não-trabalho está nas atividades e compromissos do dia-a-dia da entrevistada por não serem designados de trabalho: “Então, eu vou um dia e compro uma fruta, compro um creme, vou ao banco ou faço um pagamento, porque eu entendo dessas coisas, né [...]. Eu tenho essas coisas que eu tenho que ir à rua. Então, a rua que eu falo é isso, porque aqui perto não tem as coisas que eu preciso e o ônibus passa bem perto, eu não tenho preguiça de sair.”.

Para os entrevistados que afirmam trabalhar, a noção de não-trabalho compreende múltiplos significados como, por exemplo, horário após o expediente de trabalho, momento de lazer, cuidados com a família, momento para a prática de atividade física e afazeres de banco e/ou supermercado. Pode-se notar que algumas destas atividades contemplam certa rotina ou remuneração, como no caso de Neide que ministra aulas de dança.

Parece que a noção de não-trabalho apresenta-se nos espaços de tempo possíveis e não ocupados pelo trabalho na vida dos entrevistados, e isso não implica dizer que tenha dimensão de menos importância na vida deles. Porém, a desproporção de tempo despendido entre o trabalho e o não-trabalho não é suficientemente justificada somente pelo prazer que os entrevistados afirmam obter ao trabalharem, mas, talvez, também, pela dificuldade de, possivelmente, se perceberem ou sentirem na solidão, ociosos, desinteressantes e/ou ultrapassados perante os outros, conforme declara Neto: “[...] eu não tenho solidão, eu tenho o consultório [...]”. Ou seja, a noção de não-trabalho pode causar nos entrevistados sentimentos e identificações que preferem evitar, assim, optam manter-se no trabalho.

Outra explicação plausível está em Souza Santos (1990) ao dizer que a evidente importância do trabalho no mundo capitalista e na vida pessoal torna possível de se compreender a perda do trabalho e a entrada na aposentadoria como modo favorável ou não para a chegada na velhice. Nesta perspectiva, a noção de trabalho, ao ocupar o maior espaço de tempo na vida dos entrevistados, pode ter a dimensão de outros ganhos, como ampliar a rede de amizades, evitar que sejam identificados com uma noção pejorativa de velho ou causar admirações por trabalharem em tão avançada idade.

A evidente necessidade da maioria dos entrevistados em organizar o cotidiano das suas vidas mais na noção de trabalhadores do que não-trabalhadores, mesmo aposentados, encontra explicação quando Gomide, Nogueira e Barros (2007, p. 250) afirmam que o paradoxo da função do trabalho persiste entre a desrealização do sujeito e sua afirmação para a autoconstituição. Essa última função do trabalho significa dizer que a experiência do espaço laboral também pode ser para o sujeito um espaço de transformação, criação e desdobramento da sua subjetividade ao encontrar e efetivar possibilidades e sentidos diferenciados para o trabalho, tal como pressuponho realizar os entrevistados.

Neto conta que trabalha desde os 14 anos de idade para pagar os estudos e, atualmente, afirma não sentir solidão devido ao atendimento médico que realiza no consultório. Para o entrevistado, o trabalho adquiriu significados para além do de sobrevivência e/ou modo de enfrentar a ociosidade quando diz: “Se eu te falar porque eu trabalho, ainda, até hoje é porque eu acho que o trabalho enobrece a pessoa.”. Nesse instante da fala, Neto ficou visivelmente emocionado e lacrimejou os olhos, confirmando o poder que o trabalho tem de transformação e realização do sujeito.

Nívea não declara explicitamente que não consegue ficar parada ou algo dessa ordem, mas na leitura da citação a seguir, pode-se perceber que a entrevistada ocupa todo o tempo disponível com o trabalho, ficando somente reservado aos domingos o dia para um “lazerzinho”. Penso que o diminutivo da palavra lazer pode, neste caso, indicar uma valorização em assumir várias atividades, evidenciando maior importância ao trabalho. Ou, indicar uma proporção, na qual a percepção da utilização do tempo disponível para as atividades não rotineiras é desinteressante quando comparada à do trabalho.

E, eu ainda bordo muito, né. Ainda tem que sobrar um momento para isso, porque eu ainda não aprendi a mexer com o computador, justamente por isso. Acho que vou aprender. Mas, ainda não, porque eu fico pensando que, se eu aprender no computador, eu vou deixar de fazer muitas atividades que gosto de fazer do lado de fora. Então, estou dando uma pensada para ver como é que vou me organizar mais ainda para poder por mais esse objetivo na minha vida, porque ele é importante também, né. (Nívea, 73 anos).

Neide corrobora a hipótese de que tem certa resistência à ociosidade no seu cotidiano ao significar o trabalho como fonte de prazer. Certamente, na vida de Neide, a ociosidade seja acontecimento possível fora da rotina diária, significada na palavra quase da declaração: “A minha rotina é quase todos os dias trabalhar. Eu falo que meu prazer maior é trabalhar”.

Pompeia diz que o trabalho que realiza é na própria casa, o trabalho doméstico, mesmo assim, o faz quando tem vontade, podendo essa declaração denotar um trabalho esporádico e,

aparentemente, de menos interesse. Mas, quando estive na casa dela para realizar a entrevista, pude perceber constante manutenção de limpeza e saber que a casa é impecavelmente limpa e organizada por ela mesma. Talvez, a entrevistada enfatize a vontade como termômetro para realizar o trabalho doméstico como modo de inverter a lógica de submissão ao trabalho do lar, muitas vezes desvalorizado. Sabe-se que a Constituição Brasileira instituiu legalmente o trabalho doméstico, porém, quando esse trabalho fica a cargo das donas de casa, geralmente, elas não se beneficiam dessa legalidade, podendo, então, ser percebido como obrigação.

Atualmente, a entrevistada parece não considerar o trabalho formal como fonte de satisfação pessoal, ao afirmar que parou de trabalhar porque se aposentou e não passa mais por necessidades financeiras para viver. Isso possibilita-nos retornar à noção de trabalho elaborado pela entrevistada como remunerado, pois, desde a infância, a noção de trabalho encontra-se articulado ao sentido de possibilidade de troca para sobreviver e conquistar o almejado. Pressuponho que, hoje, Pompeia ainda remete ao trabalho a noção de remuneração e sentido de modo para sobreviver, e essa possibilidade assemelha-se aos “moldes tradicionais de exploração”, que levam o sujeito à alienação e ao entorpecimento para a criação e transformação (GOMIDE; NOGUEIRA; BARROS, 2007, p. 250). Talvez, por isso, que ao aposentar-se, a entrevistada, mesmo se sentindo capaz para a noção de trabalho, exerce somente o trabalho doméstico quando tem vontade e não consegue elaborar outros modos de trabalho ou não-trabalho para evitar que signifique de inútil o próprio fazer na vida atual, conforme declaração a seguir:

A minha vida é ocupada comigo mesma, o dia todo, num tem mais compromisso com nada e ninguém. Eu sinto até um pouco inútil, porque toda a vida eu trabalhei demais, e hoje como eu não tenho necessidade de trabalhar para viver, eu sinto inútil. E é assim que eu levo a minha vida, vou à casa dos meus filhos, não gosto de ir todo dia, mas eu vou [...]. Mas como todos, eu gosto de ir ao cabeleireiro, na manicura, pintar um cabelo, cortar o cabelo. Cuido de mim. (Pompeia, 78 anos).

Então, pressuponho que, mesmo Pompeia se declarando sentir-se inútil, o atual trabalho doméstico não remunerado é fonte de transformação e criação quando o realiza conforme a própria vontade e mantém a casa limpa, certamente, como gosta de tê-la. Nesse grupo fica claro que o trabalho e não-trabalho podem ser considerados como espaço de transformação do sujeito.

### ***6.1.2 As noções de “trabalho” e “não-trabalho” segundo os entrevistados que não afirmam trabalhar***

Os entrevistados Nádia, Norberto e Paulo não se utilizam da noção de trabalho para organizarem o cotidiano de suas vidas, assim, todas as atividades, lazer, tarefas e/ou afazeres receberão a nomeação de não-trabalho. Todos estão aposentados e, diferente do outro grupo de entrevistados, a noção de não-trabalho é que organiza a vida deles.

Nádia afirma que não consegue mais executar atividades no seu dia-a-dia; porém, revela realizar um conjunto de afazeres em rotinas diárias que não significa de trabalho e sim de coisa, conforme citação abaixo:

Eu faço pouco movimento, faço as coisas da casa, levanto e tomo o meu café, e depois eu tomo o meu banho. Arrumo uma coisinha, faço outra, almoço, lavo a minha roupa na máquina e passo. Não é grande coisa não. Depois do almoço, tiro uma pestaninha. Vejo jornal, aí, depois, levanto para rezar meu terço. Não tenho grande coisa não. (Nádia, 91 anos).

De certo modo, as “coisas” que Nádia realiza são as que organizam o seu fazer diário, podendo corresponder à noção proposta de não-trabalho. Pareceu-me também que a entrevistada realiza estas atividades designadas aqui de não-trabalho, porque, conforme ela declarou, consegue realizar poucos movimentos; certamente, devido às circunstâncias de estar vivenciando a fase de processo de envelhecimento avançado ou a velhice.

Diante da atual possibilidade de realizar poucas “coisas”, Nádia declara a vida como monótona: “Então, a vida da gente se resume justamente nisso. Não tem outra atividade, não pode sair, não pode. O que eu vou fazer? É difícil. Não é fácil não. Então, a vida se resume justamente nisto, naquela monotonia, né.”.

Portanto, neste momento, a vida de Nádia organiza-se pela noção de não-trabalho significada de monotonia. Na entrevista, localizo a noção de trabalho somente na história passada, quando a entrevistada relembra os trabalhos que realizou no atendimento e proteção de crianças carentes e, posteriormente, nas aulas de tricô que ministrou em casa.

Norberto, atualmente, está com o cotidiano de vida organizado pela noção de “não-trabalho”, conforme realiza atividades relacionadas aos afazeres domésticos e afirma que esses são sem uma “programação fixa”. Porém, o entrevistado vai à feira livre aos domingos e quintas-feiras pela manhã, e cuida de pássaros e plantas que requerem regulada atenção, conforme citação:

Eu não tenho uma programação fixa não, sabe. Levanto todo dia, e começo a movimentar dentro de casa. Nos dias de feira livre, sempre vou, né, pela parte da manhã. [...]. Quinta e domingo. Fazer as compras. Hoje mesmo eu estive lá. No mais, é cuidar dos passarinhos e das orquídeas que eu tenho uns vasos aí, e, no mais, fico movimentando. Ah, às vezes, eu vou ao banco também lá embaixo e ando um pouquinho. (Norberto, 83 anos).

Talvez a manutenção de determinadas rotinas pelos entrevistados no cotidiano da vida possa ser entendida também como uma organização semelhante e substitutiva ao do trabalho formal e já realizado por todos os entrevistados no passado. Na minha saída, após o término da entrevista, fiquei sabendo que as compras semanais de verduras e legumes realizadas pelo Norberto são para a sua casa e para o comércio da nora, exigindo certa regularidade. Além de conviver com os funcionários e clientes da oficina mecânica que um dos filhos mantém na garagem de sua casa, Norberto costuma participar de alguns dos consertos automotivos.

Paulo tem uma rotina diária organizada pela noção de não-trabalho nas atividades programadas e relacionadas à atividade física, dança e jogos em programa direcionado à terceira idade e no clube do qual é sócio. Atualmente, essas atividades são significadas pelo entrevistado como “alguma coisa para passar o tempo” ou como “algo que o faz se sentir um mucadinho melhor” na vivência da aposentadoria.

Nota-se que a rotina de Paulo em saídas diárias para realizar as atividades fora de casa, retorno para o almoço, descanso e pernoite podem corresponder ao ritmo do trabalhador empregado e remunerado:

Pra te falar a verdade, eu levanto às seis horas. De segunda a quinta. Sábado e domingo, eu levanto às oito horas. Vou para o [clube] e fico lá até o meio dia a uma hora. Tem dia que me esqueço de almoçar. Depois, volto outra vez e fico até meia noite a uma hora; só jogando buraco e nadando. Eu nado, faço sauna e banho. Aí, eu vou jogar, e, aí, de madrugada, eu vou para casa para deitar. De segunda a quinta é a ginástica. Mesma coisa de antigamente mesmo. [...]. Alongamento, tem dança, tem tudo. [...]. Toda sexta-feira, sábado e domingo, eu vou dançar lá nos Aposentados [clube]. (Paulo, 75 anos).

Proponho afirmar que, para esse grupo, a noção de não-trabalho como espaço propício de realização e desrealização do sujeito. Nessa análise pretendo manter para a noção de não-trabalho, o sentido paradoxal da função do trabalho apresentado acima, segundo Gomide, Nogueira e Barros (2007). Nessa perspectiva, o sentido de não-trabalho para os sujeitos de pesquisa pode ser tanto um momento de realização e constituição do sujeito como de desrealização e desconstituição do sujeito.

Assim, a noção de não-trabalho como organizadora do tempo de aposentadoria produziu sentidos diferenciados para os entrevistados Norberto e Paulo. A partir do século

XIX, a aposentadoria foi constituída como um modo de proteção assistencialista aos trabalhadores pobres e velhos, ambos considerados com habilidades decadentes e raciocínio lento. Essa concepção de aposentados foi a que prevaleceu até as primeiras décadas do século XX como orientadora das políticas de aposentadoria (DEBERT e SIMÕES, 1994).

Norberto acredita que o objetivo de todo trabalhador formal e remunerado é alcançar a aposentadoria: “É muito bom [aposentar], porque o objetivo de todo mundo é esse, né? Toda pessoa que trabalha durante 37 anos, eu trabalhei de carteira assinada e o meu objetivo era aposentar.”. No caso, quando Norberto afirma que movimenta muito ao longo do dia, transparece aproveitar a aposentadoria para realizar atividades que lhe são interessantes: “Eu mexo mesmo e dou uma cochilada de meia hora [...]”.

Pareceu-me que o entrevistado organizou grande parte de sua vida de trabalho para conquistar este momento de aposentadoria designada aqui de não-trabalho. Neste tempo de não-trabalho, o entrevistado realiza atividades diferentes do trabalho formal, no próprio tempo e como bem deseja. Esse tempo de não-trabalho parece causar em Norberto certo orgulho por tê-lo conquistado por mérito próprio, afinal trabalhou desde os 15 anos (1940 até 1978); além de certa tranquilidade por ter provido a família e, ainda, construído um patrimônio com o qual pode ajudar os filhos quando precisam, e, ainda de poder gozar de certo conforto ao transparecer sentir-se bem com a identificação de aposentado. Deste modo, penso que Norberto signifique a noção de trabalho como trabalho formal e remunerado conforme instituído em lei, e o não-trabalho como tempo oportuno para a aposentadoria.

Pressuponho que, semelhante a Norberto, Paulo também signifique a noção de trabalho como trabalho formal instituído em lei; porém, contrário quando ele significa a aposentadoria como momento de conflito e sofrimento, porque não exerce mais o trabalho formal do qual se aposentou:

Sei lá, para arrumar alguma coisa para eu fazer, porque quando aposentei, eu fiquei meio perdido no mundo. Eu trabalhava com táxi, mas depois que eu larguei o táxi, mais perdido eu fiquei. Nunca gostei de ficar parado, sinceramente, até hoje eu sinto. Não gosto de ficar parado, fico nervoso. Às vezes, sábado e domingo, por exemplo, eu levanto aqui e saio cedo, oito horas estou lá no [club]. Depois que arrumei o [club], eu melhorei um mucadinho. Antes, eu ficava nervoso demais, não tinha o que fazer, eu ficava pensando. (Paulo, 75 anos).

Assim, a noção de não-trabalho parece organizar a vida de Paulo de modo insatisfatório, porque, por mais que ele participe de atividades diferentes da noção de trabalho formal e remunerado, ele ainda diz que “até hoje sente” a aposentadoria, e que esse sentimento transforma-se no estado declarado de ficar “nervoso”.

Nesta perspectiva, Paulo ressignificou de uma forma negativa o sentido da aposentadoria no cotidiano da própria vida ao atribuir-lhe um significado depreciativo semelhante às primeiras décadas do século XX. O entrevistado parece que não elaborou o trabalho de luto devido ao desligamento da empresa, conforme Freud (1917 [1915]/2006) propõe: uma reação temporária diante da perda de um ideal e na qual o investimento libidinal investido no objeto perdido é pouco a pouco direcionado para outro. Embora, Paulo declarar disponibilidade para retornar à empresa a qualquer momento: “Sou aposentado da [empresa] e qualquer época que alguém precisar de mim lá e falar que é para [empresa], eu vou.”. Talvez, essa dificuldade do entrevistado com a sua aposentadoria esteja também no fato de ela ser uma imposição institucionalizada como de direito do trabalhador. Ou seja, mesmo que o trabalhador se sinta capacitado e com desejo de permanecer no trabalho formal, existem critérios legais instituídos que aposentam o sujeito.

Então, Paulo parece não ter mesmo encontrado um sentido favorável para a sua aposentadoria. Por outro lado, pode-se pensar que a aposentadoria em si não é empecilho para que ele oriente o próprio desejo no fazer de outras atividades nas noções de trabalho ou não-trabalho que lhe proporcionem satisfação.

### ***6.1.3 O valor financeiro da aposentadoria na vida dos entrevistados***

Nas entrevistas, os três homens, Paulo, Norberto e Neto, de modo semelhante, queixaram-se do valor financeiro da aposentadoria:

Minha aposentadoria não vale nada, eu paguei sobre um salário durante muitos anos [...]. Eu pensei que eu ia aposentar com vinte salários mínimos e meio, no final, veio dez salários e meio. É. Hoje eu ganho [...] R\$ 2.170,00. [...] Então, tem que trabalhar mesmo se quiser continuar sustentado [...]. (Neto, 86 anos).

[...] eu ganhava 17, 18 salários mínimos na [empresa] e depois que eu saí; agora, para você pegar 04 [salários], o trem está difícil, muito difícil para os idosos viverem. A minha sorte, ainda, que tem a [esposa] que tem um salariozinho bom, que ajuda. E, se não fosse isto, [...] o trem está difícil demais para viver. Aposentado não vive bem, não, sozinho não vive não [...]. (Paulo, 75 anos).

[...] eu trabalhei de carteira assinada e o meu objetivo era aposentar. E, eu tive a possibilidade de trabalhar no [banco] e participar da [caixa de previdência] que complementa a aposentadoria. Se eu fosse depender só da aposentadoria do INPS, eu estava, eu morria de fome, né? (Norberto, 83 anos).



Por outro lado, as mulheres que afirmam trabalhar também são aposentadas e não apresentaram nas entrevistas questões sobre o aspecto financeiro da aposentadoria, mesmo que, ainda, uma delas afirmou precisar trabalhar para sustentar-se, deixando entender que o valor da aposentadoria pode ser insuficiente: “Eu preciso de dinheiro, mas faço [trabalho] por prazer.” (Neide, 69 anos).

Stengel (2004) afirma que os papéis sociais para o masculino e feminino são formados conforme o conjunto de expectativas quanto aos comportamentos que consideram apropriados para cada sexo, prescrevendo modos de ser para o masculino e feminino, de acordo com as sociedades e tempos históricos. Dentro das formas instituídas nas décadas passadas, a identidade dos sujeitos estava perpassada pela noção do masculino na função de reprodutor, provedor, representação econômica na família e domínio das relações no mundo exterior, e a mulher na função de maternagem e responsabilidade de socialização dos filhos, ou seja, à mulher ficou atribuído o envolvimento nas relações interpessoais afetivas.

Deste modo, os entrevistados nascidos entre as décadas de 1917-1940, certamente, têm suas identidades perpassadas por essas noções de masculino e feminino, que ainda são presentes na nossa sociedade atual. Assim, podemos supor que as entrevistadas não se queixaram do valor de suas aposentadorias porque não se identificam na função de provedor, mesmo tendo que controlar as finanças para sustentar a família. Provavelmente, o trabalho que exercem foi escolhido primeiro pela vocação e essa relacionada às questões de afetividade em acolher, ajudar e/ou cuidar dos outros, e não pela causa salarial, conforme declaração de Neide: “[...] às vezes a gente pode ajudar o cliente [...]”.

Percebo que a imagem corporal dos entrevistados está marcada pela noção de trabalho formal quando aqueles que afirmam trabalhar apresentam-se no exercício da mesma profissão mesmo aposentados e mantendo-se identificados como professora, cabeleireira e médico. Eles declaram sentirem-se dispostos e que recebem o reconhecimento dos clientes, alunos, pacientes, amigos, parceiros de profissão e familiares pela disposição com a qual realizam os seus trabalhos. No caso, noto que esses entrevistados também valorizam as atividades designadas de não-trabalho, quando parecem ter aprendido que a interação de ambas as noções em suas vidas os favorecem manter-se saudáveis, ativos e conectados com o mundo atual.

No caso dos entrevistados que não afirmam trabalhar, a imagem corporal também está marcada pelo valor laboral, quando, por exemplo, Norberto demonstra sentir orgulho por ter alcançado a aposentadoria devido aos seus anos de trabalho e identifica-se como aposentado. E, quando Paulo está aposentado e vive um conflito porque se sente capaz para o trabalho

formal, porém não consegue transformar esse tempo livre de modo a significá-lo como momento favorável para outras formas de trabalho ou não-trabalho; porém, demonstra certa satisfação em participar de programa destinado à terceira idade, cuidar da saúde, sair para dançar e frequentar o clube. E, Nádia mantendo-se íntegra no auge da velhice através das atividades designadas de não-trabalho que realiza diariamente e assim sendo reconhecida pela comunidade por sua vivacidade e independência.

Considero que todos os entrevistados mantêm, ao próprio modo, atividades designadas de não-trabalho e trabalho porque se identificam com elas, ao mesmo tempo, em que essas podem refletir a imagem nas quais desejam ser reconhecidos e, preferencialmente, dentro de expectativas do idoso no mundo atual: saudável, ativo e produtivo.

## 6.2 Percepção de imagens corporais

A percepção está relacionada aos órgãos sensoriais que captam estímulos do mundo externo e interno, produzindo sensações e sentimentos que excitam, especificamente, a consciência (FREUD, 1950 [1895]/2006).

Freud (1923/2006) afirmou que o nosso corpo é uma superfície de estímulos externos e internos, na qual se originam sensações como o tato e a dor. Para o autor, a instância psíquica do eu é a projeção de uma superfície e, acima de tudo, é corporal.

O inconsciente também é afetado pelas experiências advindas da percepção interna e externa dada a comunicação possível entre esse e a consciência. Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é virtual, comparando-a com a imagem produzida pela passagem dos raios luminosos num telescópio (FREUD, 1923/2006). Inclusive, há passagens no início de seu ensino em que o autor utiliza a terminologia “imagens perceptivas” para dizer que os sonhos são formados por várias dessas imagens isoladas (FREUD, 1900/2006, p.350).

Nos estudos sobre memória e percepção, Bosi (2007) cita Henri Bergson pela elaboração do processo de estímulos/imagem no cérebro dividido entre o que leva a ação e aquele que leva à percepção. No primeiro caso, o processo é designado de esquema motor, porque o percurso segue a sequência de “imagem-cérebro-ação”, e, no segundo caso, o processo é perceptivo na ordem “imagem-cérebro-representação” (*apud* BOSI, 2007, p.44). Pareceu-me que, de modo semelhante a Freud, Bergson afirma que a percepção relaciona-se com a formação de imagens. Conforme Bosi (2007), Bergson propõe a percepção que temos

de nós mesmos circundada pela percepção do meio físico ou social, porque considera haver ação e reação do corpo sobre o ambiente. A percepção que temos de nós mesmos são imagens mediadas pela imagem sempre presente do nosso corpo. E, isso o autor define de corporeidade, sentimento difuso da vida interior ao conviver com a percepção do social que circunda cada um de nós, remetendo à mesma noção proposta por Merleau-Ponty (1999).

Dada a relação entre a percepção e imagem corporal, ou a possível noção de corporeidade, apresento a análise das declarações dos entrevistados ao serem questionados sobre como percebem o próprio corpo. A análise é apresentada e discutida sob os aspectos declarados e que foram predominantes entre todos os entrevistados: “Eu sou”: imagens das identificações; “Você”: imagens para dizer de si mesmo; Imagens percebidas do corpo; Imagens corporais percebidas no reflexo dos espelhos.

### **6.2.1 “Eu sou”: imagens das identificações**

Neste momento, apresento as imagens pelas quais os entrevistados se identificam no decorrer das entrevistas, a partir de algumas das frases nas quais eles dizem “eu sou”. As nomeações são variadas e conforme as circunstâncias de vida relatada, demonstrando, certamente, como se constituem e se transformam em relação aos outros, ao assimilar ou ao se apropriarem de aspectos e atributos de outras pessoas que os cercam; diferente das identificações protocolares que nos são impostas, como nome e idade.

Paulo apresenta-se com nomeações diversas: “eu sou diabético forte”, “eu sou muito relaxado”, “eu sou aposentado” e “eu sou o segundo filho”. Noto que dentre essas possíveis nomeações, ele se identifica com uma nomeação médica para designar a doença diabetes, ao mesmo tempo, em que não regula a dieta necessária de ingestão de açúcares e se diz “relaxado”. No caso, reconhece certa proporção entre a intensidade com a qual se identifica diabetes e a quantidade de açúcares que ingere, quando se automeia “diabético forte” e “muito relaxado”.

Nívea se identifica como “eu sou muito determinada” quando percebe que, apesar de todos os obstáculos na vida, tem disposição para ir trabalhar e praticar atividades físicas aos 73 anos. No grupo da costurinha, além de costurar, Nívea tem uma função administrativa na qual se identifica: “eu sou tesoureira”. Nos seminários de saúde promovidos pelo programa de terceira idade, ela participa e apresenta-se: “eu sou facilitadora.”. Nota-se que no grupo da

costurinha e no seminário de saúde, Nívea se identifica e é identificada pelos demais do grupo nas determinadas funções.

Nádia fala: “eu sou é, como é que chama? Vivida. A palavra vivida é que eu vivi estes anos todos [...]”. Essa frase implica o reconhecimento de vida que Nádia tem de si mesma. Neide apresenta-se pelas qualidades de alegria e beleza que, geralmente, encantam a muitos pela qualidade de certa jovialidade: “eu sou uma pessoa muito alegre” e “eu sou bonita na minha idade”. E, Norberto se identifica com um traço genético: “Eu sou de raça de gente de orelha de abano.”. Essa frase flagra um pouco este lado cômico e crítico com o qual percebe Norberto apresentar-se na entrevista.

### **6.2.2 “Você”: imagens para dizer de si mesmo**

Na fala dos entrevistados comumente aparece declarado o pronome você para designar uma terceira pessoa, que não se trata da pesquisadora que entrevista e nem de outro semelhante. É como se o entrevistado, o eu da primeira pessoa do singular, no momento de determinadas falas não se reconhecesse nelas e transferisse a experiência e/ou opinião relatada para este outro diferente, expresso por você. Este descompasso parece semelhante ao que pode ocorrer no espelho: a imagem que a pessoa vê projetada é diferente da que percebe de si mesma. Na linguagem, proponho pensar que há o descompasso entre o eu e você como os sujeitos da ação, ou seja, ora a pessoa se reconhece na ação ao dizer eu, e ora reconhece este outro enquanto diferente e externo ao eu, expresso no você, para dizer de uma experiência que lhe é própria e/ou para dizer de si mesmo.

Na sequência, colocarei algumas frases dos entrevistados para melhor compreendermos esta dinâmica de descompasso expressa nas falas. Nívea, ao relatar que há tipos de roupa apropriada à sua idade, utiliza-se do pronome você como se falasse com outra pessoa: “Você vê roupas lindas, né? Mas, que para mim já não dá, porque você tem que ter uma certa discricção, né? Você não pode ficar aí vestindo uma coisa que não é mais para sua idade.”. Nesta frase, o pronome você parece ocupar o lugar para quem Nívea determina ou aconselha usar determinadas roupas, a partir da percepção de que envelhece.

Nas frases, Nádia parece utilizar-se do pronome você quando contabiliza perdas decorrentes do processo de envelhecimento comparadas ao passado: “você já não tem mais

aquela agilidade de se ajeitar, de se arrumar, de sair, não tem, acabou [...]”; “você não tem mais aquela alegria de conversar com fulano, com beltrano [...]”.

Neide parece expressar o termo *você* quando percebe o corpo modificado: “É uma barriguinha aqui, uma curvinha a mais, né? Você sente, né. Fica meio baqueada com você.”.

De modo semelhante aos outros entrevistados, Neto diz: “mas, eu acho que não é tão boa [visão] como antes, né? Porque você acaba é diminuindo mesmo um pouco e eu não fiz operação de catarata até hoje por causa da minha idade [...]”. Explica que, atualmente, trabalha calçado de tênis por recomendação médica e, no decorrer da entrevista, revela: “eu acho horrível você ir trabalhar de tênis”.

Pareceu-me que os discursos dos entrevistados demarcam a diferença entre eles e a imagem refletida, utilizando-se dos pronomes *eu* e *você*. Essa tentativa de manter-se distante da própria imagem percebida denota haver algum descompasso ou dificuldade de elaboração da imagem corporal no processo de envelhecimento quando esse pode ser percebido como período de limitações, perdas físicas, sociais e/ou afetivas.

### ***6.2.3 Imagens percebidas do corpo***

#### **6.2.3.1 O corpo percebido como organismo envelhecido**

A maioria dos entrevistados entende o corpo como organismo físico, especificamente, em evidente processo de envelhecimento. Essas percepções corporais sobre o corpo na velhice despertam nos entrevistados algumas queixas e o sentimento de certa perda na forma física, conforme Nívea declara: “ah, vou te falar, não acho (risada) que é muito bonito mais não. Mas, ainda, tá melhorzinho, sabe? Não, o corpo muda. Não acho que, por exemplo, os braços já vão caindo a, as, as peles já vão descendo. Então, existe uma grande diferença, né?”.

Semelhante a Nívea, Pompeia queixa-se da flacidez corporal: “Gosto [corpo], a única coisa que eu não gosto em mim são estes meus peitos. Não sei. Eu acho flácido. Não é doença de horror, é que me incomoda um pouquinho. Mas, não. Eu me acho perfeita.”.

Norberto percebe no seu corpo alterações que não são necessariamente específicas da fase da velhice, mas podem ser consideradas como consequências desse, quando ele diz: “É, eu sinto ele [corpo] cansado, né.”.

Nádia parece sintetizar as percepções de Nívea e Pompeia de corpo caído e a de Norberto de corpo cansado quando declara: “E, depois que fiz os 90 anos, enquanto estava com os 85 estava ótimo, os 88 uma beleza, chegou aos 90 parece que fez plá, pareço cansada, sabe.”. Enquanto Nádia fala do corpo cansado relacionado à idade, Neide queixa-se do cansaço corporal comparado ao passado, pois, atualmente, sente-se muito mais cansada.

Nessas declarações, chamou-me a atenção o fato de Norberto referir sobre o seu corpo com o termo *ele*, e Nívea referi-lo como um membro e pele que caem, podendo indicar que em ambas as situações fala-se do corpo como se fosse um outro, talvez para dizer que este corpo é percebido como envelhecido e os entrevistados não se reconhecem nele. Ou, numa perspectiva psicanalítica, para dizer que nós não somos um corpo, nós temos um corpo (LACAN, [1975-1976]/2007). Neide declara certa dicotomia entre o corpo físico e psíquico ao explicar que percebe haver alguma defasagem entre o fazer e o querer:

A gente fica querendo fazer coisas, que talvez muitas vezes o físico da gente não ajuda. E a cabeça fica meio balançada, porque você podia fazer, mas não está dando conta de fazer, né? Mas, eu procuro fazer diferente para que eu não deixe de fazer (risadas). Mas eu sou satisfeita com meu físico, com meu corpo, com minha, porque a minha cabeça tem que andar de acordo com meu corpo senão eu vou dançar, né? (Neide, 69 anos).

Nos casos de Paulo, Nádia e Pompeia, eles declaram sobre os seus corpos utilizando-se do pronome pessoal *eu* e/ou o pronome possessivo *meu*, indicando não haver separação entre ser e ter um corpo. Eles são corpos. Essa perspectiva nos remete a Courtine (2008), quando afirma que o corpo no século XX adquiriu a noção de suporte da vida humana na interação do sujeito e do corpo enquanto inseparáveis.

Nádia comenta sobre o impacto que as perdas corporais na velhice causam-lhe ao perceber que perdeu grande parte de sua autonomia para interagir com as outras pessoas e realizar o que gosta de fazer:

Mas, eu não sabia que era tão forte, sabe? Porque se você disser que, até então, você podia sair sozinha, que você podia fazer isto, podia fazer aquilo, que podia conversar e tinha uma conversação tanto no telefone como socialmente, mas, de repente cai tudo, e, aí, perde a visão, perde a audição, e aí? (Nádia, 91 anos).

Pressuponho que essa percepção de corpo declarada por Nádia corresponde à noção de corporeidade quando fala sobre o corpo em seus diferentes estados: o corpo que vai perdendo a sua atividade no mundo porque envelhece (GREINER, 2005). Edmund Husserl (1859-1938) já propunha o “corpo como estrutura física e vivida ao mesmo tempo” e, posteriormente,

Merleau-Ponty apresentou a noção de corporeidade com sentido duplo: “estrutura vivida e contexto ou lugar de mecanismos cognitivos.” (GREINER, 2005, p.23).

### **6.2.3.2 O corpo percebido como objeto de cuidado**

Todos os entrevistados afirmam cuidar do corpo. Os cuidados despendidos ao corpo estão relacionados basicamente à prática de atividade física, alimentação, higiene corporal e/ou aparência.

Deste modo, considere que essas formas de cuidar do corpo estão articuladas tanto com a possibilidade plástica do corpo de se transformar pelo exercício físico, alimentação e outras intervenções na aparência, como modos de responder ao imperativo cultural atual: cuide-se para manter-se longo! Isso causou-me a impressão de que os corpos podem e devem ser modificados.

As atividades físicas são praticadas regularmente ao longo da semana, podendo ter o acompanhamento do profissional de Educação Física em academias, clubes e/ou programas destinados à população da terceira idade e/ou a opção de realizarem algumas atividades físicas por conta própria, sem o acompanhamento profissional, como revela Neide: “Eu faço hidroginástica, eu caminho, eu faço alongamento todos os dias. Todos os dias eu faço alongamento. Sozinha. Agora, fazer ginástica é na academia, durante a semana.”. Por outro lado, Norberto e Neto não mantêm uma rotina de exercícios físicos regulares e controlados por especialistas. Norberto explica: “Não. É andar e movimentar para lá e para cá, né. Eu considero isso já um exercício, né. Mas, não participo de caminhada nada não.”.

Soares (1998) relembra que, no século XIX, a ginástica foi utilizada como um dos instrumentos para ordenar e regular o corpo e, atualmente, a atividade física pode ser compreendida como outro modo de o indivíduo usufruir do próprio corpo para adquirir e manter saúde, beleza e rejuvenescimento. Isso pode também significar que a atividade física permanece como meio de regulação do corpo, porém conforme o ideal de saúde proposto pelas ciências médicas para se alcançar a qualidade de vida e longevidade. Tanto que, atualmente, quem não pratica atividade física causa certo estranhamento e, até mesmo, desperta sentimentos pejorativos, tais como preguiçoso e desleixado. Há uma proliferação de informações, incentivos e recomendações favoráveis à prática física.

A alimentação equilibrada também está na lista das ciências médicas como benéficas ao corpo; porém, somente Paulo afirma preocupar-se com a alimentação para manter os 21 quilos perdidos desde 1992: “mas, a alimentação minha é balanceada por mim mesmo, eu mesmo acho que devo comer só isto. Às vezes, aumento um pouquinho por causa de fruta, banana, um trem assim. Mas, feijão com arroz, farinha e carne é bobagem. Só, só sujo o prato.”.

A higiene corporal também foi declarada como um dos cuidados que os entrevistados têm com o próprio corpo. Há entrevistados que se percebem com maiores, menores e/ou com os cuidados e preocupações necessárias. Le Breton (2007) afirma que as práticas de higiene e as relações imaginárias de limpeza e sujeira são heterogêneas entre as sociedades e culturas, e entre as classes sociais. Geralmente, as condutas de higiene nas sociedades ocidentais são disseminadas pelo modelo médico como meio preventivo.

Neto percebe que deveria ter maiores cuidados com o corpo ao afirmar: “Meus cuidados mais é, às vezes, eu relaxo um pouco, fico deixando para depois e desanda. [...]. Eu uso [protetor solar] de vez em quando, [...]. Não tenho isso comigo de passar creme em pele, essas coisas não; água está bom.”. Norberto sente que os cuidados que tem com o próprio corpo são suficientes: “Banho diário, né. Lavo a cabeça duas vezes por semana. Não, não uso creme nenhum não. Para barbear, eu uso. Mas, para pele não.”. Depois, o entrevistado declara que uma dermatologista o aconselhou a usar protetor solar e não andar no sol. Porém, Norberto denega, ou seja, nega uma negação ao assumir que optou em não usar o protetor solar: “Mas, eu acabei não comprando não. Eu achei caro demais e não vou andar no sol.”.

Paulo diz: “Eu preocupo com cabelo, eu preocupo com a barba, eu preocupo com o pé, eu preocupo com o meu corpo de estar passando sempre umas coisas diferentes.”. Dentre estas coisas diferentes que passa no corpo estão os cremes e os oito a dez perfumes diferentes: “Nossa senhora! Adoro! Perfume para mim é uma das coisas que eu gosto, falar verdade. E uso todo dia, eu uso perfume todo dia! Mantenho meu corpo limpo, faço questão de tomar banho todo dia. Quando eu estou bom assim, eu vou à sauna três a quatro vezes por semana e tomo sauna”.

Os entrevistados falaram sobre o cuidado com a aparência como um dos modos de se cuidar do corpo. A aparência foi, algumas vezes, denominada de apresentação ou vaidade, conforme Nívea declara: “Cuidar da aparência eu sempre gostei, né? [...]. Interessante que eu acho que você pode ter a idade que tiver, mas não pode perder a vaidade. Tem que andar sempre penteada. Fazer, arranjar o cabelo. Corto. Eu gosto do cabelo cortadinho.”.



A aparência corporal é uma resposta à vivência do indivíduo/ator na sociedade e está relacionada aos modos dele se apresentar e de se representar. Esse modo de se apresentar e representar comporta a maneira de se vestir, pentear, tratar do rosto, cuidar do corpo, o jeito de se colocar perante as circunstâncias, a presença e outras possíveis formas cotidianas de apresentação social (LE BRETON, 2007).

A qualidade de ser vaidoso é declarada pelos entrevistados como aspecto importante nos cuidados com o corpo. Mucida (2009) esclarece que a vaidade relaciona-se ao narcisismo, entendido como o revestimento do corpo que dá consistência à imagem e sustentação ao eu. O narcisismo pode tanto apresentar-se com uma conotação negativa e sentido de ostentação e/ou futilidade, como ponto positivo ao possibilitar uma cota necessária para se viver, conforme revela Nádía ao declarar a importância da vaidade corporal na atual fase de vida:

Por que não vou me arrumar? Vou. Coloco aquela bata branca que eu gosto. [...] Não, eu tiro sobrancelha, eu depilo o rosto, depilo as pernas, viu? [...] Desde a idade de 13 anos que eu tiro a sobrancelha, por que não vou tirar agora, uai? Então cato os fios de cabelos sim [risos]. [...] se você se desleixa, tá, é muito pior. Eu acho que aí que você vai se sentir, é, uma das últimas mulheres [...] a vaidade continua, continua. Eu uso salto, vou ao médico com salto [...]. (Nádía, 91 anos).

Paulo afirma: “Eu sou meio, eu sou meio, eu acho que eu sou meio limpo.”. Explica que meio limpo é sinônimo de meio vaidoso. Mas, o que é meio vaidoso? Paulo responde: “[...] é um cara que está sempre cuidando das coisas dele. Às vezes não cuida do jeito que pode ser, mas cuido do jeito que posso.”.

Neto fala dos cuidados que tem com o seu corpo na identificação com a sua profissão de médico: “agora eu acho que eu não sou vaidoso, eu acho que a gente tem que se cuidar, tem que se apresentar.”. O termo “gente” refere-se ao profissional médico, assim, o entrevistado considera importante que os médicos preocupem-se em ter uma boa apresentação, que, para ele, tem sentido diferente de vaidade: “[...] calçar um calçado limpo, não ficar com o calçado todo desarranjado, [...]. Eu acho que o médico tinha que ter certa posição melhor. E não é ser melhor do que os outros não. É porque tem que ter certa apresentação.”. Essa percepção do entrevistado sobre o corpo médico pode configurar o que propõe Boltanski (1989) quando conclui que os corpos são modelados conforme os usos sociais e o sistema ideológico do contexto no qual o sujeito se encontra inserido.

### **6.2.3.3 O corpo percebido como renovável**

Quando pergunto aos entrevistados se mudariam alguma parte do próprio corpo, Neto e Nívea denegam ao dizer que não mudariam nada. A denegação indica que poderiam ou já pensaram em modificar alguma parte do corpo. De qualquer modo, Neto fala: “Eu acho que eu não ficaria bem não, porque acostumei viver com as opções. Não que eu seja contra quem mude, né? Eu fui sempre assim, então vai ser difícil. Não mudei até hoje, agora não mudo mais não.”. Nívea diz: “Ah! Eu não quero mudar nada não, nunca tive vontade de mudar. Sempre gostei de mim do jeito que eu sou. Eu sou feia, eu sou bonita, mas eu gosto do meu jeito, então, não gostaria de mudar nada não, né?”.

As falas dos entrevistados remetem à reflexão de Costa (2005), ao apresentar o lado positivo e não alienante da cultura somática quando possibilita que as relações com o corpo no cotidiano promovem a longevidade e melhor qualidade de vida. Envelhecer além da média estatística padronizada biologicamente adquiriu o sentido de que se pode viver de outras maneiras diferentes ou como disse Neto, viver com opções.

Neide responde prontamente que gostaria de modificar o corpo: “Barriga. Tirava minha barriga. Tirava essas pelancas (risadas)”. É interessante que, ao perguntá-la se já havia realizado alguma cirurgia, Neide inicialmente parece negar para depois dizer que fez e gostaria de realizar outras intervenções cirúrgicas no corpo, mas com ressalvas:

Não. Eu já fiz olho. Olho eu já fiz. Há muitos anos atrás. Foi. Foi muito legal. Eu tenho vontade de voltar para tirar estas papinhas aqui que me incomodam [...]. Acaba, Simone, que eu tenho excesso de pele [olhos]. Aí ela num, eu já fiz por causa disso. Portanto, eu quase não tenho, tenho é aqui, por isso eu tenho que fazer uma cirurgia aqui. Eu quero tirar isso daqui ó, quero tirar isso. Se eu tirar, meu olho faz assim ó! (Neide, 69 anos).

Enquanto Neide me explica o que deseja modificar no rosto, conforme declarou acima, ela abre os olhos com a ajuda das mãos para eu ver como o rosto dela ficará melhor. Noto que a ressalva feita por ela para se submeter à cirurgia é devido a um excesso de pele localizado, ou seja, aceita a cirurgia para corrigir somente um detalhe que considera destoar de todo o rosto. Paulo também diz que “[...] se pensar tem muita coisa pra mudar. Tipo, pelo menos, eu tirava os cabelos brancos de tudo e punha tudo pretinho.”.

Para Sarlo (2000), atualmente, a cirurgia plástica é considerada como um dos passaportes para o indivíduo ingressar na cultura da beleza e juventude proposta para o

mundo atual. Independente da faixa etária, a transformação plástica do corpo passa a ser uma marca necessária para que o outro lhe reconheça e lhe retorne como semelhante nesta cultura narcísica e caracterizada de egoísta, quando o que prevalece é “o temor intenso da velhice e da morte, senso de tempo alterado, o fascínio pela celebridade, o medo da competição, o declínio do espírito lúdico, as relações deterioradas entre homens e mulheres.” (LASCH, 1983, p. 57)

A parte do corpo que Pompeia e Norberto comentam que gostariam de mudar não está relacionada às mudanças do envelhecimento e sim à percepção de suas formas corporais. Porém, a própria Pompeia já descarta a possibilidade de cirurgia quando diz: “Ah, meu Deus, o quê que eu queria mudar eu não consigo: ter umas pernas bonitas para por maiô e não ficar feio.”. Norberto denega: “Não. Não. Não tem nada não.”. Mas, depois, revela que se tivesse tido coragem teria feito cirurgia de correção nas orelhas consideradas de abano.

Os entrevistados demonstram, mantendo suas particularidades, percepções semelhantes quanto ao corpo quando todos declaram sobre as dificuldades do envelhecer e das consequências advindas e sentidas como perdas quando o corpo “cai” e perde-se a autonomia corporal. Neto fala que vive com opções, Neide é a favor de intervenções cirúrgicas quando necessárias para se sentir melhor e Nívea aceita o corpo conforme a natureza.

Para Costa (2005), a medida ética ao culto ao corpo não está na quantidade de cuidados destinados ao corpo e sim, nas significações que esses cuidados assumem para a vida da pessoa. Assim, quando os entrevistados comentam como cuidam dos seus corpos, pressuponho que o percebem como corpo ativo, porque a maioria pratica alguma atividade física; como corpo limpo, porque todos declararam preocupar-se com a higiene corporal; como corpo vaidoso, porque todos valorizam a aparência; como corpo desmembrado, porque todos, incluído os que denegaram, consideraram a possibilidade de intervenções no corpo e porque alguns localizam no corpo as partes que gostariam de modificar. Considero que todas as percepções do corpo declaradas compreendem a noção proposta por Vigarello (2008): o corpo é o parceiro com o qual nos relacionamos e acreditamos poder conquistar o bem-estar.

#### ***6.2.4 Imagens corporais percebidas no reflexo dos espelhos***

Os espelhos, fotografias, filmagens e o olhar de outras pessoas constituem imagens corporais com as quais nos reconhecemos, identificamos e tomamos como nossa. Os espelhos

podem tanto nos proporcionar uma imagem corporal com a qual nos identificamos agradavelmente, como anunciar um descompasso entre como nos percebemos e a imagem refletida, causando-nos certa inquietação, estranhamento e/ou não reconhecimento.

Nas entrevistas, localizo três modos diferentes dos sujeitos perceberem a própria imagem refletida nos espelhos: o primeiro modo de percepção da própria imagem caracteriza-se pelo momento no qual o sujeito se vê nos espelhos assim como se percebe, reconhecendo-se e sentindo-se bem com a imagem corporal refletida. Nesses casos, os espelhos refletem exatamente - ou muito parecido - com aquilo que o sujeito se vê e se pensa, ou seja, como se fosse uma mesma imagem. Nas declarações, localizo as circunstâncias nas quais Neto, Nívea e Paulo declararam que se veem nos espelhos assim como se percebem.

Paulo diz: “Eu olho e fico satisfeito em ver um velho que não está sentindo [mal-estar], que não tem muita ruga, [...]. Você vê que emagreci 21 quilos, [...] e continuo do mesmo jeito, uê.”. Nessa fala, o entrevistado se diz velho, porém percebe-se com características atípicas de uma imagem de velho: sem rugas e com o impossível de permanecer do mesmo jeito, sem envelhecer. No decorrer da entrevista, reconhece-se conservado tal como um menino: “Eu me acho [conservado] para a minha idade, eu acho. Eu vejo muito menino de 50 anos, 60 anos que não está conservado igual a mim.”.

Há certo descompasso entre a percepção que Paulo tem da sua imagem fixada aos 50 anos e o atual corpo biológico que, certamente, envelheceu nestes 25 anos de diferença. Talvez, podemos entender porque ele se percebe um “menino de 50 anos” ao retomarmos Merleau-Ponty (1999), quando afirma que o corpo vive num tempo presente que possibilita o acesso ao tempo passado e ao tempo futuro. Basicamente, o tempo presente está distribuído em dois momentos: impessoal e pessoal. O tempo impessoal assemelha-se ao tempo cronológico que se escoia; e o tempo pessoal tem uma noção de tempo particular e diferente do cronológico, de tal modo que uma experiência ou sentimento passado pode ser sentido como atual e presente, pois esse tempo se fixa de modo que o tempo passado permanece como verdadeiro presente que não se distancia de nós mesmos.

Neto também se sente bem com a própria imagem corporal ao reconhecer que a sua imagem reflete uma boa impressão para as pessoas e/ou outras formas de espelhos. E, semelhante a Paulo, percebe-se como um senhor que não tem tantas rugas: “Por incrível que pareça, eu me vejo bem [no espelho] porque eu acho que eu estou muito bem, certo. De vez em quando, todo mundo fala que eu não estou cheio de rugas.”. Outra semelhança entre os entrevistados é que Neto diz sentir-se com menos idade do que os atuais 86 anos: “eu tenho condição de fazer o que eu fazia aos 50 anos, 60 anos e até menos do que isso.”. Neste caso, a

diferença entre os entrevistados é que Paulo se percebe com 50 anos e sem rugas, porque não vê as rugas ao se olhar no espelho e Neto percebe-se não tão cheio de rugas a partir da fala dos outros, e com menos idade a partir da própria percepção de manter-se com a mesma disposição.

Nívea afirma: “acho que minha imagem é tão boa. Eu sinto, né? Agora o que os outros pensam, eu não imagino, né? Eu cuido de mim. Eu tenho a minha imagem mesmo, profunda. É minha. Aquela ninguém toma.”. De modo semelhante a Paulo e Neto, ela afirma: “Gosto [olhar no espelho]. Nem me importo não, se tem umas ruguinhas não tem importância, né? Porque isso é normal, a natureza é sábia, ela, ela sabe o que vai mandar na hora certa.”. Observo que todas as vezes que a entrevistada pronuncia a palavra ruga ou o sinônimo dado de “preguinha”, utiliza o diminutivo, provavelmente, para minimizar os efeitos das rugas na vida dela: “[...] a gente assusta um pouquinho porque você começa a ver umas preguinhas diferentes, né?”.

Penso que os três entrevistados apontam a pouca quantidade de rugas no rosto e no corpo como um dos aspectos indicativos de não velhice. E, isso pode fazê-los se sentir bem com a própria imagem corporal, principalmente quando se vive numa época em que a jovialidade adquire valor de consumo.

As fotografias são outro tipo de espelho no qual a imagem refletida pode causar impressões positivas ao sujeito. Neto declara que gosta de fotografias, mas que prefere ser fotografado a fotografar: “Gosto de estar na foto. Eu acho que isso é bom porque é uma boa lembrança que a gente tem. O quê que tem de interessante você tirar foto só do lugar? É. Então, eu gosto de estar lá [na foto]”. Essa declaração revela a certeza com a qual o entrevistado sente-se bem com a própria imagem, independente do tempo e do espaço.

No segundo modo de percepção da imagem, o sujeito se vê nos espelhos, porém, algo na sua imagem refletida está diferente de como ele se percebe. O entrevistado não se identifica com alguma particularidade no reflexo da sua imagem, causando-lhe sentimentos diversos. Nas declarações, localizo situações nas quais, praticamente, todos os entrevistados estariam incluídos aqui. Então, para evitar uma análise extensa, vou apresentar vivências relatadas por Pompeia e Neide.

Pompeia diz: “Tem dia que eu me acho muito feia e tem dia que não. Me pego meio escondida no escuro, não dá para ver muita coisa não, eu fico me achando feia, cheia de rugas e mal penteada [...]”. Quando Pompeia diz: “Me pego meio escondida no escuro” parece tratar-se de uma imagem que surge inesperadamente e de modo quase irreconhecível devido ao escuro. Tanto que ela fala: “[...] mas, passa também. É coisa de minuto. Não tem

importância”. Portanto, Pompeia relaciona o achar-se feia à imagem inesperada de si mesma que lhe surge na forma de um vulto ou uma sombra enrugada e descabelada. Ao dizer que se acha feia, a entrevistada demonstra reconhecer-se na imagem, porém, há uma denegação: “não dá para ver muita coisa não”, indicando um sentido contrário, que dá para ver muita coisa sim; afinal, foi possível ver as rugas no escuro. Podemos questionar: o que é revelado no espelho para que Pompeia ora se sinta feia? Certamente, algo da sua imagem com a qual não se identificou. Os sentimentos advindos por este descompasso e revelados pelos entrevistados como algo assustador, estranho e/ou um horror nos remete ao fato revelado por Freud (1919/2006) ao defrontar-se com a imagem de um intruso no vagão de trem no qual estava viajando, causando-lhe certa antipatia e, depois, o sentimento de estranheza-familiar quando percebe que a imagem do espelho era a dele própria. Este sentimento de estranheza familiar pode ocorrer, porque, segundo Mucida (2009), o espelho porta um engano quando a imagem refletida não comporta tudo aquilo o que realmente somos, apenas nos representa imaginariamente e, por isso, possibilita o aparecimento daquilo que não se quer ver e é particular para cada um de nós. Então, podemos supor que talvez o estranho familiar com o qual Pompeia se encontra no espelho esteja relacionado às marcas da velhice no próprio corpo.

Neide brinca ao dizer que as suas fotos e imagens nas filmagens podem melhorar: “É, se tiver jeito de mudar um pouco, *photoshop*<sup>13</sup> (risadas)”. Depois, afirma:

Eu sinto uma coisa diferente. Outro dia fui fazer uma entrevista na rádio, na rádio não, na televisão, TV dos Vales, aí falando, conversando sobre carnaval e tudo, quando eu fui ver [a reportagem], eu pensei, gente, eu sou bicuda. O que é aquilo? [risadas] Que a gente não se enxerga tão bem, né? (Neide, 69 anos).

Neide tem razão, conforme vimos em Mucida (2009), a gente não se enxerga tão bem porque a nossa imagem corporal é formada a partir do olhar do outro, e essa imagem especular é diferente da pessoa ou objeto que representa. Quinet (2004) chama atenção para isso quando nos lembra que, no reflexo do espelho, a direita vira esquerda e esquerda vira direita devido a uma distorção na simetria entre o objeto e a imagem representada.

O sentimento nomeado por Neide de “coisa diferente” sugere certo estranhamento quando não encontra um nome para designá-lo e quando se depara como “bicuda” na própria

---

<sup>13</sup> Recurso tecnológico de edições em imagens tridimensionais e, usualmente, utilizadas para esculpir uma imagem corporal como, por exemplo, para rejuvenescer, aumentar, diminuir e retirar as imperfeições corporais em fotografias e filmagens.

imagem. Isso também denota certo descompasso entre a imagem que Neide tem de si mesma e a imagem que surge no reflexo da televisão que, apesar de lhe causar um sentimento inominável, se reconhece nela ao dizer “eu sou bicuda”. Em circunstâncias diferenciadas, Neide e Pompeia apresentam certo estranhamento-familiar diante da própria imagem refletida nos espelhos.

No terceiro modo da percepção da imagem, o sujeito diz que, nas circunstâncias, não se reconhece na própria imagem refletida. Penso que a percepção dos entrevistados neste terceiro modo pode corresponder ao segundo já apresentado anteriormente quando aponto haver um descompasso entre a percepção e a imagem refletida. Porém, proponho demarcar como diferença e característica desse terceiro modo o sentimento de negação da própria imagem. Assim, somente os entrevistados Nádia e Norberto relataram vivenciar semelhante experiência. Quando perguntei a Norberto como ele se relaciona com a própria imagem no espelho, ele riu e disse que tem o espelho apenas como um utensílio para a higiene pessoal, “só para pentear os cabelos ou então fazer a barba, né?”. Porém, antecipa e fala sobre a percepção de se ver nas fotografias:

Eu passei uma temporada boa sem tirar fotografia. Tirei fotografia quando era jovem sabe, trinta anos, vinte e poucos anos e eu voltei porque eu fui trocar a minha carteira de motorista e precisei tirar fotografia. Fui lá buscar a fotografia. Quando eu cheguei, eu falei: uai, mas não sou eu não, igualzinho ao meu pai [risadas] só que mais acabado. Tinha uns dez anos que eu não me via na fotografia. E, aí eu olhei, estava muito enrugado, né. (Norberto, 83 anos).

Norberto decide não tirar mais fotografias a partir de quando olhou a sua foto e não se reconheceu, vendo somente a imagem do seu pai, porém mais “acabado”. Certamente, tirar fotografias não faz sentido para o entrevistado já que não se reconhece naquela imagem: “(risadas). Gostei [de parecer com o pai], só que me achei muito velho.”. A intensidade dada ao termo velho com o advérbio muito indica que a questão de Norberto não é estar velho e sim o quanto velho se percebe: muito.

Nádia também riu quando lhe perguntei sobre a imagem do espelho e disse: “(risos) Não me reconheço. (risos) Mas, que horror. Não me reconheço.”. Essa declaração demonstra haver um descompasso entre a percepção que ela tem de si mesma e a imagem refletida. Uma das consequências é que esse sentimento de horror interfere na vontade dela se relacionar socialmente, como por exemplo, querer não sair com a filha.

Pode-se pensar que as percepções das imagens corporais vacilam quando em determinadas circunstâncias os entrevistados se sentem identificados com a imagem; ora não

se identificam, mas se reconhecem, e ora não se reconhecem e sentem-se horrorizados. Além da distorção comumente produzida nas imagens dos espelhos, mas não notada por nós, pode-se pensar que uma dessas circunstâncias possíveis para dizer deste descompasso é a própria dificuldade do sujeito lidar com a sua incompletude, mortalidade e seus desejos. Essas hipóteses podem orientar a compreensão de que, no caso dos entrevistados, a identificação com uma imagem favorável facilitaria a relação consigo mesmo e com os outros.

### 6.3 Velhice

As declarações dos entrevistados comportam uma diversidade de significações de velhice além das descritas no *corpus* teórico desta dissertação sob os aspectos orgânicos, sociais e psíquicos. Portanto, nenhum dos entrevistados automeinou-se diretamente como velho, mas podem ou não compartilhar a ideia de velho e/ou velhice sob três circunstâncias: primeira, quando percebem os outros; segunda, são percebidos pelos outros; terceira, percebem a si mesmo.

Para a primeira situação, retomo a frase: “Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes.” (BEAUVOIR, 1990, p.12). No caso, localizei Paulo quando comenta sobre os “pés-de-galinha” no rosto dos irmãos para dizer que ele não é tão velho quanto eles, porque não tem essas rugas no rosto. Nádia ao afirmar: “eu tenho horror a essas velhinhas que não se cuida”, supondo que essas pessoas, diferentes dela, tendem a relaxar com os cuidados corporais quando na fase da velhice. E, Norberto, talvez diferente, quando comenta a percepção de outras pessoas sobre a velhice e elabora a própria conclusão: “ninguém gosta de ser velho não”. Ele também conta que um amigo dizia: “velhice é uma doença incurável (risadas)”. Perguntei para ele se concorda com tal opinião e, prontamente, responde que sim enumerando as próprias doenças.

No segundo grupo, os entrevistados Pompeia, Nádia e Paulo declaram que são percebidos como velhos e/ou na velhice, podendo, assim, concordarem ou não. Alguns deles se autodenominam de velhos ao se identificarem com algumas peculiaridades significadas de velho por essas outras pessoas.



Pompeia conta um ditado popular para dizer que, então, em tais circunstâncias sempre se percebe velha: “Eles dizem assim, que, o velho, acha que pode falar o que quer e ouvir o que não quer. Agora, se é assim, toda vida eu fui igual.”.

Nádia faz restrições à nomeação de velha. Revela uma situação na qual o seu neto a chama para dançar e, inicialmente, ela resiste: “ó vó, a senhora sempre dançou, porque não vai dançar comigo? É mesmo, né? Então, vou dançar; aos 90 anos eu dancei. Bem, eu digo, eu vou dançar um pouquinho, mas é, quer dizer que estou velha, não, eles [família] não falam esta palavra velha, não falam não, porque é até ridículo”.

Proponho analisar que a afirmativa “aos 90 anos eu dancei” sugere a aceitação de uma velhice quantificada na idade e diferenciada, porque poucas pessoas nessa idade teriam condições de dançar, mesmo que fosse por pouco tempo. A nomeação de velha pareceu-me considerada pejorativa tanto para a família como para a entrevistada. E, pressuponho que seja pela possibilidade do termo velho tanto qualificar um objeto de muitos anos como caracterizar determinada pessoa, sendo essa caracterização ridícula, mesmo quando o significado dado ao termo velho tende a desconsiderar todo o potencial do indivíduo e enfatizar somente a atual diminuição das capacidades e habilidades corporais como, por exemplo, não aguentar dançar muito. Uma noção de indivíduo que não contempla a experiência de vida e história do sujeito, desconsiderando não somente ele, mas a toda família e sociedade. Por isso, eu gosto de reescrever quantas vezes forem possíveis sobre o modo que Nádia se percebe diferente de velha: “eu sou é vivida”.

A evidente recusa da entrevistada em ser nomeada de velha não significa dizer que ela não se perceba velha enquanto significado de muitos anos de vida, diminuição das capacidades orgânicas, aparência enrugada, entre outros aspectos. Mas que, certamente, ela recusa algum sentido que o termo velho possa ter na vida dela e com o qual ela não se identifica. Basta lembrar que na história da humanidade os sentidos pejorativos do termo velho e velhice adquiriram maior prevalência quando comparados, por exemplo, aos de sabedoria e respeitabilidade. Assim, quando ela diz que é vivida e não velha, pode-se pensar que em termos dos vocábulos isso seria um eufemismo que reforça certo preconceito. Por outro lado, pode-se pensar que velha é um termo designado à Nádia pelo outro e o termo vivida é uma construção pessoal e particular sobre a sua experiência de vida ou, melhor, sua corporeidade. Talvez a diferença para a identificação ou não com os termos velha e vivida esteja no sentido de que o primeiro tenha explícita a condição de proximidade com a morte e o segundo, com a vida. Mas, isso somente a Nádia poderia nos dizer.

Paulo, ao ser sondado sobre a possibilidade de ser chamado de velho, responde: “Eu falo assim, se é velho eu não sei, mas esta idade sua eu já tive ela, vamos ver se você vai ter a minha, né? Porque é muito fácil você ter 40 anos, 50, 60. Eu passei por isto tudo aí [...]”. As afirmativas do entrevistado adquirem um tom de desafio quando nos leva a refletir sobre a condição de estar, ao mesmo tempo, velho e jovem aos 75 anos. Esta junção “velhos jovens” encontra-se na classificação da gerontologia para os adultos idosos na faixa etária entre os 65 a 74 anos considerados ativos, joviais e vigorosos (PAPALIA e OLDS, 2000). Outro aspecto analisado nas afirmativas de Paulo é que o parâmetro comparativo que adotou para a noção de velhice pareceu-me estereotipado; provavelmente, significado de decadência e falta de vigor, pois questiona como pode ser identificado de velho se, como ele mesmo já disse, a pele dele é lisinha, sente-se bem, está magro e foi forte para chegar à idade que tem. O entrevistado parece não querer perceber que mesmo velho pode apresentar menos rugas, vitalidade e outras qualidades que lhes são caras.

A terceira situação é caracterizada pelos entrevistados que se percebem na vivência da velhice, mas nem por isso consideram-se velhos. Essa vivência pode apresentar-se numa diversidade de sentidos elaborados pelos entrevistados e para si mesmos. Assim, a velhice pode significar modificações corporais, perda das relações sociais, poder de transformação e/ou momento propício ao trabalho, momento de adoecimentos, senilidade, desmoronamento da imagem corporal e como aquilo que não tem sentido para o sujeito.

Dentre os entrevistados, Nádia foi a que mais declarou experiências sobre a velhice. Neide foi a única a declarar diretamente que não se sente velha: “Apesar de 69 anos, você está entendendo? Eu não me sinto velha, entendeu? Eu estou numa idade legal, eu estou na ativa, eu estou trabalhando até hoje, né. Trabalho até hoje, faço tudo que quero até hoje. Dirijo (risadas)”. A declaração de Neide aponta algumas questões, quando ela diz “apesar de 69 anos [...]”, e a frase pode ter subentendida que, para ela, a idade de 69 é uma idade de velhos, por isso, a necessidade dela dizer que, apesar da idade, sente-se bem. E, por oposição, a declaração dela pode indicar o que seja a sua noção de velhice: idade avançada, não trabalho e não atividade ou não possibilidade de manter-se na ativa.

Porém, todos os entrevistados comentaram perceber no próprio corpo as limitações e/ou diminuição das capacidades e habilidades já adquiridas ao longo da vida e, essas são consideradas, segundo Jacob Filho e Souza (2000), características decorrentes do processo de envelhecimento e/ou velhice.

Nádia diz: “Eu dava aula [de tricô], e agora todo mundo está querendo que eu dê, mas não tenho mais condição por causa da visão. Não tenho mais condição.”. E, Neto fala: “Hoje

faço a parte de ginecologia, mas parei de fazer exames e prevenção ginecológica, porque com o passar da idade a visão começa a ficar a desejar, e a gente sente um pouco [...] preferi deixar de fazer, há uns seis anos atrás ou sete.”.

Os dois entrevistados relatam as perdas sociais e afetivas decorrentes das restrições do organismo características da fase da velhice. Nádia comenta que não consegue, atualmente, fazer o tricô e isso implica em dizer que a entrevistada perdeu a condição de trabalho, as relações professora-aluna, remuneração, reconhecimento social, entre muitas outras representações e significações que foram tecidas a partir do tricô em sua vida. De modo semelhante, atualmente, Neto reconhece, como médico, as próprias limitações orgânicas para utilizar-se de instrumentos na realização de exames ginecológicos minuciosos.

Mesmo assim, ambos os entrevistados demonstram certa capacidade psíquica para conseguirem se readaptar e reorganizar às novas formas de fazer e trabalhar na velhice. Nádia demonstra-se persistente e determinada ao dizer: “Eu estou reaprendendo, agora, a fazer tricô.”. E, Neto revela: “Mas consultório é uma das coisas que eu faço [...]”. Portanto, a fase da velhice também pode ser significada como poder de transformação e/ou trabalho.

A velhice, como vivência particularizada para cada sujeito, pode ser significada como algo que desmorona o corpo a partir da percepção de descompasso existente entre as imagens corporais, conforme Nádia afirma:

Não, a gente quando se vê numa foto é danado. Ela [foto] é uma coisa e, agora, a gente é outra completamente diferente [risos]. É a velhice, o quê que a velhice faz, não é? A gente vai desmoronando, vai ficando, certo? A gente. Não tenho palavras para explicar o significado da velhice. Eu acho assim, não sabemos explicar direito. Nós olhamos o vulto, e o vulto está ficando lá [risos]. (Nádia, 91 anos).

Mucida (2009) explica que a intemporalidade do inconsciente proposta pela psicanálise freudiana produz a sensação de que permanecemos os mesmos, e isso acarreta dificuldades no reconhecimento da imagem que os espelhos nos oferecem pela vida. Como o envelhecimento é um processo que ocorre ao longo da vida, facilita percebê-lo mais facilmente nos outros do que em nós mesmos.

Assim, para a entrevistada, a velhice parece adquirir o sentido de algo inominável: algo que desconstrói o sujeito, impedindo-lhe que não se reconheça na imagem atual, porque não coincide com aquela imagem que ele faz psiquicamente de si mesmo. Novamente, retomo Mucida (2009) ao explicar que quando o sujeito se encontra com o espelho e não se reconhece, pode adotar duas estratégias para tentar eliminar essa imagem inesperada no espelho: a primeira estratégia é preparar-se para o encontro com a imagem, e a segunda é a

desmontagem do espelho como num processo de redução do eu até não enganar-se com a imagem. E, é essa segunda estratégia que considero semelhante à de Nádía quando ela compara a velhice ao vulto que vê no espelho e utiliza o termo “desmonorando” para dizer do sentimento diante desse vulto. O termo “desmoronando” pareceu-me similar ao termo “desmontagem”, proposto pela autora e significado como “retirar deles [espelhos] todos os pontos pelos quais a imagem foi constituída a tal ponto em que só restaria uma imagem real de si mesmo [...]” (MUCIDA, 2009, p.46).

Mas, pode-se questionar: qual seria essa imagem real de si mesma? Na psicanálise, basicamente, o real pode ser compreendido como uma realidade de fenômenos impossíveis de representar e de simbolizar (ROUDINESCO e PLON, 1988). Assim, pressuponho que a imagem real de si mesma para a Nádía é aquela que “está ficando lá” e que ela afirma não ter palavras para dizer sobre e, assim, tornou-se um vulto. Em suma, na lógica da entrevistada, o vulto é o real que resta do desmoronamento que a velhice faz no corpo dela: uma forma indistinta e na qual não se reconhece. E, assim, Nádía acha-se na velhice. Talvez, diferente da situação anterior na qual ela considera ridículo ser chamada de velha, porque agora, diante do espelho, ela não é nomeada de velha pelos outros e sim percebida na velhice por si mesma.

Nádía também revela que a velhice lhe causa sentido de senilidade quando estabelece diferenciação entre a velhice que imaginou e a velhice que vivencia com a chegada dos adoecimentos: “[...] então, eu acho, eu acho, assim, que a velhice a gente pensa uma coisa e é outra, especialmente, quando vem a osteoporose, artrose, artrite, bico de papagaio, e aquela coisa toda.”. Considero que esse discurso de Nádía aponta-nos dois aspectos referentes à velhice: a naturalização da velhice pelas ciências biológicas como processo natural e universal, e as denominações que, segundo Papaléo Netto e Ponte (1996), determinam a velhice saudável de senescência e/ou senectude, e a velhice marcada pelos adoecimentos de senilidade. Beauvoir (1990) considera que esta noção de velhice enquanto fase de vida de adoecimentos consolidou-se após a medicina tê-la tornado, a partir de 1921, uma especialidade médica.

Nádía, após dizer o final da frase anterior, completa dizendo: “Fora daquilo [doenças], eu acho que se a gente puder levar a vida normal, seria muito bom.”. Elabora uma concepção de velhice para além dos adoecimentos (senilidade) ao propô-la como fase da vida, na qual, se possível, deve-se viver bem. Essa construção de velhice corresponde às perspectivas sociais do mundo atual ao nomear de terceira idade a fase da vida na qual se privilegia a arte do bem envelhecer (DEBERT, 2004). A percepção dela em ampliar a noção de velhice quando sugere a subtração da perspectiva adoecida, pode ser também ligada à ideia de sabedoria na velhice

proposta por Erikson (1998), quando a considera um valor que emerge da resolução do conflito egóico entre as capacidades de integridade x desespero.

Nívea parece perceber que há uma oposição entre a concepção do que seja velho e jovem, na qual os jovens estão relacionados à atividade e os velhos à passividade; porém, na possibilidade de uma convivência de ajuda mútua, conforme declaração:

[...] porque este negócio de ficar só juntos aos velhos [risadas] aí, também, [risadas] fica tendo uma notícia só, né? E os jovens trazem coisas diferentes, coisas que a gente precisa de saber, não é? Porque os jovens assim, eles são bem vindos e sempre vêm; só de trazer aquela alegria estampada, sem muito problema igual aos velhos já tiverem, né? E, sem comentar muito estes problemas conosco que somos mais velhos. Então, já ajuda bem na juventude, né? Da velhice, né? Da juventude da velhice, né? (Nívea, 73 anos).

A entrevistada elaborou a expressão “juventude da velhice”, possivelmente, para significar o sentimento que pode aflorar quando os mais velhos convivem com pessoas jovens ou quando os mais velhos se percebem bem, mesmo sendo velhos. Dizer-se mais velho não sugere especificamente que seja um velho, pois pode denotar apenas uma diferença entre as idades, afinal um garoto de dez anos é mais velho do que o de oito anos.

Na citação seguinte, Nívea diferencia-se dos jovens pelo critério de idade, afirma ter que pensar com calma para comunicar-se com eles e, ao finalizar a frase com a afirmativa de que o “eu dos jovens é quem manda”, pareceu-me perceber a evidência com a qual o mundo atual privilegia os jovens:

É. Eu acredito. Mas, sempre tem uma, uma, uma, uma, um, num destes [jovens] que está sempre procurando a gente para ajudar. Então, a gente tem que. Nós temos que andar assim devagar e pensando no que vai fazer, como vai ajudar, como é que vai saber. Porque existe um paralelo na diferença de idade, né? Então você não pode querer também que ele seja igual a mim, né? Então, você tem que modernizar o seu assunto para poder ajudá-los, né? Porque não é o meu eu quem vai mandar, você tem que pensar bem que é o eu dele, né?! (Nívea, 73 anos).

A citação da entrevistada poderia denotar uma possível visão de velho como alguém ultrapassado e descompassado do tempo atual, ao enfatizar sua necessidade em modernizar o próprio assunto e sugerir que ela tem que “realizar devagar um esforço de pensamento” para conseguir comunicar-se com os jovens. Esse pensamento revela, provavelmente, a dimensão do esforço e cuidado com os quais Nívea tenta responder ao imperativo do mundo atual: fique jovem!

Por outro lado, percebo Nívea com capacidade de empatia, experiência de vida e atualizada o suficiente para colocar-se no lugar do jovem e saber que, ao modernizar o

assunto, consegue comunicar-se numa mesma linguagem e, assim, pode entender melhor o modo pelo qual o jovem percebe o mundo. Certamente, a entrevistada já sentiu na própria pele que, em qualquer fase da vida, a cautela e a receptividade são essenciais para ajudar o outro naquilo que ele precisa e não do modo que acreditamos que ele precise. E, essa distinção é feita pela entrevistada quando declara que o eu do jovem é quem vai mandar e não o dela. Outro aspecto a considerar é que Nívea sabe que a sociedade atual coloca que o mundo atual é dos jovens e não dos velhos, e mesmo assim, mantém-se coerente à sua “natureza”. O termo “natureza” foi utilizado por ela para dizer que prefere deixar o envelhecimento acontecer naturalmente no seu corpo. Assim, considero que Nívea responde a si mesma, antes mesmo de responder ao imperativo do mundo atual, quando afirma sentir-se na “juventude da velhice”.

Para finalizar, os entrevistados percebem as alterações orgânicas, demonstram reconhecimento de estarem vivendo a fase da velhice e certa dificuldade em reconhecer-se na imagem de velho, principalmente quando é o outro quem lhe diz que está velho. Talvez isso aconteça pelo fato de que os entrevistados, uns mais e outros menos, denegam o envelhecimento e a velhice. E, quando o outro lhe retorna a imagem de velho, escancara uma realidade que eles fazem o maior esforço para denegar, não ver e não saber. Há que considerar também que essas designações são construções sociais e, provavelmente, por isso, podem não corresponder com as percepções que cada entrevistado tem/faz de si mesmo. As nomeações atuais e substitutivas para a velhice, terceira idade e idoso, não foram declaradas pelos entrevistados para se identificarem ou reconhecerem outras pessoas. Pareceu-me que o nome terceira idade ficou no campo do nome próprio somente para designar os programas de atividades destinados à população de idosos.

#### **6.4 Idade**

Na história da humanidade, desde épocas anteriores à Idade Média, a noção de idade era simbólica, diferente de uma quantificação atual e determinante para a organização de certas comunidades em classes de idades, nas quais, geralmente, cada uma teria a função de representar os estágios de aprendizagem e participação na cultura. As “idades da vida” podiam também corresponder aos planetas, aos signos e às quatro estações da natureza (ARIÈS, 1986).

Atualmente, a idade cronológica legalmente mensurável com precisão é a todo instante recordada na data de nascimento e quase obrigatoriamente inscrita em consultórios de saúde, unidades de ensino, fichas cadastrais, indicação de produtos cosméticos e documentos pessoais exigidos legalmente a todo cidadão, demarcando a cronologização da vida (FORTES *apud* DEBERT, 1994).

A idade é uma categoria construída historicamente nas sociedades e, assim como o nosso nome próprio, a idade cronológica pode ser um dado constitutivo da nossa identidade e reconhecimento social. Nesta pesquisa mesmo, a idade foi um dos critérios utilizados para selecionar os entrevistados com idade a partir dos 65 anos, o mesmo que determina o sujeito enquanto idoso na Política Nacional do Idoso (BRASIL, 2007b).

O foco desta análise está na constatação de como os entrevistados se sentem ao revelar a própria idade e como se percebem, relacionam e significam a idade presente. Os sujeitos entrevistados estão entre a faixa etária de 69 a 91 anos e afirmam que se sentem bem com a própria idade e/ou que não têm problemas para dizer a idade atual. Porém, o modo como respondem a questão sobre como se sentem ao dizer a própria idade, pode-se notar que existem algumas significações que tiram a idade daquele lugar meramente cadastral ou de informação pessoal e protocolar.

Pompeia é categórica ao afirmar que se sente “muito bem”. Nívea diz sentir-se “ótima”. Essas afirmativas denotam certo prazer nas entrevistadas ao dizerem a idade. Norberto responde à questão com uma negação; depois, revela a possibilidade de se esconder a idade. Numa risada, acrescenta que não aumenta e não mente a idade: “Não tenho problema nenhum. De esconder a idade [risadas]. Nenhum. Aumentar, eu não vou mesmo. Mentir muito menos”. O interessante é que ao lermos essa fala em uma única frase sem as pausas pontuadas, a resposta adquire outro sentido: o entrevistado não teria problemas para esconder a idade.

Nívea revela que não gostava de dizer a sua idade. Mas, após a comemoração de bodas de ouro, ocasião em que o padre disse a data do seu casamento, a entrevistada com, aproximadamente, 65 anos na época, deixou de se importar de dizer a idade, porque acredita que todas as pessoas presentes naquele dia na igreja fizeram o cálculo:

Ó, antes eu gostava de esconder (risadas). Até assim, vamos dizer, 60, né. 65, eu não gostava de falar não. Eu não gostava de falar não. Mas, nas bodas de ouro que o padre falou lá a data do meu casamento, e eu tenho certeza que todo mundo fez a conta na cabecinha, né, acabou. Não escondo idade mais não. Agora já conto na pinta, é 73 e pronto. E, to, to feliz com a idade porque estou viva, né. Não é isso? (Nívea, 73 nos).

É interessante pensar que Nívea tem a certeza de que todos calcularam a sua idade e isso dimensiona a importância dada à idade pela entrevistada. Hoje, Nívea diz que gosta da sua idade de 73 anos. Porém, ao perguntá-la na entrevista qual a data do seu nascimento, rateou para responder. Enquanto tentava se lembrar da data, ela pediu que eu anotasse para não perdê-la. Mas, quando eu perguntei qual era a sua idade atual, ela respondeu prontamente.

Paulo é contraditório quando as suas falas estão marcadas pela denegação e modos diferentes de se expressar sobre a idade. Na ocasião da entrevista, quando constatei que, alguns dias após, ele faria o seu 76º aniversário, Paulo disse: “Não vamos falar o dia não. Eu não vou falar não (risadas). Eu não vou falar não porque tem época que eu nem me lembro disso. Eu saio cedo para ninguém lembrar não”. Afirma que, às vezes, se esquece que é o dia do seu aniversário, outras vezes, ele sai cedo para ninguém se lembrar, como também fica em casa porque os filhos e netos, de qualquer modo, vão a sua casa para parabenizá-lo. Como as frases estão denegando uma afirmativa, pode-se dizer que, ao contrário do que expressa, Paulo se lembra e deseja que a família comemore o seu aniversário. Nádia também expressa em poucas palavras uma denegação sobre a sua idade: “Ó menina, o que vou dizer, não sinto muita coisa não.”. A denegação indica que Nádia sente sim muitas coisas ao dizer a própria idade.

Quando pergunto Paulo do que ele foge no dia do aniversário, diz: “Da idade eu não importo não, sinceramente. Às vezes alguém me pergunta assim, quantos anos você tem? Aí, eu falo 80. Então, eu adianto, não ligo este trem não. Nunca liguei.”. Nota-se que foi Paulo quem trouxe a questão da idade para a entrevista, então, retorno com a pergunta: “Então, quando a pessoa chega e lhe pergunta quantos anos o senhor tem, você responde numa boa?”, e Paulo diz: “De jeito nenhum. Uns eu falo 80. Eu falo brincando, oitenta e bordoadada. Eu não ligo, mas depois, eu conto a verdade. Não são 80, mas você falou, mas estou brincando. Falo 75, brincando. Falo qualquer um.”.

Esta tendência de aumentar a idade é outro aspecto interessante revelado nas entrevistas, quando comparado ao pressuposto de que falar sobre a idade é uma questão conflituosa. Vimos Paulo aos 75 anos afirmar ter 80 anos ou mais. Nádia está com 91 anos e avisa: “Já estou com 91 e perto de 92.”. Neide, ao responder a idade atual, primeiro anuncia: “Vou fazer 70 anos. Agora, tenho 69 anos.”. Pompeia aos 78 anos fala como se já estivesse com 80 anos:

Sinto maior orgulho de ter, de fazer oitenta anos com a atividade que eu tenho, porque não é a idade cronológica que manda em ninguém, sinto maior orgulho de



fazer o que eu faço, de fazer ainda o que eu posso fazer, o que eu tenho vontade de fazer. Com oitenta anos é o maior orgulho no mundo. (Pompeia, 78 anos).

Talvez, o sentido que podemos pressupor para o fato de os entrevistados aumentarem a própria idade seja semelhante ao de Pompeia: motivo de orgulho por ter autonomia para se fazer o que deseja. Essa noção de autonomia relaciona-se à perspectiva do mundo atual de considerar o corpo como um parceiro, quase uma instância psíquica que possibilita o estabelecimento das relações na primazia da individualidade e autonomia (VIGARELLO, 2008). Na citação, Pompeia não faz uma divisão do corpo/mente, utiliza-se da instância do eu para expressar o orgulho que sente de si mesma ao poder realizar atividades que implicam necessariamente uma noção de unidade ou parceria corporal.

Atualmente, a autonomia é uma das capacidades exigidas para as pessoas na velhice serem reconhecidas ou reconhecerem a si mesmas enquanto sujeitos idosos ativos, saudáveis e independentes, conforme nos remete à ideia de Debert e Simões (1994), quando afirmam a arte do bem viver e a busca pela qualidade de vida como uma das principais características da terceira idade. Remete também à noção de terceira idade proposta por Peixoto (2000), na qual o envelhecimento é reconhecido como um processo dinâmico e propício à prática de novas experiências na vida.

Outra justificativa poderia ser a de que, ao dizerem uma idade maior, passariam uma imagem de vigor e rejuvenescimento aos olhos dos outros, geralmente, revelada naquela popular expressão: “nossa, você não parece ter a idade que tem”. Como se cada idade pudesse ter uma aparência determinada. E, este é o caso de Neide ao dizer que tem que vestir conforme a idade e de modo que se sintam bem: “É. A gente tem que viver de acordo com a idade da gente, né. Eu tenho que me vestir de acordo, né, que eu não vou me sentir mal, né.”. Depois, determina certa beleza para cada idade: “Eu estou com 69 anos. Eu não poderia ser bonita como fui aos 20 anos, quando eu tinha 20 anos, quando tinha 30 anos, né? Eu sou bonita na minha idade.”. Nívea compartilha da ideia de Neide quanto ao modo de se vestir adequadamente à idade: “Você vê roupas lindas, né. Mas, que para mim já não dá, porque você tem que ter certa discricção, né. Você não pode ficar aí vestindo uma coisa que não é mais para sua idade.”.

Neide afirma que é bonita na idade dela, como já vimos, uma idade que, no caso, não corresponde necessariamente à idade cronológica e, mesmo se fosse, certamente, ela se diz bonita porque não se sente com aparência envelhecida, conforme diz: “Eu não me sinto velha [...]”. Nívea também determina as roupas pela própria idade que, no caso, também pode não corresponder à cronológica ou a noção que a entrevistada tem das outras pessoas na mesma

idade, quando fala e adverte do aspecto de andar arrumada: “Ando com as roupas para minha idade, mas sempre direitinha.”.

A posição das entrevistadas corresponde também à tendência ideológica atual na qual todas as pessoas devem aparentar ao menos certa juventude, e isso corresponde ao que Sarlo (2000) descreve quanto ao mundo atual tratar o corpo como objeto de arte e imagem a ser vislumbrada. Ou seja, no mundo atual fica difícil admirar e valorizar a imagem de velho quando a beleza torna-se quase um atributo da juventude. A noção de juventude está disponível no mercado como mercadoria a ser adquirida e consumida através das intervenções do corpo com cirurgias e demais tratamentos antienvelhecimentos, denotando ao envelhecimento o sentido de um mal a ser veemente combatido. Vale lembrar algumas propagandas de produtos cosméticos veiculadas na mídia que enfatizam justamente esta preocupação em estar bela: cada idade tem a sua própria beleza e/ou que o cuidado com a pele não revela a sua verdadeira idade.

Na questão, “Como você se sente na sua idade?”, Neide percebe haver uma defasagem entre o corpo físico e o psiquismo, contudo busca outros meios para conciliar essa diferença:

Às vezes eu me sinto meio assustada porque a gente fica querendo fazer coisas, que talvez muitas vezes o físico da gente não ajuda. E a cabeça fica meio balançada porque você podia fazer, mas não está dando conta de fazer, né. Mas eu procuro fazer diferente, para que eu não deixe de fazer (risadas). (Neide, 69 anos).

Esta queixa de Neide quanto ao descompasso existente entre o corpo que envelhece e o psiquismo que não envelhece se assemelha à queixa de Nádia, entretanto em contextos diferenciados. Nádia afirma que, quando entrou na casa dos 90 anos, sentiu o peso da idade: “[...] enquanto eu estava com os 85 estava ótimo, os 88 uma beleza, chegou aos 90 parece que fez pla, [...]”. Neide está com 69 anos e já diz que “às vezes” o corpo não acompanha a mente. Nádia afirma que o corpo não aguenta mais realizar tudo aquilo que gostaria de fazer. A diferença entre as noções de que o corpo “às vezes” e o corpo “não aguenta mais” realizar as atividades ou acompanhar a mente pode ser compreendida quando Papaléo Netto (2006) afirma que as transformações corporais são progressivas e irreversíveis com o passar dos anos.

Nádia diz que se sente bem aos 91 anos; depois denega para dizer que não tem novidade: “Eu me sinto bem, não tenho novidade nenhuma não, tem não.”. Nessa frase “eu me sinto bem”, Nádia parece ir contra ao que havia dito anteriormente sobre a decrepitude do corpo, mas, ao dizer a expressão “não tenho novidade”, cogito a ideia de que para a

entrevistada, apesar das consequências do envelhecimento, de certo modo, permanece a mesma mulher que gosta de sair, trabalhar e encontrar-se com as pessoas. Ou seja, alguém cheio de novidades para se relacionar.

Outro aspecto pontuado nas entrevistas é a idade enquanto uma questão a ser enfrentada ou não na vida dos entrevistados. Nádia diz: “eu acho que se você chegou a esta idade é porque tinha que ter chegado. Eu acredito que [...] tem que enfrentar. Eu acho, viu. Você se olha no espelho, você está com uma ruga aqui, está com outra ali, está com olho já tapado por [risos]”. A idade proporciona a Nádia um enfrentamento com a própria imagem marcada pelas rugas da velhice no espelho. Neste caso, o termo enfrentamento denota certa oposição de Nádia ao se deparar com a idade. Norberto, semelhante à Nádia, relaciona a percepção do próprio corpo envelhecido articulado aos anos de vida. Porém, Norberto sente que tem que ter certo conformismo com a defasagem percebida entre o corpo e a mente quando diz: “Ah, eu me percebo muito fraquejado, né. Já estou muito desgastado, né, fisicamente. Mentalmente não. Estou com a memória boa, ainda. Felizmente, sabe. Agora, eu tenho que me conformar com essa situação, né. Viver enquanto estou bom. Estou vivo, está bom.”. No caso, Nádia pareceu-me viver um embate com a própria idade, enquanto Norberto, mesmo se sentindo “fraquejado”, aceita passivamente a condição do aumento da idade. Pompeia também se utiliza do termo enfrentamento para dizer que se sente mais corajosa do que muitas pessoas de menor idade: “[...] eu vejo pessoas com sessenta anos, com sessenta e cinco que não têm a mentalidade que eu tenho, não faz o que eu faço, não têm coragem para nada, eu enfrento qualquer coisa até hoje [...]”.

Diferente de Norberto, Pompeia não se sente dividida entre o corpo fragilizado e a mente ativa. Paulo enfrenta a progressão da idade, ou melhor, parece não querer enfrentar esse aumento da idade ou as consequências advindas quando revela que não gosta de fazer aniversários e determina: “Agora, acabou! Tenho 76 anos”.

Neide afirma: “Eu não me sinto velha, entendeu?”. Nessa afirmativa pode estar subentendido que, para a entrevistada, a idade de 69 anos determina uma idade de velhos, porém, como ela não se percebe velha, diz: “Eu estou numa idade legal, eu estou na ativa, eu estou trabalhando até hoje, né. Trabalho até hoje. Faço tudo que quero até hoje. Dirijo [risadas]”. Quando Neide diz que está “numa idade legal” e nomeia uma série de atividades que realiza, parece referir-se a uma idade subjetiva e não meramente numérica e classificatória. Então, a idade de 69 anos para Neide pode tanto determinar o estado de velhice como uma “idade legal” na qual ela se inscreve.

Para finalizar, considero importante pontuar que, além das muitas frases ditas pelos entrevistados denegando uma afirmativa no decorrer desta parte da entrevista, houve muitas risadas ao responderem as questões sobre a própria idade. Isso me despertou a atenção, porque as risadas davam um tom de brincadeira ou descontração, ao mesmo tempo em que as frases ditas, muitas vezes interrompidas, implicavam dificuldades quanto ao aspecto de lidar com a idade, conforme o fragmento das falas de Neide e Nádia respectivamente: “Faço tudo que quero até hoje. Dirijo (risadas).” e “Você se olha no espelho, você está com uma ruga aqui, está com outra ali, está com olho já tapado por (risos)”.

Freud (1927a/2006) elabora o humor como um processo direcionado tanto para o próprio eu como para uma segunda pessoa, a ouvinte. Essa, na expectativa de alguma demonstração de afeto devido à situação em que o outro se encontra, é tomada pela atitude humorística quando a outra pessoa faz uma graça ao invés de uma esperada manifestação de emoções. O humor como modo de obter prazer da atividade intelectual é liberador e tem algo de grandeza e elevação no sentido de demarcar a invulnerabilidade do eu ou o triunfo do narcisismo. O eu recusa-se a sofrer pelas circunstâncias da realidade e utiliza-se desses traumas como momentos para extrair prazer, desviando-se do sofrimento. O humor é rebelde e significa o triunfar do eu e do princípio do prazer. O triunfo do eu reside na possibilidade da instância do supereu, agente do núcleo do eu que, por vezes, encontra-se diferenciado ou fundido com o eu, adotar um atitude humorística para consolar o eu. Porém, nem todas as pessoas têm a capacidade do dom raro e precioso de atitude humorística. Esta capacidade do supereu aparentemente não condiz com a característica de um senhor severo, porém, ao adotar a atitude humorística, o supereu repudia uma realidade e produz um prazer enobecedor e libertador ao eu. O importante é a intenção que o humor transmite ao creditar ao superego a capacidade de tentar proteger e/ou consolar, através do humor, o eu de sofrimentos. Tanto para o próprio eu quanto para as outras pessoas, a intenção do humor é a de transmitir a seguinte mensagem: “Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!” (FREUD, 1927a/2006, p.169). Deste modo, as risadas e as brincadeiras que ocorreram nas entrevistas são modos humorados que Paulo, Norberto, Nívea e Neide encontraram para tratar a questão da idade que, provavelmente, lhes ainda aflige bastante.

## 6.5 Perspectivas de futuro

Neste texto, viso entender como os entrevistados organizam-se psiquicamente nesta fase da vida considerada de maior proximidade com a morte e como se percebem no tempo que está por vir, o futuro.

As perspectivas de futuro dos entrevistados podem ser reunidas em três modos de declarações: primeiro, de boas projeções para a vida futura; segundo, que transmitem certo temor/incertezas quanto ao futuro; terceiro, de descrença na possibilidade de projetar um futuro ou negação do futuro.

No primeiro grupo, os entrevistados que declaram ter boas perspectivas para a vida futura são Nívea e Neto. Ela tem certa dificuldade para responder prontamente quais são os seus projetos para o futuro: “Para o futuro? Ih (risadas). Quando eu tiver (silêncio).” Retorno para ela o que havia dito na entrevista sobre os planos de aprender informática e ajudar mulheres alcoolistas, quando diz: “Já está, né? Já está fazendo parte do futuro (silêncio). E, procurar sempre ajudar as pessoas que necessitarem. Eu não preciso procurar porque elas veem à minha porta.”. As frases sinalizam que a perspectiva de futuro da entrevistada “bate na porta dela”, ou seja, está na continuidade do que já faz na vida: manter-se atualizada e disposta a ajudar as pessoas. Desse modo, sua perspectiva de futuro está na melhoria da própria vida, como na das outras pessoas quando assume tantos trabalhos que gosta de fazer.

Neto está ciente das reais possibilidades de perda das habilidades e capacidades corporais decorrentes do processo de envelhecimento, mas, assim mesmo, projeta um futuro de trabalho e reconhecimento quando responde prontamente:

Meus planos para o futuro é o seguinte: enquanto eu tiver condições para trabalhar, enquanto eu tiver condições para atender consultório e ganhar meu dinheiro, e tiver cabeça para entender o que os outros estiverem me falando e para eu poder raciocinar, para eu poder ver o que eu posso prestar para essa pessoa, eu vou continuar trabalhando, porque enquanto eu puder trabalhar, eu vou trabalhar. (NETO, 86 anos).

Nas entrevistas, percebo uma semelhança na história de vida de Nívea e Neto quando ambos declaram permanecer até os dias atuais no exercício da mesma profissão e em trabalhos que gostam de realizar. Neto é médico e, nos últimos anos, adaptou a sua especialidade clínica e a rotina de atendimentos conforme percebe a própria disponibilidade e

condição orgânica. Nívea é professora aposentada do Estado e leciona no programa de terceira idade e no catecismo infantil, além de realizar outros trabalhos voluntários.

No segundo grupo, os entrevistados que expressaram certo temor/incertezas quanto ao futuro são duas: Pompeia e Neide. A primeira fala prontamente que deseja viver com autonomia sem depender de ninguém, porém diz sobre o direito de ter o aparato de paramédicos, evidenciando certa aceitação quanto à necessidade de ser cuidada no futuro. Ela diz: “Ó minha filha, meu plano é viver muito. Ter o direito de estar com paramédico, ter paramédico, ter a minha casa e não precisar depender de ninguém para me carregar para lugar nenhum em cadeira de rodas.”. Parece que a autonomia desejada por ela é de continuar a decidir sobre a própria vida e realizar o que deseja. Por isso, afirma que quer permanecer em sua casa e prefere receber cuidados dos paramédicos, profissionais remunerados que no exercício do trabalho, provavelmente, não suscitariam na entrevistada qualquer sentimento próximo ao de sentir-se um incômodo, como poderia ocorrer caso a família ficasse a cargo de cuidá-la. Por outro lado, a ênfase dada ao querer receber cuidados específicos de paramédicos pode também significar que não precisará submeter-se à organização e rotinas de outras pessoas, mantendo-se, de certo modo, no controle da casa e de sua vida.

De qualquer modo, pressuponho que esta noção de receber cuidados de especialistas na velhice advém da época da invenção da terceira idade que, segundo Debert e Simões (1994), na França, a partir de 1967, formalizou sistemas de instituições e agentes que se interpuseram entre as gerações na família com a função específica de tratar da velhice.

Outro aspecto instigante é que a entrevistada declara fazer planos, mas acredita não serem possíveis de se realizarem e, ainda, denega ao dizer que não inventa nada de ruim: “Meu plano é viver maravilhosamente bem igual está agora. É o plano, né? Plano, só plano, vontade se estiver possível. Mas, é quase impossível alguém fazer, né? Pode me levar para um asilo, cuidar em casa, sei lá, morar nesta escadaria aí, talvez não, né? Muita coisa boa. Eu não invento nada de muito ruim não.”. Esse discurso de elaboração confusa demonstra o temor que Pompeia sente quando não há certeza de como estará no futuro, mesmo que deseje não depender de ninguém.

Neide pareceu-me, inicialmente, ter boas perspectivas para o futuro quando afirma que deseja a felicidade: “O que eu quero no futuro é ser feliz, continuar sendo feliz. Só por amor vale a vida, só pela felicidade vale a vida, tá? Se você não é feliz, eu acho que não vale a pena viver.”. Apesar de essa frase anunciar a felicidade desejada pela entrevistada, pareceu-me que esse discurso é semelhante àquelas frases prontas de afirmação positiva para serem indefinidamente repetidas ou algo do tipo, geralmente, encontrado em livros de auto-ajuda,

que prometem o passo-a-passo para se alcançar o que se deseja, já que promulgam a ideia de que somos a própria chave da nossa felicidade. Certamente, houve momentos na vida, que Neide sentiu-se mal-amada, carente e desamparada, mesmo rodeada por pessoas que a amem. E talvez por querer se afastar destes sentimentos contraditórios, já que afirma ter a “vida que pediu a Deus”, Neide reafirma como num slogan que se sente amada e feliz.

Entre os entrevistados que acreditam não ser possível mais projetar um futuro ou que negam o futuro, situo Nádía e Norberto. Ela afirma que não tem muitas expectativas para o futuro: “Para o futuro? Ih (risos). Ah, eu não sei. Nesta altura dos acontecimentos não posso pensar no futuro. Futuro, agora, está nas mãos de Deus. Ele é quem sabe o que vai acontecer comigo [...]”. Vale lembrar que a entrevistada declara que está muito difícil sustentar-se ativa nas relações sociais e fisicamente independente quando o processo de envelhecimento lhe escancara a decrepitude corporal percebida nas perdas da visão, audição e autonomia para relacionar-se socialmente: “O quê que estou fazendo aqui ainda? [...]. Digo o quê que eu faço?”. Mesmo que pareça perdida quanto ao que pode fazer no futuro, a entrevistada não deixa de realizar tarefas no dia-a-dia e permanece desejando um futuro de não dependência: “[...] eu não quero ser dependente das pessoas [...]”. Mas, mesmo na vivência da senescência, Nádía não desiste de viver na ativa: “o quê que há, não é porque estou com 91 anos, 92 anos que vou deixar de fazer”.

Norberto declara que quando jovem não se preocupava com o futuro: “Naquela época que eu trabalhava com meu pai, eu tinha quinze anos, não tinha preocupação com futuro, nem nada [...]”. Depois, o entrevistado afirma: “(risadas). Hoje eu estou pensando mais é no passado.”. Isso pode tanto significar que Norberto vive uma fase da vida na qual tem pensado mais sobre o passado do que jamais pensou em outras épocas de sua vida. Utiliza-se da palavra mais para quantificar o quanto o seu pensamento, atualmente, está menos direcionado para o presente e futuro. E, isso não significa dizer que o entrevistado esteja fixado ao passado, mas, possivelmente, um pouco saudoso, quando revela que no passado estão as lembranças: “São as lembranças, né? São as recordações.”.

Mucida (2009) elabora que recordar o tempo para revitalizar o presente é diferente de viver no passado, desenlaçando-se do presente e do futuro. A autora esclarece que a memória constitui-se de marcas que não se apagam, assim, não podem ser lembradas ou totalmente relembradas, porque não estão relacionadas diretamente aos fatos e sim às impressões percebidas, assimiladas e imaginadas de experiências de vida que retornam em lembranças e recordações. Para a autora (2009), a memória é o único modo possível de transportar e preservar o passado no tempo presente. Desta forma, algumas pessoas recordam o passado

para revitalizá-lo no presente e outras, numa nostalgia, se agarram ao tempo passado, alienando-se do tempo presente sem desejo e perspectivas de futuro. Deste modo, quando Norberto afirma recordar mais o tempo passado, pode-se supor que ele reedita ou transcreve as suas lembranças de acordo com a experiência de vida atual, ou supor que ele esteja fixado nas lembranças do passado sem desejar estabelecer conexões com o presente. No caso, o importante seria ele saber que não há como anular o tempo presente e viver do passado, porque esse jamais retornará como foi vivido; afinal, são apenas lembranças.

Pressuponho que a noção elaborada por Mucida (2009) de passado reeditando o presente pode completar-se com a perspectiva de Bosi (2007) ao dizer que a lembrança na memória dos velhos é diferente da dos adultos. Vale a leitura da citação:

O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado; mas, quando o faz, é como se este lhe sobreviesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez.

Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. (BOSI, 2007, p.60).

Diante dessas declarações, considero que Norberto vive um momento de saudosismo para reeditar a vida, pois demonstra interesse no futuro ao anunciar expectativas de chegar aos 100 anos quando diz: “Futuro? (risadas). É curto. Nossa Senhora! Se eu chegasse aos cem anos, faltam só dezesseis anos só, né? Se eu conseguisse viver cem anos, mas eu não chego lá de jeito nenhum.”.

O entrevistado parece ter perspectivas para o futuro, mas vacila ao contabilizar que são necessários 16 anos para chegar aos 100 e, então, parece considerar que lhe resta pouco tempo de vida. Mas, ao mesmo tempo, 16 anos vividos na velhice podem significar muito tempo quando equivale enfrentar o acometimento de doenças e a capacidade de longevidade prescrita na sua genética, já anunciada acima da expectativa de vida da família: “Ainda mais hoje, com bronquite, né? E tem princípio de enfisema também, sabe? E, lá na minha família, eu acho que eu estou batendo o recorde de idade, sabe? (risadas). Ninguém nunca passou de 70 não.”. Então, o entrevistado até parece desistir de ter projetos de vida quando se ocupa em contabilizar o tempo enquanto um pouco que lhe resta e ao dizer que não tem ambição: “Não tenho mais ambição de nada não, né? Com idade, agora, vou deixar por conta dos filhos.”. Porém, o entrevistado denega que não tem ambição e isso pode significar que ainda mantém certa ambição sim. No dicionário, ambição significa: “desejo de riquezas; de poder, de glória



ou de honras; aspiração, pretensão; cobiça (HOUAISS, 1995, p. 60). E, o termo projeto significa plano para a realização de um ato: desígnio, intenção (HOUAISS, 1995, p. 741). As palavras não são sinônimas, então, mesmo que o entrevistado não tenha mais tanta ambição, isso não implica em dizer que desistiu de ter projetos na vida.

Para concluir, considero que as perspectivas de futuro declaradas pelos entrevistados estão intimamente relacionadas com a imagem corporal, de modo que a percepção atual do quanto são capazes, independentes e produtivos é que gera a projeção de perspectivas promissoras ou não para o futuro.

## **6.6 Parceria amorosa**

A expressão parceria amorosa ou conjugalidade corresponde nesta dissertação ao “espaço do casal, os sonhos, os projetos em comum” (VIEIRA, 2009, p.48). Todos os entrevistados declaram estar casados ou já terem se casado. Atualmente, Paulo e Norberto permanecem casados com a mesma esposa há mais de 50 anos e Neide vivencia há 19 anos, aproximadamente, a experiência de um segundo casamento. Nádia, Nívea, Pompeia e Neto são viúvos.

Os entrevistados afirmam que acontecem comumente desavenças no dia-a-dia do relacionamento conjugal e acreditam que isso seja comum entre outros casais. Inclusive, Neto declara: “[...] como todo casal, tinha algumas coisas que a gente discordava, concordava, mas eu vivia bem com ela [esposa].”. Norberto parece universalizar a própria vivência do casamento quando afirma que “É. Igual ao de todo mundo, né. É bom, já passamos cinquenta anos, bodas de ouro [...]”.

Os filhos, netos, genros e noras são sempre mencionados como parte importante para a manutenção do casamento, principalmente quando o relacionamento amoroso e sexual do casal transparece ter-se transformado em outro sentimento. No caso, Norberto deixa esta impressão ao denegar que o casamento não sofreu problemas graves por causa dos filhos e netos: “Quatro filhos, cinco netos, então, não teve problema nenhum não, mais sério não, sabe.”. Paulo já afirma veemente que a família sustenta o relacionamento: “Então, vivendo assim: os meninos ajudam e os netos também ajudam o casal na convivência para viver mais tempo.”.

Quando o relacionamento conjugal passa a ser comparado a um vínculo de amizade pode significar que com o tempo a relação vai sendo pautada mais por um sentimento de amizade do que de amor e desejo sexual, como declarado por Norberto e Paulo.

Norberto, de modo mais tímido, comenta como percebe o relacionamento com a esposa: “Foi bom, foi um papel de irmão, né?”. Inclusive, ao utilizar-se do tempo verbal no passado, Norberto parece demonstrar que atualmente a percepção do relacionamento conjugal modificou-se. Paulo revela: “vou falar a verdade, a gente já está vivendo mais que amigo, né?”. A expressão “mais que amigo” pode adquirir sentidos variados, sendo um deles identificado como a relação de amizade que consente o relacionamento sexual. E, o outro sentido pode ser percebido quando não há atividade sexual, companheirismo e/ou cumplicidade entre o casal, conforme relata Paulo: “[...] o relacionamento é mais ou menos. Marido, mas não é muito bem relacionado não. É um pouquinho complicado, mas dá para viver.”. Percebo que para Paulo o sentido de marido está relacionado apenas à posição que ocupa no casamento e contrário ao sentido de companheiro, quando reclama que não fazem programas juntos: “Mulher? Não importa não, a hora que for que [Paulo chegar à noite em casa] ela não está nem aí.”. Depois, comenta que fica impossível fazerem planos para viajarem juntos, pois: “Ela quer ir aonde eu não quero. Então, aonde ela quer ir, talvez, eu não quero. Então, fica com esse pouquinho de dificuldade para gente viajar. Fica meio difícil.”. Contudo, Paulo declara que sai todos os finais de semana à noite para dançar e a esposa não o acompanha: “Eu, por exemplo, eu estou dançando direto, né? É. Toda sexta-feira, sábado e domingo eu vou dançar lá nos Aposentados [clubes]. Se não tem ali, eu saio para outro lugar. Eu nem vou falar que ela importa. Eu nunca falei para ela não me acompanhar.”. Mesmo mantendo-se no casamento, Paulo demonstra não ter relação de parceria/companheirismo com a esposa, conforme declarou que ele e a esposa não têm interesses em comum, eles não fazem programas juntos e não têm relação sexual. Parece que Paulo também não se esforça em investir no relacionamento, já que adota uma posição autocentrada quando coloca os próprios desejos em cena e não demonstra preocupar-se com os da esposa.

Diferentemente, Neide, professora de dança de salão, valoriza ter o marido como parceiro: “[marido] veio me ajudar a dar aula, o nosso relacionamento é muito bom é nisso: na música mais ainda, sabe? Porque você tem que viver paralelo com a pessoa que você está.”.

Neide relembra quando o atual marido lhe pediu em namoro: “Ele era muito interessante, muito gente boa, ele é muito meu amigo, a gente estava sempre juntos ali no apartamento onde ele morava, né. Aí, ele me perguntou: ‘você quer namorar comigo?’. Eu fiquei: ‘uai menino, o que você está achando, né?’ (risadas)”. Na fala, Neide relembra a sua

história utilizando-se do tempo verbal no passado, afinal trata-se do tempo do início do namoro. Porém, na mesma frase, Neide utiliza-se do verbo no tempo presente quando fala do sentimento de amizade pelo marido: “ele é muito meu amigo”. Nesse caso, parece permanecer um sentimento de amizade no relacionamento amoroso de Neide, diferente do sentimento de amizade declarado por Norberto e Paulo. O sentido desta amizade entre Neide e o esposo fica esclarecido na declaração: “A gente vive maravilhosamente bem. Tudo que eu gosto, ele gosta; tudo que ele gosta eu gosto, porque nós dois, primeiro, eu não vou tirar a peteca dele. Ele gosta de dançar, eu também gosto. Ele gosta de passear, eu também gosto”. Neide percebe o marido como “Um companheiro. Um companheiro, sabe? Muito, muito companheiro mesmo. Eu nunca tive alguém tão companheiro como ele, sabe.”.

No momento da entrevista em que falávamos sobre casamento e família, pedi para Neide dizer quantos filhos são do primeiro casamento, quantos do atual marido e situar os netos. Ela diz que teve filhos somente do primeiro casamento e, depois, completa: “Só tive filhos, não tive netos. Tive dois netos do primeiro casamento, da minha filha adotiva.”. Chamo atenção para o modo como a entrevistada retoma a declaração para dizer que teve sim dois netos referentes ao primeiro casamento e não cita que ela tem mais dois netos que são filhos de sua outra filha com o primeiro marido. A minha hipótese para isso é que a entrevistada considera os seus netos também netos do atual marido mesmo sem ter tido filhos com ele. Assim, a noção de neto fica articulada à época de nascimento dos netos e ao período de seus casamentos, desconsiderando o fator legal do registro de nascimento a favor do fator afetivo da relação. Legalmente, o registro de nascimento contendo os nomes dos avôs dos netos é o documento que prevalece para certificar se os netos são do primeiro ou atual marido. Mas, no caso dessa entrevistada, os seus netos nascidos na época do primeiro casamento são considerados netos do primeiro marido, e aqueles nascidos no período deste segundo casamento são netos do atual marido, mesmo tendo no registro de nascimento o nome do outro avô. Acredito que essas correspondências datadas e elaboradas por Neide são construções para sustentar a prevalência das relações afetivas e de convivência na família dela, apontando-nos um novo jeito particularizado de constituir a relação familiar.

Nas declarações de Paulo localizo certo desejo em retomar o casamento enquanto relacionamento amoroso e/ou sexual ativo quando denega ao declarar: “Ih, eu mais ela, não dá chance não”. De qualquer modo, noto que há certa inibição quanto à demonstração deste desejo sexual quando novamente denega: “Hoje eu não penso em namorar mais não!”.

Quanto aos entrevistados que são viúvos, Nívea relaciona a experiência do casamento à vivência amorosa com o marido como insubstituível: “Nossa, foi tão boa que hoje até falei,

uma pessoa brincou: ‘Ó Nívea, você não vai casar, não?’ E, eu falei: ‘não vou, porque não encontro um marido igual aquele nem de vela acesa’ (risadas)”. A condição de que não vai encontrar um marido tão bom quanto o primeiro para casar-se novamente, de certo modo, retira o foco da falta de desejo de Nívea, no momento, para outra vez relacionar-se amorosamente. Relembro que o período de luto pela perda do marido foi conturbado para a entrevistada, sendo inclusive internada por um período extenso na Unidade de Tratamento Intensivo - UTI.

Nívea comenta que percebia o relacionamento do casal modificado devido ao nascimento dos filhos: “[...] principalmente quando a gente tem filho numa faixa que exige muito da gente. Então, a gente vai para o lado dos filhos, vai ajudar na criação dos filhos e vai atender os filhos e deixa o marido de lado. Coitado! Fica até um pouquinho jogado mesmo”. A fala de Nívea revela algumas questões interessantes: o quanto os cuidados com o marido e com os filhos ficaram ao encargo dela. Na fala seguinte, entende-se que Nívea apresentou pouca disponibilidade para o relacionamento conjugal quando diferencia a sua posição como mãe e mulher na família, apesar de afirmar que não é uma tarefa fácil: “Então, fica assim, um período, longo período, né? Que você está dedicando para o filho que é difícil, mas depois você vê que aquilo vai suavizando, os filhos vão casando, né? Então, a gente vai tornando a viver aquela a vida a dois. Retorna o namoro, né? Acaba retornando o namoro, né? Que tem uma época que não dá mesmo.”. Depois, Nívea parece universalizar este sentimento de divisão entre ser mãe e esposa/mulher: “É. Muito envolvido. Todo mundo que é mãe e tem filho não tem vida diferente dessa não. Então, é uma vida assim que...”.

Neto fala do sentimento que a ausência da esposa falecida, lembrada como uma companheira, lhe causa: “[...] quando a gente tem alguém, tive durante muito tempo, eu fui casado durante 51 anos, isso aí é uma coisa que a gente perde uma companheira de 51 anos [...]. Ela também vivia bem, até que ela me deixou, e durante esse tempo todo, a gente sente um mucado de solidão [...]”. Inclusive, o entrevistado revela que a primeira iniciativa para reorganizar o seu trabalho de médico não foi exatamente e/ou somente por sua idade avançada, mas para acompanhar a esposa adoecida:

Depois que ela [esposa] adoeceu e teve uma fase já com a doença mais insustentável, eu parei com a obstetrícia porque a obstetrícia não tem horário, né. Nascer menino não escolhe hora, às vezes chamava e eu ia para o hospital à noite e acompanhava o parto, às vezes voltava no dia seguinte e horas depois, chegava em casa e tinha outro chamado, outro, ainda mais de parto, sabe. Então, eu larguei por isso, para não deixar ela sozinha em casa, eu fui e deixei a maternidade, primeiro. (Neto, 86 anos).

Não consigo deixar de notar a delicadeza de Neto quando na citação anterior declara: “deixei a maternidade, primeiro”. Particularmente, considero essa expressão linda, porque penso que transmite a dimensão do sentido do que é o trabalho de obstetrícia na vida de Neto, e ele escolhe deixar essa maternidade para estar junto da esposa.

Neto também considera que a independência das filhas colaborou para mantê-lo unido ainda mais à esposa em vida: “eu era a família dela, porque os filhos, cada um fez sua vida e foi viver sua vida, nessa parte.”. Ele apresenta na entrevista o tema da sexualidade como outra parte relacionada ao casamento e à viuvez, respectivamente, quando afirma: “A parte da sexualidade, depois de uma certa idade, a gente não é o mesmo que era antes, então a gente se arranja como pode, isso [sexualidade] é uma das coisas também que faz falta, porque o sexo não é só relação, é contato, companheirismo, essas coisas.”. Diferente de Norberto e Paulo, Neto fala sobre o desejo sexual que sentia pela companheira e deixa entender que o casal reinventava a relação sexual conforme o passar da idade.

Neide declara sobre a experiência de casar-se com o segundo marido mais novo do que ela: “[...] é uma pessoa que, que me faz muito bem, que é uma pessoa maravilhosa; 24 anos mais novo do que eu, que é uma pessoa muito especial na minha vida [...]”. Um dos segredos deste casamento está no relacionamento revelado por Neide: “Porque se você começar a cruzar o caminho um do outro, as coisas começam a não dar certo. E, a gente vive paralelamente: ele gosta das coisas dele, eu gosto das minhas coisas; eu respeito e ele me respeita.”. Anteriormente, Neide disse que o casal faz muitas atividades juntos e gosta das mesmas coisas, agora afirma que ambos têm as suas vidas paralelas; e isso não me pareceu contraditório e sim enriquecedor para que essa parceria amorosa mantenha-se na vida dos dois.

Outro aspecto interessante do casal é quando afirmam ter a mesma idade não cronológica: “Eu com quase 50 anos, quarenta e nove anos, eu tinha. E ele tinha vinte e quatro anos; então, era muita diferença entre nós dois, e ele falou: ‘você não tem diferença nenhuma de idade pra mim, não é questão de idade’ e, então, vamos namorar.”.

Neide revela que tem uma vida sexual ativa com o marido: “Mas, sexualmente nós somos muito bem, muito bem mesmo, sabe?”. E, ao recomendar o namoro, parece significar que não tem data e nem idade para acontecer entre os casais: “Eu aconselho a todos namorar mesmo, namorar, namorar é bom demais. Muito bom. Eu acho que quando você está namorando você está plantando alguma coisa [...] para que amanhã seja mais feliz e, depois de amanhã, seja mais feliz ainda [...]. Ih, eu namoro demais, eu namoro demais, graças a Deus.”.

Para finalizar, proponho refletir que a conjugalidade e a imagem corporal têm como ponto comum a presença efetiva de outro semelhante significativo para a construção e manutenção da imagem de si mesmo. Então, acredito que este outro parceiro ou cônjuge pode fazer a função de espelho para o outro na medida em que reflete reconhecê-lo ou não como indivíduo e parceiro na relação amorosa. E, como esse espelhamento acontece simultaneamente para ambos, pressuponho que a todo instante circunscreva os modos de parcerias, ou seja, as percepções de si mesmo e do parceiro, e os sentimentos evocados dessas percepções podem ordenar as parcerias de modo a torná-las idealizadas, conflituosas, submissas, amorosas, fraternas e/ou de cumplicidade, por exemplo. Assim, do mesmo jeito que os espelhos da vida podem refletir imagens com as quais nos identificamos ou não, e sentimos prazer ou horror, penso que o parceiro também possa refletir imagens que causem percepções diversas no outro, permeando entre o sentido e não sentido, e, causando, certamente, sentimentos que tendem à harmonia e/ou desavenças entre o casal. Para exemplificar, saliento uma das declarações de Neide na qual ela diz para o atual marido sobre o seu desconforto de ficar nua diante dele, devido ao seu envelhecimento e à diferença de idade entre eles. Nessa declaração, a entrevistada reflete uma percepção de si mesma ao expor seus sentimentos para o parceiro e, esse, por sua vez, ao retornar para ela a percepção positiva que ele tem sobre o corpo dela. Isso possibilitou que ela reconstruísse a imagem de si mesma, de tal modo que a entrevistada declara sentir-se segura e confortável, certamente, consigo mesma e na relação com o atual marido.

## **6.7 Finitude e morte**

O tema da finitude e morte, quando declarado nas entrevistas, aconteceu com certas particularidades: a primeira particularidade notória foi a de que poucos entrevistados comentaram sobre a perspectiva de sua morte. Nádia faz uma declaração que talvez nos permita dizer que pense na sua morte: “[...] a gente fica pensando: meu Deus, será que eu devo ficar tanto tempo para satisfazer a minha família, meus netos, meus bisnetos, que ficam: ó bisa, ó bisa, não vai cair [...]”. Diante dessa questão com Deus, pergunto: como essa pessoa percebe-se para interpelar o tempo de vida, ou seja, o quanto mais ela tem para viver, apesar de ter a demonstração de afeto dos familiares e amigos, e de não estar acometida por alguma

doença grave? Uma hipótese possível seria a vivência das consequências da velhice, de tal modo paralisante que a vida dela pode, em certos momentos, assemelhar-se com o sentido de outra forma de morrer em vida.

Nas entrevistas, ficou evidente que a maioria dos sujeitos tem dificuldades em “ficar parado” no seu dia-a-dia, contanto esse termo foi declarado pelos entrevistados e todos procuram se envolver com atividades diárias ou evitam ficar parados. Nádia diz: “Não sei ficar parada. Tenho que ter uma atividade, tem que ter uma coisa para fazer.”. Diante desse discurso, questões me convocam à reflexão: qual o sentido possível para essa noção “ficar parada” quando contraposta ao ter que fazer alguma atividade?

Na entrevista de Nádia, pode-se localizar que há uma queixa focada em torno das evidentes alterações do corpo, que são irreversíveis no decorrer do processo de envelhecimento. Ao retomar Jacob Filho e Souza (2000), pode-se constatar que dentre as transformações previsíveis no processo de envelhecimento estão a perda da acuidade auditiva e visual, a perda do equilíbrio e a diminuição da coordenação motora. E, estas consequências do envelhecimento são percebidas por Nádia ao relatar as perdas evidentes de capacidade auditiva, visual e de locomoção, e ao concluir: “é quase impressionante, agora que quase não posso fazer nada”. Ela revela-se surpreendida diante da sua condição orgânica e das devidas consequências que podem estar articuladas à fala de “ficar parada”, pois se trata de um corpo que, ao perder progressivamente as funções orgânicas, causa déficits na capacidade de realização de atividades, trabalho e relações sociais, conforme ela queixa: “Eu dava aula e agora todo mundo está querendo que eu retorne, mas não tenho mais condição por causa da visão. Não tenho mais condição. Eu estou reaprendendo agora a fazer tricô.”. Nesta fala, pode-se perceber que quem impõe a condição de “ficar parada” a Nádia é a própria decrepitude do corpo, desvendada de modo aparentemente súbito ao descobrir-se com dificuldades para tricotar, ler os jornais e revistas que tanto gosta, e de não poder manter a autonomia de ir e vir sozinha.

Portanto, conforme declaração seguinte, Nádia parece perceber que as perdas das funções e capacidades corporais são um dos modos do corpo resultar no inexorável da vida, que é a morte, pois conforme ela relembra: “[...] podia conversar. Tinha uma conversa tanto no telefone como socialmente, mas, de repente cai tudo. E, aí, perde a visão, perde a audição, e aí?”. A expressão “e aí?” pode corresponder à questão: o que vou fazer? Diante dessa questão, Nádia sabe que as perdas orgânicas lhe impõem modos de “ficar parada”. E, isso parece justificar a necessidade dela e, provavelmente, de outros entrevistados, em ocupar-se para não ficar parada e não pensar na sua condição humana de ser um ser para a morte,

conforme propõe Heidegger (*apud* ARAÚJO, 1983). Assim, parece que a entrevistada, diante deste inexorável da vida, não há muito o que fazer a não ser aceitar que a vida continue, conforme declaração seguinte: “Então, agora já não choro mais pedindo a Deus nada. Agora estou aceitando, né. Aceitando de o meu filho falar assim: mãe, segura o pé, mãe, pois vamos fazer a festa dos 100 anos.”.

Outra situação semelhante ao sentimento de morte em vida foi quando Pompeia relatou uma experiência de desavença com uma funcionária do clube no qual é sócia e finaliza a história com esta declaração: “Eu não sou mal educada, eu não calo para ninguém. Quando eu fico ofendida, não tem idade, não tem tamanho, [...], seja quem for eu não vou brigar, eu não vou falar palavrão; mas, eu vou mostrar para eles que eu ainda estou viva, uê.”. Pareceu-me que, para a entrevistada, a possibilidade de falta de atitude perante uma ofensa pode adquirir o sentido de estar morta diante das situações da vida. Ao mesmo tempo, penso que esse jeito deve-se provavelmente ao sentimento dela ser percebida como sem iniciativa ou algo semelhante devido a sua idade avançada, quando enfatiza a última frase com a palavra ainda: “eu ainda estou viva, uê.”.

Outra situação que pode corresponder a estas mortes simbólicas que ocorrem ao longo da vida é a dificuldade e o sofrimento explícitos de Paulo com o fato de ter-se aposentado e não conseguido elaborar o desligamento da empresa na qual trabalhou, de tal modo que já se passaram 16 anos e ainda ele diz que “até hoje sente” a aposentadoria.

Na sequência, a segunda particularidade notória define-se quando Paulo, Pompeia e Norberto apresentam o tema da morte de entes queridos e expressam sentimentos relativos a essas perdas. Pompeia afirma que a morte é o único motivo que a assusta na vida:

[...] mas, eu não assusto como aquela pessoa que assusta com as coisas; a não ser que eu tenha um motivo, igual eu tive: perdi meus filhos, perdi minha mãe, meu irmão e meu pai. Tudo, eu só para resistir tudo, não é fácil. Mas, eu achei que tirou um pouco do meu brilho. Eu não sinto mais emoção e vontade de fazer as coisas como eu tinha, né? (Pompeia, 78 anos).

Paulo declara que vivenciar a morte de familiares é diferente da morte dos outros: “[...] mas, então, quando mexe nas famílias dos outros, assim, eu não ligo muito não. Mas, quando você mexe na família da gente, o baque é muito.”. Na primeira frase, o termo mexe adquire sentido de morte. Na segunda frase, o verbo mexe ganhou o termo você como sujeito da oração, podendo o sentido da frase ser este: quando a morte mata na família da gente, o baque é muito. Ele define o sentido do termo baque: “A gente vai tomando aquele baque. É a



mesma coisa que enfiar a faca no coração e ela nunca chega lá e falta alguma coisa que fica rodeando ali para ir embora, né? Já é um susto.”. Assim, a morte causa um turbilhão de sentimentos que mexem com o entrevistado e com a estrutura e dinâmica familiar ao perder um dos membros. Também relata o que sentiu diante da morte dos irmãos: “Agora com a morte deste [irmão] também sofri, tive, sei lá, eu dei uma baqueada.”. O entrevistado comenta:

Quando eu perdi meu outro irmão também, que era meu afilhado de batismo também, este eu senti mesmo. [...] Ficou na minha cabeça e fiquei ruim. Eu estou achando que no dia que ele faleceu, eu tomei choque demais e poucos dias depois o trem [tremor nas mãos] apareceu em mim. (Paulo, 75 anos).

Norberto comenta sobre a morte de um amigo para dizer da sua dificuldade de viver na velhice: “Vê. Na idade, eu já estou com 83, vou fazer 84 agora em junho. Eu conheci, tive um amigo em Fabriciano, já falecido também na minha faixa de idade, e ele era meio filósofo, e isso ele falava: viver muito é castigo.”. Quando pergunto para ele se concordava com essa frase do amigo filósofo, ele disse que concordava e explica: “Concordo porque cada dia me aparece um problema de saúde diferente, né.”. Nessa frase, o entrevistado esclarece que sua experiência de velhice está marcada pelos adoecimentos. Porém, mesmo que concorde em dizer que viver muito é castigo, ao mesmo tempo, demonstra dificuldades em aceitar a morte quando diz: “É. Eu acho que morte é um troço, se foi Deus quem criou a morte, ele foi muito mal amado. É. Acho que ninguém deveria morrer não. Você sabe que espírito não morre, né?”. Assim, o entrevistado parece declarar que a absolvição do castigo de viver muito não cabe à morte. Em outro momento, Norberto afirma: “Eu gostaria de voltar depois de morto, eu gostaria de voltar, de qualquer maneira (risadas), até mesmo como um mosquito.”. No caso, a espiritualidade parece funcionar como suporte de significação da vida frente à vivência do incompreensível e incerto Deus, além de produzir a certeza de que em algum lugar não morreremos. E, outra situação paradoxal é quando esse entrevistado cogita a possibilidade dele viver até os 100 anos: “Se eu chegasse aos cem anos, faltam só dezesseis anos só, né?”.

A definição de morte dada por Norberto é semelhante à noção de inominável, o real que não é simbolizado e imaginado. A morte passa a ser significada de “troço”, uma palavra que denota qualquer coisa, porque Norberto, provavelmente, não encontra a palavra para significá-la, e isso, associado à vontade dele de que ninguém deveria morrer e à ideia de que o espírito não morre, pode indicar o previsto por Freud (1917[1915]/ 2006): a morte nos perturba de tal modo que tendemos a colocá-la de lado para não lidarmos com ela.

A terceira particularidade está no fato de Neto e Nívea comentarem sobre a morte do cônjuge somente quando apresento questões relacionadas na entrevista. Neto afirma: “até que ela [esposa] me deixou e, durante este tempo todo, a gente sente um mucado de solidão [...]”. Assim como Paulo, Neto não pronuncia a palavra morte, utiliza-se do termo “me deixou”, permitindo possibilidades de sentidos que somente o entrevistado poderia nos dizer.

Nívea revela que a morte do marido lhe causou muito sofrimento e, como Neto e Paulo, utiliza-se de outro termo para falar da morte: perder.

[...] o sentimento que eu tenho é de ter perdido meu marido, né? Então, isso me marcou muito ano passado. Eu estive doente, fui para a UTI, complicou muito. Mas, agora, este ano, pensei assim: vou começar o ano de 2008 de maneira diferente, porque minha família está acostumada a me ver muito dinâmica, trabalhando muito para tudo. [...]. Então eles [amigos] também sofriam com minha, minha tristeza, aí eu [...] eu falei: não, eu vou começar as minhas atividades, e voltei para tudo. E, hoje, eu estou, assim, sempre com pesar, porque a saudade fica. Mas, estou dando conta [...]. (Nívea, 73 anos).

A declaração demonstra claramente todo o processo da vivência temporária do período de luto proposto por Freud (1917[1915]/2008): inicialmente, Nívea fala que sofreu de modo tão pesaroso que “marcou” o corpo a tal ponto de ser internada numa unidade de tratamento intensivo. Mas, conseguiu concluir o processo de luto quando decide voltar “para tudo”, apesar das saudades. Fico pensando que a morte de cada ente querido faz marcas no corpo daqueles que vivem o luto e, assim, acredito que Nívea, ao dizer que retorna “para tudo”, está diferente pelo sofrimento da perda. No dia da entrevista, ela mostrou-me o seu altar no cantinho do seu quarto no qual reverencia alguns dos familiares mortos com fotos, velas, orações, bíblia e imagens de anjos e santos. Talvez, um modo de simbolizar ou escrever as perdas de pessoas queridas. Certamente, a crença na representação desse altar é que lhe possibilita certa proximidade com aqueles que já morreram e alguma tranquilidade para seguir a vida.

Seja a morte física de entes queridos ou as outras mortes simbólicas que acontecem ao longo de nossas vidas, a morte é muitas vezes declarada nestas diversas palavras “coisa”, “troço”, perda e/ou abandono; termos que parecem não comportar todas as dimensões de sentimentos indescritíveis e sofrimentos que a morte pode causar em cada um nós. Diante da morte de pessoas queridas, nada mais sabemos, além da nossa própria dor. E, quanto a nossa morte, Freud (1917[1915]/2006) já dizia que é impossível para as pessoas imaginarem a própria morte. Assim, pressuponho que a nossa morte não pode ser imaginada, porque ela não concerne ao registro das imagens corporais e sim daquilo que denominamos de inominável,

sem imagens e registros. Na psicanálise lacaniana, a denominação dada ao registro das imagens é o Imaginário, às inscrições e nomeações ao registro do Simbólico e àquilo de que nada sabemos ao registro do Real. No caso, pressuponho que a nossa própria morte está no registro do real. Não reflete nos espelhos, não tem consistência, aparência e forma, e não tem o outro para nos dizer sobre a mesma. Na nossa própria morte não há qualquer possibilidade de espelhamento, pois acaba-se a reflexão exatamente no momento em que a vida se esvai do corpo.

Assim, aprendemos com o poeta Carlos Drumund de Andrade “Como encarar a morte” no fragmento “Sem vista” (ANDRADE, 2007, p. 57):

Singular, sentir não sentindo  
ou sentimento inexpresso  
de si mesmo, em vaso coberto  
de resina e lótus e sons.  
Nem viajar nem estar quedo  
em lugar algum do mundo, só  
o não saber que afinal se sabe  
e, mais sabido, mais se ignora.

Contudo, na ignorância de saber, parece-me que sabemos ser possível antecipá-la na imagem de decrepitude do corpo que direciona ao “ficar parado”, como no caso de Nádia. Há uma passagem na obra de Erikson (1998, p.95) na qual ele afirma que a atenção das pessoas aos 80 e 90 anos está focada na perda de capacidades e na desintegração, de tal maneira que o funcionamento do corpo tem por objetivo simplesmente o de chegar ao final do dia intacto, independente das satisfações ou não com a própria história de vida. Semelhante ao momento de vida de Nádia, Erikson (1998) nos fala também de uma preocupação de manter-se em “funcionamento cotidiano”, o que pode equivaler ao não “ficar parado”, manter-se vivo.

Acredito que todos nós já pensamos algum dia na nossa morte, independente de estarmos na velhice. Entretanto, na velhice esses questionamentos apresentam-se com maior frequência, pois pela lógica natural é a fase da vida com maior proximidade da morte. No caso dos entrevistados, penso que eles se preocupam muito mais com o modo pelo qual vão viver até os seus últimos dias do que, propriamente, com a morte. Todos entrevistados declararam certo receio com a relação saúde-doença, inseguranças quanto ao fato de poderem perder as faculdades mentais e a autonomia para ir e vir, apresentando um estado de grave dependência. Assim, muitas vezes, a morte pode ser percebida como uma saída desejável para não ter que se deparar com a decrepitude e senilidade, possibilidades que podem acometer

qualquer pessoa. É certo que essas possibilidades têm critérios que indicam maiores riscos para uns e menores para outros, mas todos estão passíveis às debilitações corporais. A expectativa dos entrevistados é que possam permanecer ativos e independentes enquanto viverem.

## 7. CONCLUSÃO

A pesquisa *Eu, velho? Velhices e imagens corporais* possibilita compreendermos que os sujeitos da pesquisa, mesmo não tendo declarado explicitamente que se percebem velhos, estão perpassados pela questão, pois falaram e queixaram-se sobre as transformações corporais e consequências do processo de envelhecimento. Ou seja, os entrevistados percebem que envelhecem e até consideram que estão na velhice, mas não se dizem velhos. Então, podemos pensar que algumas premissas apresentadas no *corpus* teórico deste trabalho competem aos entrevistados: 1. Envelhecer sim, ficar velho não; 2. Velho é sempre o outro no qual não se reconhecem.

Pareceu-me que o termo velho faz sentido quando utilizado para se dizer de outra pessoa, ou melhor, para qualificar aspectos inerentes a essa pessoa. Dizer que o termo velho qualifica uma pessoa pode ser diferente de se dizer que o termo apenas caracteriza um dos aspectos da pessoa. No primeiro, pode-se pensar que a pessoa é por inteira contida pela nomeação reducionista de velha. Na segunda, a noção de pessoa fica ampliada quando a qualificação seria para apresentar alguns dos aspectos pessoais que são correspondentes à designação de velha. Analiso que essa sutil diferença foi apresentada pela entrevistada Nádia quando disse que seria até ridículo as pessoas dizerem que ela está velha somente pelo fato dela já não aguentar dançar tanto quanto antes, conforme retomo a declaração: “não falam esta palavra velha. Não falam não porque é até ridículo. Ah, por que sou velha? Não, eu acho assim, eu sou é, como é que chama? Vivida, a palavra vivida é que eu vivi estes anos todos [...]”.

A expressão “eu sou é vivida”, pronunciada por Nádia, traz a dimensão da imagem do que seja o indivíduo para todos os sujeitos de pesquisa: a sua história de vida. A entrevistada declara considerar o termo velho sem sentido quando utilizado para ela se identificar pessoalmente. Mas, pareceu-me possível para apontar algum dos aspectos apresentados no outro como, por exemplo, uma imagem que corresponda com aquela já construída, apreendida e projetada sobre a velhice, na qual rugas, desleixo com a aparência, determinadas idades e/ou a capacidade de movimentar-se independente são traços que reunidos podem indicar à entrevistada que uma pessoa está velha. E, isso dependente dos sentidos pejorativos e contemplativos que o termo possa ter para cada um.

Nos espelhos, pode-se pensar que a imagem de velho seria aquela que não reflete, porque há uma ausência de imagem ou a negação de uma imagem, pois ninguém se vê e

sente-se velho ou tão velho. Pensar a questão como ausência ou negação de imagem seria o mesmo que dizer que não existe o processo de identificação com a imagem de velho. Mas, por que os entrevistados não se veem ou sentem-se velhos? Talvez porque fica impossível ocupar uma posição imaginada e adjetivada pelo outro e na qual os entrevistados não se reconhecem como tal.

Outra hipótese seria porque na vida aprendemos a recusar os traços identificados como os de velhice e/ou porque essas características que marcam o corpo como velho “sempre” são percebidas nos outros e não no próprio sujeito. O não reconhecimento da própria imagem ficou denominado de estranho e familiar, podendo provocar certo sentimento de horror. Os entrevistados de pesquisa também declararam este sentimento de horror quando se deparam com suas imagens em fotografias, espelhos e filmagens, nas quais não se reconhecem.

A recusa de certa identificação também transpareceu nas declarações quando os sujeitos de pesquisa utilizaram da linguagem do outro, no termo você, para dizerem deles mesmos. E, também demonstraram uma provável dificuldade para lidarem com a projeção de suas imagens quando o riso tomava conta das declarações.

Este descompasso entre a percepção de si mesmo e o reflexo das imagens avistado nos espelhos pode ser discutido na psicanálise lacaniana como aquilo que não pode ser imaginado e simbolizado. E, isso pertence ao campo do real, aquela instância proposta como sem sentido, sem imagem e inominável. Entretanto, este real pode aparecer inesperadamente para o sujeito como sentimento angustiante e de horror, revelando-lhe ser castrado, faltoso, decrépito e mortal.

Nessa lógica, a noção de velhice poderia ficar articulada ao significado de prenúncio de mortalidade; entretanto, a morte ficaria marcada erroneamente somente para o final da vida. Contudo, pode-se pensar que a chegada à velhice é a certeza de maior proximidade com a morte, pois, a velhice nos escancara a finitude da vida pelas diferentes perdas e modificações corporais que devem ser reelaboradas no trabalho de luto e investidas libidinalmente.

A noção de velhice parece contemplar a capacidade de cada entrevistado em subjetivar as transformações advindas com o tempo, quando consideramos que, de certa forma, eles estão atravessados ao que foi estabelecido teoricamente neste trabalho sobre o conceito de velhice nas perspectivas social, biológica e psíquica. E, isso implica, necessariamente, em pensarmos o tema da pesquisa na pluralidade: velhices e imagens corporais.

Portanto, pode-se perguntar: como o velho percebe a própria imagem corporal? Uma primeira resposta: pluralizada. Os sujeitos da pesquisa elaboram uma diversidade de imagens

corporais a partir da percepção de suas experiências vividas ao longo da vida. Noto que, algumas vezes, tendem a ficar fixados no tempo passado, mas, na maioria, considero que eles reelaboram e lidam bem com as transformações advindas desta fase de vida, a velhice.

Uma segunda resposta: os entrevistados se percebem atravessados pelas imagens (corporais) vividas e elaboradas em relação à outra pessoa, imagens e/ou objetos contextualizados.

O mundo contemporâneo, caracterizado na prioridade da cultura da juventude, narcísica, individualista e consumista oprime, de certo modo, para que as experiências de velhice dos entrevistados sejam, na maioria, não de velhos, mas de homens. Digo isso a partir de Bosi (2007, p.18): “Que é ser velho?, pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.” Na sequência do texto, a autora apresenta outra reflexão:

Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E este outro é opressor. (BOSI, 2007, p.18).

Acredito que os sujeitos da pesquisa se empenham para manterem-se ativos, produtivos, independentes e autônomos no cotidiano de suas vidas porque sabem que assim preservam a possibilidade de serem considerados homens, ou seja, sujeitos e não velhos. A maioria dos entrevistados relata que causam a impressão de que não são velhos ou tão velhos, já que apresentam qualidades apreciadas no mundo atual: trabalho, independência, autonomia e qualidade de vida. Uma sociedade certamente opressora quando oferece oportunidades ilusórias para a pessoa manter-se longeva contrapostas ao real do corpo, que decai e é mortal. E, quando esse momento de declínio corporal torna-se íntimo pela maior evidência, como na percepção de Nádia, ela sente-se angustiada, porque não sabe o que mais fazer contra as perdas do envelhecimento, ou, como no caso de Pompeia, quando afirma se sentir inútil porque não trabalha.

A sociedade parece-me como um grande espelho que projeta uma ilusão, ou numa linguagem psicanalítica, um convite ao gozo, pois reflete um engano quando propõe a possibilidade de manter-se uma imagem ideal sobre o real do corpo envelhecido a partir de muitas intervenções corporais, deixando explícita a não aceitação da velhice. Não quero fazer apologia da imagem de velhice decadente e sem a utilização dos recursos tecnológicos avançados e disponíveis no mercado, mas acredito ser possível pensar nas tecnologias como

instrumentos disponíveis para discutirmos, segundo Bosi (2007), como um sujeito pode permanecer sujeito mesmo na velhice.

Por outro lado, com todos os reveses possíveis da cultura atual ao “combater” a velhice, considero existir aspectos positivos quando transforma a noção de juventude expandida à qualidade de vida, possibilitando ampliar as perspectivas de vida dos velhos para além daquele estereótipo padronizado e no qual a felicidade parecia não lhes pertencer. Essa ideia corresponde ao que propõe Costa (2005) quando considera enriquecedor que a busca pela felicidade sentimental e a felicidade sensorial, no mundo de hoje, possa contrapor-se aos excessos do culto ao corpo, e, assim, os velhos serem beneficiados no ganho de qualidade de vida. Pressuponho que, nesse caso, não se trata de qualquer velho, trata-se, por exemplo, de homens/mulheres já perpassados pelas questões da contemporaneidade e com capacidades físicas, sociais e psíquicas para a transformação, que considero semelhante a dos entrevistados da pesquisa.

De modo peculiar, os sujeitos da pesquisa acreditam em seus potenciais, têm objetivos e perspectivas de futuro na vida e usufruem da vida de um modo ativo e participativo quando comparados aos velhos de décadas passadas. Parece-me que eles fazem questão de viver a vida e não passar pela vida, mas sem perderem seus princípios e sem se iludirem com a possibilidade de eterna juventude, apesar de não se reconhecerem como velhos. Retomo a questão sobre os sujeitos da pesquisa não se declarem velhos porque, dada a reflexão sobre a cultura atual, considero que essa amplia a identificação de juventude para todas as idades de tal modo que os aspectos aparentes e corporais de velhos já constituídos historicamente são intercambiáveis quando o sistema capitalista pareceu oferecer uma troca ao sujeito: mantenha-se longo, saudável e ativo no consumo de nossas subjetividades/produtos que tu não serás reconhecido como velho. E, essa proposta parece ser indecentemente tentadora e aceita não somente pelos velhos, mas por todos que almejam a manutenção da juventude.

Independentemente se, atualmente, os sujeitos de pesquisa exercem ou não a atividade profissional na qual se aposentaram, acredito que todos se percebem e sentem-se melhor identificados com a imagem de trabalhadores, porque o sentido dado ao trabalho pelo grupo de sujeitos que, hoje, trabalham adquiriu os sentidos de prazer, dignidade, proximidade e ajuda ao próximo. Ou seja, o sentido do trabalho na vida dos sujeitos que continuam trabalhando não permanece o mesmo, pareceu-me reelaborado à condição orgânica, social e psíquica de suas vidas atuais; e os aposentados que não trabalham recordam a época de trabalho com certa nostalgia ou como o tempo de maior sentido em suas vidas, apesar de, atualmente, buscarem por outras atividades substitutivas. Nesse grupo de não trabalhadores,



apenas um deles significa a aposentadoria como uma gratificação e reconhecimento pelos anos de trabalho, e valoriza o tempo de não-trabalho. De qualquer modo, os sujeitos da pesquisa respondem à cultura atual quando trabalham, mostram-se ativos, participam de programas direcionados à terceira idade e preocupam-se em realizarem atividades que possam combater qualquer sinal de inatividade.

Proponho pensar a relação de parceria amorosa e conjugalidade como imagens refletidas nos espelhos, considerando o estado de viuvez de quatro dos entrevistados. Nesses casos, as imagens refletidas nos espelhos são de uma parceria que causa saudades e a prevalência de boas recordações. Apenas para um dos entrevistados que a imagem refletida não é do marido falecido e sim do sofrimento vivido na relação, quando evoca lembranças de uma parceria de desencontros e sofrimentos.

No reflexo dos espelhos dos sujeitos da pesquisa casados, em um caso, a imagem que reflete é a do parceiro companheiro e amoroso. Nos outros dois casos, a imagem que perdura é a do tempo de casamento. Em síntese, os sujeitos de pesquisa viúvos e casados, atualmente, identificam suas parcerias nas imagens da saudade, do sofrimento, do parceiro e do tempo de casamento. As possíveis consequências para o sujeito que visualiza a imagem da saudade é saber conviver com a falta do parceiro; para aquele que visualiza a imagem do sofrimento é não significar toda possibilidade de parceria como um aversivo “interesse” sexual. As consequências prováveis para aquele que visualiza no espelho da parceria a imagem do próprio parceiro é viver uma relação amorosa compartilhada, e aqueles que visualizam apenas o tempo de casamento, certamente, já estão separados do cônjuge, paradoxalmente, pelo tempo de casamento que os une. Esses sujeitos estão, numa expressão popular, como “viúvos de mulheres vivas”.

De modo geral, pressuponho que os sujeitos da pesquisa estão identificados e prezam pelas possibilidades de se sentirem ativos através do trabalho, da convivência com os outros e na prática de atividades que lhes são prazerosas. Uma imagem idealizada, culturalmente, como da juventude, mas por que não pensar como Nívea? A juventude da velhice. Os sujeitos da pesquisa querem apenas sair bem nas fotos da vida, ultrapassando, ao próprio modo, os limites cerceados cultural, biológica e psiquicamente, e viver a vida para além das idades.

Pretendo concluir assim como iniciei o projeto desta pesquisa: realizada, inquieta e instigada. Realizada pela possibilidade desta pesquisa contribuir para a compreensão e estudo sobre as percepções e imagens que os velhos elaboram sobre si mesmos no mundo atual. Inquieta ao reconhecer que não foi possível elaborar toda a riqueza de material adquirido tanto do *corpus* teórico como das declarações dos sujeitos da pesquisa, possibilitando novas

incurções no material para outras pesquisas. E, instigada pelas muitas lacunas que se abriram no decorrer de toda a pesquisa, descortinando novos percursos para pesquisas, como, por exemplo, elaborar teoricamente a questão do descompasso entre a percepção do sujeito e a imagem de velho que os espelhos lhe retornam; a questão do trabalho como identidade favorável ao provável reconhecimento de um novo-velho, e outra questão possível, seria estudar como se estabelece uma parceria amorosa e duradoura quando o tempo de casamento ofusca a imagem do cônjuge? Deixo as minhas questões.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sônia (orgs.). **Ciências Humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. p.11-25.
- ANDRADE, Carlos Drumond de. Como encarar a morte. In: **Corpo**. 19º ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p.57.
- ARAÚJO, José Newton Garcia. **Tempo vivido: da filosofia do tempo à compreensão da experiência temporal**. Dissertação de mestrado em filosofia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FAFICH. Universidade Federal de Minas Gerais UFMG. Belo Horizonte, 1983.
- ARCELORMITTAL. Disponível em:  
<<http://www.acesita.com.br/port/fundacao/projeto.asp?chave=proOz8Z48>>. Acesso em: 29 jul. 2009.
- ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BARROS FILHO, Tarcísio Eloy Pessoa de; NAPOLI, M. M. M. . Aspectos Ortopédicos e Traumatológicos. In: CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de; PAPALÉO NETTO, Matheus. (Org.). **Geriatrics: Fundamentos, Clínica e Terapêutica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2006, v. 1, p.573-580.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERLINCK, Manoel Tosta. A envelhescência. In: **Psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000, p.193-198.
- BIANCHI, Henri. **O eu e o tempo: psicanálise do tempo e do envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 3ª ed.

BRASIL (1988). Constituição (1988) Constituição da República Federal do Brasil. In: ANGER, Anne Joyce (org). **Vade Mecum**: acadêmico de direito. 3 ed. São Paulo: Editora Rideel, 2006. Disponível em: <<http://www81.dataprev.gov.br/sislex/paginas/22/consti.htm#T8>>. Acesso em: 10 jun. 2007.

BRASIL (2007 a). **Idoso no mundo**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/idoso\\_no\\_mundo.html](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/idoso_no_mundo.html)>. Acesso em: 28 jun. 2007.

BRASIL (2007 b). Constituição (1988) Constituição da República Federal do Brasil. In: GOMES, Luiz Flávio (org). **Constituição Federal: Código Penal, Código de Processo Penal**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007. p.949. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br/leisdeidosos/politica>>. Acesso em: 28 jun. 2007.

BRASIL (2007 c). **Estatuto do Idoso**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm)>. Acesso em: 08 jun. 2007.

BRASIL (2007 d). MPDFT – MINISTÉRIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL E TERRITÓRIOS. Cartilha do Idoso. In: **MINISTÉRIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL E TERRITÓRIOS**. Disponível em: <[http://www.mpdft.gov.br/cartilha\\_idoso](http://www.mpdft.gov.br/cartilha_idoso)>. Acesso em: 28 jun. 2007.

BRASIL (2007 e). Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/ctps/idade.asp>>. Acesso em: 08 jun. 2007.

BRITTO DA MOTTA. Capítulo 8 – Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, Viana [et al.]. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006. p. 78-82.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 5ª reimpressão.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. v. 3, p. 253-340.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 6ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2001.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n. 34, 2007. p.1-18.

Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br>>;

<<http://www.anpocs.org.br/portal/content/view/70/>>;

<[http://www.anpocs.org.br/portal/publicações/rbcs\\_00\\_34/rbcs34\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicações/rbcs_00_34/rbcs34_03.htm)>. Acesso em: 28 jul. 2007.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: sociabilização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp - FAPESP, 2004.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, Guita Grin (org.). **Antropologia e Velhice**. Textos didáticos, IFCH/UNICAMP, n.13, mar.1994. p.07-30.

DEBERT, Guita Grin; SIMÕES, Júlio Assis. A aposentadoria e a invenção da “Terceira Idade”. In: DEBERT, Guita Grin (org.). **Antropologia e Velhice**. Textos didáticos, IFCH/UNICAMP, n.13, mar.1994. p.31-48.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Editora Perspectivas.

ERIKSON, Erik. **O ciclo da vida completo**: versão ampliada com novos capítulos sobre o nono estágio do desenvolvimento, por Joan M. Erikson. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: DEBERT, Guita Grin (org.). **Antropologia e Velhice**. Textos didáticos, IFCH/UNICAMP, n.13, mar.1994. p. 49-71.

FRANCE PRESSE. **Livro de fotos traz intimidade de Greta Garbo**. Paris, 2005.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u53465.shtml>>. Acesso em: 13 jun. 2008.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. IV, p.350.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XIV, p.77-108.

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XIV, p.165-222.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917[1915]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XIV, p.243-263.

FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XVII, p.235-273.

FREUD, Sigmund. O ego e o id e outros trabalhos (1923). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIX, p. 33-40.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XIX, p.191-199.

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade (1926[1925]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XX, p.81-170.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XXI, p.15-63.

FREUD, Sigmund. O Humor (1927a). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XXI p. 163-169

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização (1930[1929]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XXI, p.67-148.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXIII (1933[1932]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XXII, p.113-134.

FREUD, Sigmund. Algumas lições elementares de psicanálise (1940[1938]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XXIII, p.301-306.

FREUD, Sigmund. **Projeto para uma psicologia científica** (1950[1895]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XXII, p.335-400.

GERALDI, João Wanderley. A diferença identifica. A desigualdade deforma: percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sônia (orgs.). **Ciências Humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007, p.39-56.

GOMIDE, Adriana Dias; NOGUEIRA, Maria Luísa M.; BARROS, Vanessa Andrade de. Território e trabalho: condições e limites para as ações do sujeito social. In: MAYORGA, Claudia; PRADO, Marco Aurélio Máximo. **Psicologia Social: articulando saberes e fazeres**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.239-254.

GONÇALVES, V.E.R. **Direito Penal: parte geral**. São Paulo: Saraiva. 2005. 11 ed. Coleção Sinopses Jurídicas, v. 7.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005. 2 ed.

HOUAISS, Instituto Antônio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Editora objetiva Ltda. Versão 1.0.5a, nov. 2002.

IBGE (2000). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/idoso\\_no\\_mundo.html](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/idoso_no_mundo.html)>. Acesso em: 28 jun. 2007.

IBGE (2001). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População e Domicílios - Censo 2000 com Divisão Territorial 2001. Fonte: IBGE, **Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000** - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. NOTA : Informações de acordo com a Divisão Territorial vigente em 01.01.2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 29 jul. 2009.

IBGE (2004). População e Domicílios - Censo 2000 com Divisão Territorial 2001. Fonte: IBGE, **Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000** - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. NOTA : Informações de acordo com a Divisão Territorial vigente em 01.01.2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso: 29 jul. 2009.

JACOB FILHO, W.; SOUZA, R. R. Anatomia e fisiologia do envelhecimento. In: CARVALHO FILHO, E. T.; PAPALÉO NETTO, M. **Geriatría: fundamentos, clínica e terapêutica**. SP: Editora Atheneu, 2000, p.31-50.

JECKEL-NETO, E A; CUNHA GL. Teorias biológicas do envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de *et al.* (org). **Tratado de geriatría e gerontologia**. RJ:Guanabara Koogan, 2006. 2 ed. p.13-22.

JONES, Ernest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

KECK, Frédéric; RABINOW, Paul. Invenção e representação do corpo genético. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar**. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. v. 3, p. 83-105.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998. p. 98-103.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.



LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LUFT, Lya. **Secreta mirada**. 3ª reimpressão. São Paulo: Mandarin, 1999.

LUFT, Lya. **Perdas & ganhos**. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MANNONI, Maud. **O nomeável e o inominável**: a última palavra da vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

MARTON, Scarlett. **Café filosófico**: A vida profissional - *Workholic*. São Paulo: TV Cultura, 2005. 1 vídeo-disco (57 min): DVD.

MEIRELES, Cecília. Retrato Natural In: MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 2 ed.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. 2. ed. São Paulo: ALEPH, 1999.

MICHAUD, Yves. Visualizações: O corpo e as artes visuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. v. 3, p.541-565.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4ª ed. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1996.

MORAGAS, Ricardo. **Gerontologia social**: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

MOREIRA, Maria Ignez Costa. **Gravidez na adolescência**: análise das significações construídas ao longo de gerações de mulheres. 2001. 233 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. v. 3, p. 15- 82.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga**: envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NASIO, Juan David. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

NERI, Anita Liberalesso (org). **Desenvolvimento e Envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

NERI, Anita Liberalesso. Capítulo 7 - Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: FREITAS, Viana *et al.* **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006. p. 58-77.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e circulação dos sentidos**. 3 ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2008.

ORY, Pascal. O corpo ordinário. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. v. 3, p. 115-195.

PAPALÉO NETTO, Matheus. Capítulo 1 – O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termo básicos. In: FREITAS, Viana *et al.* **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006. p.2-12.

PAPALÉO NETTO, Matheus; PONTE, J. Envelhecimento: desafio na transição do século. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 1996. p.3-12.

PAPALIA, D.E.; OLDS, S.W. **Desenvolvimento humano**. Tradução Daniel Bueno. 7.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Envelhecimento e imagem**: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro. São Paulo: Annablume, 2000.

PIQUET, Geraldo José da Costa. Algumas considerações sobre o estágio do espelho. In: **Documentos**, n.13, ano VI, Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.corpofreudiano.com.br/txt2.htm>>. Acesso: 16 mai. 2009

TIMÓTEO. Prefeitura Municipal.

Disponível: <[http://www.timoteo.mg.gov.br/mat\\_vis.aspx?cd=5797](http://www.timoteo.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=5797)>. Acesso: 29 jul. 2009.

QUINET, Antônio. **Papéis do Simpósio**: o corpo e seus fenômenos. Simpósio do Campo Freudiano. Belo Horizonte: [s/ed.], 1988..

QUINET, Antonio. **Um olhar a mais**: ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 2.ed.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. 2. ed.

SILVA, Rita de Fátima da; JÚNIOR, Rubens Venditti; MILLER, Jussara. Imagem corporal na perspectiva de Paul Schilder: contribuições para trabalhos corporais nas áreas de educação física, dança e pedagogia. In: **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 68, enero 2004. Disponível em: <<http://efdeportes.com/efd68/schilder.htm>>. Acesso: 09 fev. 2009.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, Flávia de Paula. O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. VIII, n. 1, p. 86-95. mar 2005. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/8.pdf>>. Acesso: 18 ago. 2008.

SOHN, Anne-Marie. O corpo ordinário. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. v. 3, p. 155-195.

SOUZA SANTOS, Maria de Fátima de. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SCHILDER, Paul. **A Imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes. 1980.

SIGAL, Ana Maria. **A formação do eu (moi) em Lacan**: comentários para uma leitura do estádio do espelho. Disponível em:

<<http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/A%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20Eu.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2007.

STENGEL, Márcia. **Tradições, contradições, transformações**: a família sob a ótica de pais de adolescentes. 2004. 246 f. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TER um corpo, ser um corpo: máscaras de Orlan. In: FUENTES, M J S; VERAS, Marcelo (orgs.). **Felicidade e sintoma**: ensaios para uma psicanálise no século XXI. Rio de Janeiro: EBP, Salvador Corrupio, 2008. p.283.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas. 1987.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v.39, n.3, p. 507-514, 2005. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>>. Acesso em: 11 jul.2009.

VALLEJO, Américo. **Topologia de J. Lacan**: del narcisismo. Argentina: Helguero Editores, 1979.

VASCONCELOS, Fernando Antônio de. Responsabilidade do profissional liberal no código civil e no código de defesa In: **Revista Jurídica do ministério público**. Biblioteca digital do MP/PB 2007, p.388 – 414. Disponível em:

<<http://intranet.pgj.pb.gov.br:8080/dspace/handle/2011/42?mode=full>>;

<<http://intranet.pgj.pb.gov.br:8080/dspace/bitstream/2011/42/1/19.+RESPONSABILIDADES+DO+PROFISSIONAL+LIBERAL+NO+C%3%93DIGO+CIVIL+E+NO+C%3%93DIGO+DE+DEFESA+DO+CONSUMIDOR.pdf>>;

<<http://200.172.93.2:8080/dspace/handle/2011/42>>. Acesso em: 28 jun. 2007.

VIEIRA, Érico Douglas. **Os nós do eu com o nós**: individualismo e conjugalidade na pós-modernidade. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifca Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIEIRA, Rosana Figueiredo. **Identidade exilada**: vida e morte nas práticas asilares. Belo Horizonte: Newton de Paiva, 2004.

VIERECK, George Sylvester. **O valor da vida**: uma entrevista rara de Freud. 1926.

Disponível em:

<[http://www.sprj.org.br/2007/publicacoes\\_reportagens.php?reportagem=2646](http://www.sprj.org.br/2007/publicacoes_reportagens.php?reportagem=2646)>. Acesso em: 14 abr. 2008.

VIGARELLO, Georges. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: SANT'ANNA, Denize Bernuzzi de. (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.21-38.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. v. 3, p. 197-250.

WEINECK, J. Parte VI. Idade e esporte. In: WEINECK, J. **Biologia do Esporte**. Tradução Anita Viviani. São Paulo: Manole, 1991. p.319-351.

## APÊNDICE

### ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O roteiro para a entrevista está dividido em duas partes: na primeira, as perguntas são diferenciadas e específicas conforme os entrevistados participem ou não de programas direcionados aos idosos ou terceira idade. A segunda parte do roteiro será a mesma para todos os entrevistados.

#### Primeira parte:

- **Entrevistados Participantes:** Como você ocupa o seu tempo durante a semana? Qual o nome do programa que você participa? Há quanto tempo participa deste programa? Quais atividades você participa no programa? **Observação:** Provavelmente, essas questões serão respondidas na primeira pergunta. Mesmo assim, vou deixá-las aqui como guia para a entrevista. O que levou você a participar do programa? Quais os trabalhos você realiza no seu cotidiano?
- **Entrevistados Não Participante:** Como você ocupa o seu tempo durante a semana? Quais os trabalhos você realiza no seu cotidiano?

#### Segunda parte:

- Data de nascimento/Idade
- Como você se sente ao dizer a sua idade?
- Como você se percebe com essa idade/ com (...) anos?
- Como você percebe a sua imagem no espelho?
- Como você se vê/percebe nas fotografias e ou filmagens?
- Como você percebe o seu corpo?
- Como cuida do seu corpo?
- O quê mudaria no seu corpo?
- Você está casado? Viúvo? Divorciado (a) Solteiro (a)? Algum relacionamento amoroso?
- Fale-me sobre o que significa namorar na sua vida

Quais são os seus planos para o futuro?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)